

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL
MESTRADO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

PRISCILA CAMARGO REIS

**O ONIRISMO ATIVO DA LIBERTAÇÃO ANIMAL:
CONTRIBUIÇÕES PARA OLHARES NÃO-ESPECISTAS NA
EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

Rio Grande-RS

2013

PRISCILA CAMARGO REIS

**O ONIRISMO ATIVO DA LIBERTAÇÃO ANIMAL:
CONTRIBUIÇÕES PARA OLHARES NÃO-ESPECISTAS
NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação Ambiental.

Orientador:
Prof. Dr. Victor Hugo Guimarães Rodrigues.

Rio Grande – RS

2013

FICHA CATALOGRÁFICA

R375o Reis, Priscila Camargo

O onirismo ativo da libertação animal : contribuições para olhares não-especistas na Educação Ambiental / Priscila Camargo Reis ; orientação do Prof. Dr. Victor Hugo Guimarães Rodrigues. - 2013.

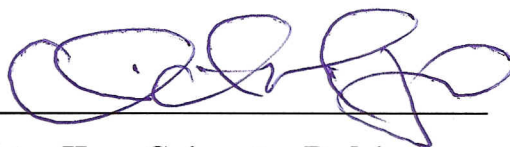
137 f.

Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) – Universidade Federal do Rio Grande, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Rio Grande / RS, 2013.

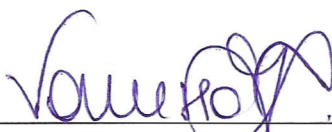
Catálogo na fonte: Bel. Me. Cibele Vasconcelos Dziekaniak
CRB10/1385.

O ONIRISMO ATIVO DA LIBERTAÇÃO ANIMAL: CONTRIBUIÇÕES PARA OLHARES NÃO-ESPECISTAS NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Dissertação aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação Ambiental no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Comissão de avaliação formada pelos professores:

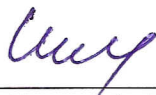


Dr. Victor Hugo Guimarães Rodrigues
(Orientador - FURG)



Dr.ª. Vanessa Hernandez Caporlingua
(PPGEA/FURG)

Dr. Thales de A. e Tréz
(UNIFAL)



Dr. Gomercindo Ghiggi
(UFPEL)

*A todos que ousam sonhar e viver seus
sonhos de um mundo melhor para
todos os seres.*

*“O que eu faço é uma gota no meio
do oceano, mas sem ela, o
oceano será menor”.*

Madre Teresa de Calcutá

AGRADECIMENTOS

*“Se fosse fácil achar o
caminho das pedras, tantas pedras
no caminho não seria ruim”.
(Engenheiros do Hawaii)*

Expresso minha gratidão a todos os que me ajudaram a concluir essa dissertação, que me exigiu grande superação, intensa dedicação e renúncias, muita paciência e várias lágrimas.

Agradeço primeiro ao meu pai, Vicente Reis, que mesmo discordando de todos os meus devaneios, acreditou em mim e nunca deixou de cooperar de todas as formas. Sem seu apoio eu nem mesmo estaria aqui. E sem seu estímulo eu não teria terminado o mestrado.

Agradeço à minha mãe, Rita de Cássia, por estar sempre ao meu lado e por ter me ensinado a amar os animais.

Agradeço imensamente ao colega, amigo e “co-orientador” informal, Cláudio Tarouco, cuja presença foi inestimável e fundamental ao longo desses anos. Seu carinho, dignidade, parceria e ótimas ideias alimentaram meu projeto, me impediram de desistir, nortearam minha pesquisa e me deram auto-estima.

Agradeço a CAPES pelo investimento com a concessão da Bolsa REUNI durante este processo, que inclusive me possibilitou ter uma experiência maravilhosamente enriquecedora como educadora ambiental na prática.

Agradeço a ajuda de Márcia Chaplin em diversas ocasiões vegetarianas e pela colaboração durante a oficina culinária da MPU. E a ajuda de Anne Farias na exposição interventiva que realizamos na biblioteca.

Às colegas Dayse, Karine e principalmente à amiga Débora Martins, pela companhia, opiniões, acolhimento em suas casas, ajuda em algumas atividades e valorização do meu trabalho.

À Rita e ao Gilmar, que sempre “quebraram meu galho” na secretaria.

À sangha de Pelotas sob coordenação de Zaira Schuch, que possibilitou que eu melhorasse minha compreensão do mundo, de mim mesma e dos outros, tendo um poquinho mais de lucidez.

À Zaira pela presença luminosa em minha vida.

Agradecimentos muito especiais são devido a ajuda inestimável durante uma das maiores dificuldades da minha vida a todos os membros do Núcleo Johrei de Pelotas, pelo socorro, por me ensinarem coisas preciosas, pelo carinho e por me apresentarem a educação através da beleza das flores, o que marcou bastante minha vida. Ao centro espírita Lar de São Francisco, pelas palestras, apometria e passes. À Carla e Hercília Gayer que me ajudaram durante minha crise. À massoterapeuta Marina e à terapeuta Eleci que me ajudaram a enfrentar os desafios, através de suas terapias. À colega Lila por me apresentar a Eleci.

Ao Baruk e à Mimi, meus amigos peludos que acalentaram minha passagem pelas terras frias do sul, me dando inúmeras alegrias.

Ao André Gayer pelas conversas noturnas e por ser um bom locatário, juntamente com sua mãe.

À Juliana Almeida pela amizade. À Juliana Norenberg pela cooperação e parceria, em especial durante a intervenção da banquinha.

À querida e amada amiga Larissa Gonçalves por me acolher vários meses em sua casa e por todo o carinho, amizade, cuidado e pelas conversas todas.

Aos amigos que mesmo à distância se fizeram presente, como as amigas Sueli, Mariana e Flávia.

Ao Daniel Almeida pela ajuda nas micro-intervenções e participação no vídeo. E por ter me carregado e segurado quando eu não conseguia levantar. Por todo apoio, incentivo e companheirismo.

À Prof^a Dr^a Vanessa Carpolíngua, pelas dicas preciosas durante a qualificação e pela ajuda para a finalização do mestrado.

Ao Professor Alfredo Martin, cujas aulas foram valorosas para minha vida pessoal e essencial para o progresso e concretização da minha pesquisa.

E finalmente, ao Prof. Dr. Victor Hugo, pela oportunidade.

RESUMO

Partindo-se de reflexões que envolvem a exploração animal com os três aspectos da ecologia e com o onirismo ativo vivenciado e propagado pelos defensores dos direitos animais, procurou-se criar dispositivos com micro-intervenções urbanas que foram realizadas em diversos espaços. Objetivou-se sensibilizar as pessoas através da Educação Estética para a condição que impomos aos demais animais. O trabalho apontou a importância do movimento de Libertação Animal para o contexto da Educação Ambiental, enquadrando-se nos estudos que relacionam ética, estética, saúde e educação. Buscou-se mostrar que a instrumentalização dos animais não-humanos perpassa por quase todas nossas atividades e não raras vezes, essas práticas estão igualmente associadas à exploração humana e ambiental. As intervenções foram capturadas em fotografia e filmagem e transformadas em um recurso áudio-visual. Procurou-se, desta forma, contribuir com a Educação Ambiental Não-Formal disponibilizando-se um material didático a ser utilizado enquanto fomentador de espaços de diálogo para problematizar a situação dos animais não-humanos e como ela também nos afeta, abrindo, assim, caminhos para que seja possível desenvolver uma Educação Ambiental com perspectiva da inclusão da consideração moral pelos animais. Esta pesquisa qualitativa apresenta cunho experimental e se propõe a ser produtora de reflexão a cerca do especismo e como ele se reflete em nosso *corpus* social, individual e educacional.

Palavras - chave: Educação Ambiental. Libertação Animal. Micro-intervenções. Produção de material didático. Video.

ABSTRACT

Beginning with reflections that involve animal exploitation with the three aspects of the ecology and the active oneirism lived and propagated by the animal rights defenders, we created urban micro interventions accomplished at many different places. Aiming to sensitize people through Aesthetic Education to impose the condition that the other animals this work indicated the contribution of Animal Liberation to the Environmental Education context. It is framed in studies that relate ethics, aesthetics, health and education. Search to show that the nonhuman- animals instrumentalization permeates almost all of our activities and not infrequently, these practices are also associated with human and environmental exploitation. The interventions were photographed and filmed and became an audio visual resource. This way, we intended to contribute to Non Formal Environmental Education providing an educational material to be used while developers forums for dialogue to discuss the plight of nonhuman animals and as it also affects us, thereby opening avenues to be able to develop an Environmental Education perspective with the inclusion of moral consideration for animals. This qualitative study presents experimental nature and aims to be producing the reflection about speceism and how it is reflected in our social, individual and educational corpus.

Key - Words: Environmental Education. Animal Liberation. Micro - intervention. Production of teaching material. Video.

SUMÁRIO

PRIMEIRAS PALAVRAS.....	11
1- PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	48
1.1-Educação Ambiental.....	49
1.2-A questão animal: especismo, abolicionismo/libertação animal, direitos dos animais/veganismo	52
1.3-Ecologia onírica e Onirismo Ativo	69
1.4-Ética Prática	71
2- A RELAÇÃO DA QUESTÃO ANIMAL COM OS ASPECTOS SOCIAL, AMBIENTAL, PSICOLÓGICO E EDUCACIONAL	76
3- RECURSOS ESTÉTICOS DE ONIRISMO ATIVO	94
3.1- Aspectos metodológicos	96
3.2- Resultados e discussão	100
CONSIDERAÇÕES FINAIS:.....	127
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	132
REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS	137

Primeiras palavras:
Remontando pedaços
Abolicionistas.

“Os cientistas não começam a vida como cientistas, mas como seres sociais imersos numa família, num Estado, numa estrutura produtiva, e eles enxergam a natureza através de lentes que foram moldadas pelas suas experiências sociais”. (LEWONTIM, 1998, p.7)

A trajetória em direção à Educação Ambiental decorre de um processo de preocupação em defender os seres vivos, que veio se constituindo pessoal e profissionalmente ao longo de minha história.

O fato de ser filha de uma veterinária apaixonada por animais me possibilitou conviver e ter empatia por esses seres. Coelhos, gatos, cachorros, jabutis, peixes, filhotes de pato, pintinhos e pássaros me faziam companhia em casa, na residência de minha avó materna e no barracão repleto de grama e árvores da tia avó Lelita - mato no qual eu gostava de rolar e depois ficar me coçando. Aprendi a me divertir pegando cigarras durante a primavera, para soltá-las em seguida, e apreciar a beleza dos vaga-lumes. Sofri com a morte do meu pintinho, do último peixe que eu “tive” e de cada cadela e cada gato que morou conosco.

Os aniversários da minha avó e da minha bisavó paternas eram comemorados na fazenda de um tio do meu pai, onde se reunia sua família gigantesca de Minas Gerais. Nessa ocasião, meus primos, minha irmã e eu interagíamos com vacas, bezerrinhos, cavalos, fugíamos de galinhas bravas, temíamos aranhas venenosas sob os colchões e retirávamos pererecas, que ficavam na piscina. Não sabia da realidade das atividades pecuárias que se passavam longe dos meus olhos infantis, até que em um almoço me disseram que a carne era do cavalo Estrelinha, que eu não estava encontrando. Brincadeira dos primos ou não, me recusei a comer aquilo e uma triste indignação e pesar se abateram sobre mim. Seria possível que matassem meu amigo para transformar em presunto? Embora eu não me questionasse sobre outros pedaços de carne, afinal, o bife, a coxa do frango, o peixe que eu comia não tinham nome. Não os havia conhecido enquanto sujeitos. Eram apenas pedaços desconfigurados de algo que chamavam de comida e colocavam em meu prato.

Com o passar dos anos, a ideia de estar comendo bichos mortos começou a me incomodar, o que me levou a considerar as refeições desagradáveis e a me alimentar mal, para desespero da minha mãe. Porém, o peso de frases maternas

como “Você tem que comer, porque o animal morreu por você e você vai desperdiçar?” me forçavam a ingeri-los. Minha imaginação pueril fazia-me desejar e acreditar fortemente que se eu comesse todos os pedaços, o animal poderia viver novamente. Jamais consegui realizar essa mágica.

Meu comportamento naquela época era inconsciente, não entendia meus sentimentos e continuava sentindo prazer ao satisfazer meu paladar com salgadinhos de frango (empadinhas, coxinhas, tortas, pizzas). Felizmente, ao mesmo tempo, eu era uma criança atípica que detestava hambúrguer e salsichas. Desprezava embutidos em geral e carne de porco. E por viver no cerrado, frutos do mar não eram refeições comuns em nosso dia-a-dia.

Morando no interior de Goiás, estudei em um colégio particular católico de doutrina salesiana fundamentado no princípio educacional construtivista, o que contribuiu para minha formação crítica e questionadora. Era uma escola que se preocupava, entre outros aspectos, com as práticas científicas e ambientais, o que pode ter sido influenciado pela ocasião da Rio-92, um dos eventos que deram visibilidade ao debate ambiental mundial e nacionalmente, ano quando eu cursava a segunda série do antigo “primário”, atualmente conhecido como ensino fundamental. As aulas de laboratório com o Célio, o professor mais divertido e excêntrico da escola (que explicava a ciência aplicada em nosso cotidiano e transformava as aulas em shows de mágica), brinquedos para “pequenos químicos”, filmes de ficção científica, figurinhas sobre animais, plantas, bactérias, fungos, pré-história e os diversos livros da área biológica em minha casa construíram em mim uma forte atração por ciências e pelas curiosidades da Natureza, inclusive pelo meu próprio organismo. Embora horror por doença e sangue nunca me abandonariam, fato que sempre me afastou de Medicina Veterinária (e pelo o que meus pais contavam sobre a faculdade, inserir minha mão no ânus de uma vaca nunca foi uma imagem que me estimulava).

Cuidávamos de uma horta nos fundos da capela do colégio. Fazíamos experiências com plantas, realizávamos feira de ciências, desenhos sobre meio ambiente. Os livros literários de leitura obrigatória recomendados pela escola percorriam os territórios da temática ambiental, como extermínio de animais silvestres, poluição, represamento de rios, reciclagem, entre outros, que porventura ajudaram a formar essa preocupação em mim. Livros de ciências traziam reportagens sobre tráfico de animais (notícias com as quais ficava inconformada e

bastante triste) e músicas sobre preservação dos ecossistemas e de bens naturais como a água.

Como uma criança bastante ativa, imaginativa e que adorava participar, eu criava peças de teatro (minha mãe ajudava a fazer o figurino) e apresentava para a turma junto com minhas amigas. Lembro-me que se tratavam, em geral, de assuntos ligados à “Natureza”.

Os passeios de fim de semana com minha família em um clube recreativo do qual éramos sócios possibilitou-me vivenciar um universo com árvores, cobras e calangos, que estimulava minha imaginação e espírito aventureiro de expedição e investigação.

A responsabilidade social também esteve presente em minha formação. Nas aulas de religião discutíamos a questão agrária e política. E o colégio sempre se envolvia com gincanas para arrecadar mantimentos para famílias mais necessitadas. Certa vez, alunos e professores se mobilizaram para pagar uma cirurgia oftalmológica para uma funcionária da limpeza do colégio. Na catequese, visitávamos comunidades carentes e brincávamos com as crianças (a Igreja estava inserida no contexto da Teologia da Libertação). Recordo-me que conhecer a pobreza me assustou e me provocou bastante estranhamento. O fato de ter uma tia antropóloga que passava longos períodos em comunidades indígenas e nos presenteava com artesanato, histórias e lendas somou-se ao meu imaginário. Assim, a percepção sócio-ambiental sempre esteve presente na minha vida.

O gosto por assistir a programas como Mundo Animal, O Gato Zap, Planeta Terra, Expedições e Repórter Eco incitavam meus valores e opções de vida.

Munida de uma ira intempestiva, não aceitava calada tratamentos injustos contra seres indefesos. Briguei com vizinhos por causa de cachorros mal - tratados, com garotos na rua que perseguiram um rato e o mataram com requintes de crueldade e sadismo, e na praia, com a filha de amigos dos meus pais que queria prender um peixe em um balde e levar para casa, o que consegui evitar. Infelizmente também cometi inconseqüências por pura ignorância, como carregar estrelas-do-mar e usá-las como artefato decorativo! Além de colocar sal em inocentes lesmas, por ter sido ensinada por adultos.

“Menina ladina” dizia minha avó, quando eu era pequena. A ideia de que eu era inteligente, esperta, inventiva e espontânea me acompanharia durante toda minha infância. O que depois foi se apagando e passei a ser vista como “CDF”,

“caxias” e anti-social, por não gostar da diversão (que eu julgava) fútil dos meus colegas.

Como sempre fui ligada de alguma forma a arte, naquela época frequentei aulas de teatro, e lá, misturada com pessoas tida como “esquisitas” pelo resto da sociedade convencional, eu me dissolvia e mesclava minha esquisitice aos demais.

No meio musical, no teatro e na biblioteca municipal as pessoas não me achavam estranha, porque eles eram vistos como estranhos também: pessoas que se vestiam de preto e roupa rasgada, ou pessoas que não se importavam em encenar na rua ou pessoas que gostavam de descobrir o que as estantes da biblioteca guardavam de bom. Pessoas que tinham que lutar pra conseguir o que queriam, já que não ganhariam nada nas mãos, como os burgueses (como eu) com os quais eu estudava. Pensar sobre a vida e a sociedade era aceitável nesse meio.

Conforme fui crescendo, aqueles interesses se tornaram mais fortes. O contato com teorias políticas e com o universo musical do rock e do punk fortaleceu o que já morava em meu coração e se formulava em minhas ideias.

Por ser alguém que se posicionava e defendia suas ideias, na adolescência de meio burguês (sempre estudei em colégios particulares) fui taxada de revoltada, rebelde e sofri muito bullying, o que me deixava triste, ansiosa e cheia de doenças psicossomáticas. E fui ficando cada vez mais introspectiva e lendo mais.

Com isso, minha percepção de mundo foi se aprimorando, culminando na filiação de ideologias libertárias críticas do capital, do padrão social sob o qual estamos sujeitos e da nossa própria civilização. As aulas de história me afetaram bastante nesse sentido. Identifiquei-me com as lutas de minorias políticas, com o feminismo, a resistência camponesa e indígena.

Tai-chi e músicas da Nova Era acalmavam meu espírito. Dezenas de diários me ajudavam a me entender melhor e dissipar meus ódios. Escrever era uma catarse. Bem como a literatura e a filosofia.

Percebi que a maneira pela qual os animais são usados na relação homem-animal está profundamente indissociada do *modus pensandi* individual e coletivo dos seres humanos, formado por cercas mentais despóticas e hierárquicas, com valores de dominação e exploração, e que essa “paisagem mental” se reverbera na forma como nossa sociedade se estrutura.

Já sensibilizada pela maneira como os animais e o próprio ambiente (físico/biológico) era tratado e entendendo a conexão entre o sistema capitalista (na

verdade entre qualquer sistema que priorize a produção industrial, como de fato os países comunistas o fizeram), a degradação ambiental e a exploração animal, tornei-me vegetariana aos quinze anos de idade. Essa decisão ocorreu após assistir a um programa adolescente de televisão chamado Turma da Cultura, na emissora TV Cultura. Tratava-se de uma conversa com ativistas do grupo Greenpeace, falando sobre os impactos da pecuária para o meio ambiente. Prontamente me identifiquei com o discurso, entrei em contato com o Greenpeace e outras ONG's ambientalistas e me filiei. (Na época, ainda não conhecia as propostas de organizações autogestionárias e desconhecia as inconsistências burocráticas e as falhas de organizações não-governamentais).

Rapidamente julguei ser incoerente ter acesso àqueles dados, rotular-me "ambientalista", e continuar contribuindo com a degradação ambiental através de minhas refeições. Com o tempo, fui percebendo que noventa por cento das pessoas que se dizem ambientalistas não chegam a essa conclusão tão evidente pra mim. No mesmo dia, ao sentar-me à mesa, anunciei que não mais comeria carne. No início, exclui apenas carne vermelha, mas semanas depois parei meu consumo de frango. Os demais tipos de carne eu já não gostava mesmo. A partir desse momento adentrei o fantástico, colorido e saboroso mundo das verduras, legumes e demais vegetais, ao qual permaneci alheia por vários anos.

Por um lado ter certas noções e percepções me traziam tristeza, por ver muita maldade e ficar inconformada com a ignorância das pessoas em todos os níveis, mas por outro, me davam felicidade, por eu não compactuar com elas, por tentar sempre ser uma pessoa melhor e fazer alguma diferença no mundo, além de me abrir portas para novas possibilidades, para ideias que antes não conhecia e para pessoas completamente interessantes e percebi que não estava sozinha no mundo. Havia outras ilhas como eu, e juntos éramos um continente.

O vegetarianismo, ademais, me agregou conhecimentos de nutrição, culinária, sociologia, filosofia e a inevitável diplomacia, para que eu pudesse sobreviver em um mundo não-vegetariano. Igualmente alargou meu círculo social, tornando-o mais interessante e ativo politicamente. Fez com que encontrasse também novas possibilidades espirituais (rompi com o cristianismo, naveguei pelo ateísmo por um tempo, caminhei por trilhas panteístas, pagãs, taoístas, hare-krishna, xamânicas, pelo zen-budismo, tornei-me reikiana, terapeuta de florais de

Bach e zen-shiatsu, até me encontrar no budismo tibetano¹ e romper com antigos preconceitos, inclusive contra o cristianismo e o espiritismo) e outros conceitos de medicina (descobri a acupuntura e a homeopatia).

Obviamente, na época, ninguém da minha família gostou da idéia e desde então conheci a hostilidade preconceituosa dos onívoros e especistas em todos os lugares.

Naturebas, fanáticos, exagerados, loucos, chatos, arrogantes, radicais², frescos, amantes de animais, hippies, comedores de alface, misantropos, ricos, terroristas, baderneiros, “sentimentalóides”, utópicos, masoquistas, enfim, estranhos: é assim, que, geralmente, os vegetarianos/ veganos são vistos por pessoas de senso comum, intolerantes e ricas em desinformação. Sem mencionar que essa desinformação faz com que as pessoas geralmente não sabem mesmo o que é vegetarianismo e crêem que peixes, frango, entre outros animais de carne não-vermelha são incluídos nessa dieta. Aliás, muitas vezes acham que até presunto não seja carne!

Por estarmos condicionados a separar tudo em caixas, vegetarianos/veganos são colocados todos no mesmo saco, como se fossem uma massa uniforme.

Tal comportamento pode ser atribuído a uma “monocultura da mente”, termo cunhado pela ecofeminista e física indiana Vandana Shiva. Segundo ela, as monoculturas ocupam primeiro a mente e depois são transferidas para o solo:

As monoculturas mentais geram modelos de produção que destroem a diversidade e legitimam a destruição como progresso, crescimento e melhoria. Segundo a perspectiva da mentalidade monocultural, a produtividade e as safras parecem aumentar

¹ Identifico-me por ser uma filosofia acolhedora que fornece caminho para a liberdade, inclusive de si mesmo. Engloba metafísica, ciência, psicologia, energia, estudos da mente e do comportamento, “orações”, autonomia, física quântica, riso, compaixão por todos os seres (o que conduz ao vegetarianismo), o respeito pela Natureza, autocontrole, mistérios, discrição, simplicidade, educação, ação no mundo, ritos, lucidez, autoconhecimento, diálogo, não reprime, e principalmente porque ao migrar para o Rio Grande do Sul, em 2009, conheci o Lama Padma Santem: um mestre que “fala a minha língua”, e a sangha em Pelotas é coordenada por uma mulher incrível: Zaira Schuch. Segundo Renato Modernell (escritor, jornalista e mestre em Ciências da Computação pela ECA-USP), há um parentesco dessa ideia com conceitos fundamentais do construtivismo, no âmbito da educação, segundo os quais cada indivíduo constrói suas ferramentas e caminhos para o conhecimento. Percebo uma semelhança também com anarquismo, pois encoraja a auto-gestão comunitária, porém permite a possibilidade de alcançar uma liberdade que o anarquismo prega, mas falha por se acozear nas próprias travas mentais individuais e coletivas. A espiritualidade me permitiu ter a mente um pouco mais aberta e clara.

² O léxico “radical” vem do latim “*radicalis*” e é relativo à *raiz*, *fundamental*, *básico*. Ou seja, radical é aquele que vai fundo em seus princípios e está comprometido com sua raiz, a base, a origem. Não é aquele extremista e duro.

*quando a diversidade é eliminada e substituída pela uniformidade.
(SHIVA, 2003, p.17)*

Diante dessa perspectiva, poderíamos dizer que o comportamento de rebanho, de pensar e agir igual, e considerar o diferente como uma massa homogênea é nocivo e reflete na própria maneira como lidamos com o meio. Destruímos o que é tido como não produtivo, e que destoa do latifúndio monocultural do sistema. Porém esse tipo de sistema é “empobrecido qualitativa e quantitativamente” (SHIVA, 2003, p 18). Comportamo-nos assim uns com os outros e com a biodiversidade, erradicando o que consideramos “ervas daninhas”, e esquecendo que “o que em geral tem sido chamado de ‘safras marginais’ ou ‘grãos de má qualidade’ são as safras mais produtivas da natureza em termos de nutrição” (SHIVA, 2003, p 39), o que metaforicamente poderíamos estender a pessoas que trazem um anúncio de novas relações com os animais das demais espécies e com o próprio planeta. Talvez essa mente monocultural aconteça por sermos “educados nas instituições de poder” (LAPPÉ, 1985, p.27) e acabamos por “tomar como certos muitos dos padrões que precisam mudar” (Ibidem).

Confesso que como neófito fui bastante provocativa em vários momentos, principalmente em minha casa. É que quando acordamos para um fato queremos proclamar ao mundo nossa descoberta, como os neófitos convertidos a uma religião, cuja ausência é impossível a salvação. É como se reagíssemos com idêntica intolerância à hostilidade que sofremos. E é difícil achar belo o que não é nosso espelho.

Naturalmente acabei me deparando com leituras e documentários sobre o assunto, o que também era uma maneira de me defender com argumentos bem estruturados sobre a questão. Revistas que ocasionalmente tratavam do assunto caíram às minhas mãos e então entendi que não bastava a alimentação não conter carne: Um vestuário justo não conteria couro ou qualquer parte oriunda de corpos de animais. Folheando uma revista bastante antiga na casa da minha mãe encontrei uma reportagem sobre um sujeito que era vegano: não só não comia animais como também não usava couro ou qualquer produto de origem animal. Não aderi à exclusão de todos os alimentos de origem animal (apesar de ter me atraído pela idéia), mas abracei o modelo de não usar roupas ou calçados compostos por pele natural.

Inicialmente a opção adveio devido ao conhecimento acerca dos impactos ambientais gerados pela produção e consumo de carnes. Com o tempo fui me aprofundando teoricamente na questão e em temas políticos. Fui amadurecendo e começando a agir, embora individualmente. Recolhia abaixo-assinados contra energia nuclear e a favor da reposição de árvores cortadas das ruas, o que me deixavam feliz e com sentimento de utilidade, autoconfiança, diplomacia e argumentação, mas também foi a primeira vez que me deparei com o egoísmo, ignorância, falta de informação e responsabilidade e cegueira absurda de pessoas adultas frente a fenômenos tão importantes, o que me frustrava e decepcionava, mas não me fazia desistir. “Ao termos mais responsabilidade por nós mesmos e pelo impacto de nossas escolhas no mundo, estamos começando a nos transformar. Este é o caminho para superar a desesperança”, ensina LAPPÉ (1985, p. 71).

Mais, tarde, com acesso a rede mundial de computadores (Internet) e a documentários de grupos internacionais como PETA (People For Ethical Treatment to Animals) transmitidos pelo canal educativo TV Escola, soube da realidade sobre ovos e “galinhas poedeiras” e o que acontece com as aves até os ovos chegarem à minha mesa, bem como todo o tipo de exploração pela qual os animais não-humanos são submetidos. Comecei a consumir apenas ovos caipiras, mas com o intuito de um dia parar de comer todos os ingredientes de origem animal, como proclamava o veganismo. Por razões familiares e isolamento social e ideológico continuei comendo ovos e laticínios, também por considerar, na época, quase impossível banir tais produtos de minha alimentação.

Essas informações eventuais me colocaram igualmente a par da experimentação animal, norma padrão nos laboratórios de pesquisas biomédicas.

O ambientalismo (que de fato é bastante antropocêntrico) deu lugar aos direitos animais. Se era justo apoiar e me integrar a lutas contra injustiça humana, era mais legítimo ainda defender os mais injustiçados e explorados seres da nossa sociedade: os animais das outras espécies! Como se eu tivesse tomado a “pílula vermelha”³ meus olhos começaram a enxergar o que a “matrix” escondia. Acordei para a morbidade das gaiolas, rodeios, zoológicos e dos circos:

O circo ensina as crianças a rir da dignidade perdida dos animais. Nesse caso, a “humanização” dos bichos reflete claramente

³ Alusão à produção cinematográfica de ficção científica “The Matrix”, dos diretores [Andy & Larry Wachowski](#), produzida em forma de trilogia sob co-produção de Estados Unidos e Austrália, no ano de 1999.

a falta de humanidade das pessoas projetada em um macaco de vestido, camuflada sob os risos. (Olegário Schmitt, 1999)

E que somente mediante a crença de que a natureza é um estoque de recursos e a coisificação de indivíduos transformados em meios para nossos fins, geralmente lucrativos, é que mantemos os animais em condição de escravos para nos servirem das mais diversas formas.

Imbuída com essas concepções decidi pleitear uma vaga para o curso de Ciências Biológicas. Assim, eu poderia ter respaldo para atuar em oposição à vivisseção⁴ (tema sobre o qual eu já possuía uma bibliografia em minha estante e se tornou meu trabalho de conclusão de curso - pesquisa que mudou meus conceitos e amadureceu-me enquanto pesquisadora - publicado em 2009 pela revista catarinense “Contrapontos”) e alimentos geneticamente modificados por biotecnologia transgênica, conhecer o universo das plantas, o comportamento dos animais (etologia) e poder trabalhar ao ar livre e viajando. Acreditei que ser bióloga seria uma contribuição social relevante e que eu poderia fazer coisas concretas pelo que eu acreditava.

Entrei, então, na universidade e rapidamente percebi que a academia (inclusive os acadêmicos em formação) tinha um pensamento formatado, cientificista e hostil aos dissidentes e que os cientistas muitas vezes se esquecem que a objetivação da “realidade” depende da subjetividade do pesquisador, inclusive quanto aos métodos que seleciona para utilizar. Confirmaria, mais tarde, as palavras de WATERS (2006, p.53):

Uma certa timidez permeia o mundo acadêmico no momento. A sabedoria de hoje diz: não formule grandes questões; não pergunte por que as coisas são como são.

Mesmo assim, nunca me senti tão livre quando entrei na Faculdade. Finalmente poderia ser eu mesma, sem me preocupar com nada nem ninguém. Longe da família e de uma cidade castradora. Retomei minha espontaneidade e alegria, meu entusiasmo e criatividade e minha habilidade comunicativa e agregadora.

⁴ Do latim *vivus*, ‘vivo’+ *seccione*, ‘secção’. Segundo a definição clássica, é operação feita em animais vivos para estudos fisiológicos, mas o termo é aplicado genericamente a qualquer forma de experimentação animal que implique intervenção com vistas de observar um fenômeno, alteração fisiológica ou estudo anatômico (REIS, 2008, p.2). Também pode ser conceituado como intervenção em animais vivos (anestesiados ou não) com objetivos experimentais (GREIF e TRÉZ, 2000, apud REIS e TRÉZ, 2009, p.78)

Mas era preciso mais uma vez correr o risco de ser polêmica. Eu continuaria sendo enxergada como excêntrica. Sou até hoje, mas acho graça. Uns me acham hippie, outros gótica, punk, outros zen. Às vezes até me acham certinha demais! E louca, apenas por ter a coragem de me lançar a aventuras que a maioria das pessoas não se arriscaria a fazer. Sou tudo isso e nada disso. Apenas sou multifacetada, com múltiplos interesses, como uma boa geminiana, o que se reflete em meu humor, em minhas amizades diversas, nos relacionamentos amorosos que tive com tipos muito diferentes de pessoas, no meu gosto musical (que vai desde o samba de raiz ao ska, passeando por mantras, música erudita, músicas folclóricas, rock, blues, soul, funk dos anos 70 e Música popular Brasileira) e na minha maneira de vestir. Sou uma eterna criança, simples e leve, que acredita nos seus sonhos e luta por eles, que acredita na alegria e na espontaneidade e que tem sede de vida e liberdade, e considera que todos os seres sejam dignos de mesmo direito. Não é à toa que fui parar na Educação Ambiental, um campo totalmente diverso.

Como uma paineira, tenho a suavidade da paina e a agressividade dos espinhos, o que faz de mim uma pessoa pintada de subversiva, auto-suficiente e autêntica, mas que sendo amistosa e engraçadinha necessita visceralmente de seus amores: amigos (humanos e não humanos), namorado e apoio familiar. Sou como qualquer outra pessoa e única, ao mesmo tempo.

Digamos que o vegetarianismo condiz mais com minha personalidade mutável e movida por novidades. Antes sentar-me à mesa era uma tortura, pois era sempre o mesmo cardápio monocromático. Minha salada se resumia a tomate. Única e exclusivamente. Porém, por uma noção de responsabilidade para com o ambiente e com os animais, simplesmente me sentei e enchi meu prato com comidas que me recusava a ingerir e descobri um novo mundo de sabores, texturas, cores e cheiros deliciosos. Quando me tornei vegetariana descobri um universo alimentar que até então desconhecia, bem como outra forma de viver.

Felizmente, Flávia, uma colega de turma também era vegetariana e nos articulamos durante todo o curso de graduação para questões em prol dos animais e contra a experimentação animal, convocando debates, reuniões de Departamento, discussões na turma e algumas ações. Ao fim do primeiro ano de curso ela se tornou vegana, o que me encorajou a aderir a essa posição paulatinamente, até conseguir, definitivamente, no ano seguinte.

Se as pessoas acham que não comer carne é estranho, ser vegano, então, para elas, é ser extra-terrestre. O/a vegano/a sempre tem que enfrentar um bombardeio de perguntas durante suas refeições quando em companhia de onívoros. Indagações essas realizadas muito mais com intuito provocativo do que propriamente por vontade de esclarecimento. Mesmo sempre sendo o/a hostilizado/a, quem é chamado de xiita, intransigente e inconveniente é ele/a.

Acredito que um dos motivos de veganos serem odiados, é que, semelhante ao mito da caverna, quando descobrimos que o que víamos eram apenas sombras do mundo real e desejamos contar isso para os que ainda estão acorrentados, é como se destruíssemos o mundo e as crenças das pessoas e é dolorido acordar de nossos “sonhos” pré-estabelecidos.

Na verdade, somos mesmo inconvenientes, pois nossa simples existência incomoda. A propaganda pela ação, pelas escolhas, pelo modo de vida, mesmo que “silenciosamente”, mexe com as pessoas. De acordo com a ecofeminista Carol Adams os/as onívoros/as são “veganos/as bloqueados/as”⁵, que somente não perceberam que “não mudar é ainda mais difícil que a mudar”. E LAPPÉ (1985, p.72) complementa: “Não há mudança sem riscos. Para mudar, é preciso fazer aquilo que se julga incapaz de fazer”.

Citando Adams, RHEDA (2008, p. 154) escreve em seu romance dedicado à libertação animal (*Humana Festa*) que “os veganos enrustidos atormentam-se com seu conflito íntimo e investem, irados, contra os assumidos. A briga com os veganos distrai os enrustidos do próprio bloqueio.”

Já percebi que muitos, ao notarem meu prato, por exemplo, começam, por conta própria, a se auto-defenderem ou a justificar porque comem carne, mesmo sem eu ter mencionado uma palavra sequer. É como se se sentissem culpados. Essa situação é bastante recorrente.

É compreensível, visto que a Libertação Animal é um movimento instituinte⁶ e todo movimento instituinte ameaça as ordens vigentes. O antropocentrismo, a

⁵ Termo encontrado na entrevista concedida por Carol Adams a Elizabeth W. Green, em Outubro de 2003 e traduzida pelo coletivo de libertação animal Madu, do DF, no sítio: <http://madudf.blogspot.com/search?q=carol+adams>

⁶ É o processo mobilizado por forças produtivo-desejante-revolucionárias que tende a fundar instituições ou a transformá-las, como parte do devir das potências e materialidades sociais. No transcurso do funcionamento do processo de institucionalização, o instituinte inventa instituídos e logo os metamorfoseia ou cancela, de acordo com as exigências do devir social. Para operar concretamente, o processo de institucionalização deve ser acompanhado de outros organizantes que se materializam em organizações. Os dinamismos instituintes e organizantes são orientados pelas Utopias Ativas. (BAREMBLITT, 2002, p.157)

hierarquização, o especismo e o onivorismo são manifestações do comportamento instituído de nossa sociedade. Para BAREMBLITT (1992, p.157) o instituído “tem uma tendência a permanecer estático e imutável, conservando *de juri* estados já transformados *de facto* e tornando-se assim resistente e conservador”, talvez, penso eu, porque a inércia e o menor esforço são leis físicas universais às quais estamos sujeitos. Porém as coisas não são como “são”. Elas apenas estão postas assim.

Porém, cabe salientar que, por ser um movimento formado por indivíduos, o veganismo, bem como a Educação Ambiental, é polissêmico. Haverá veganos e veganos, modos e modos de ação e comportamento. Então, a hostilidade às vezes pode ser devido, também, à chatice e à agressividade de alguns indivíduos.

Juntas -Flávia e eu- e com a ajuda do promotor ambiental Laerte Levai, fomos pioneiras na história jurídica brasileira ao ingressar com pedido de objeção de consciência.

A objeção ou escusa de consciência é um recurso judicial previsto no 18º artigo da Declaração Universal dos Direitos Humanos, proclamada pela Assembléia Geral das Nações Unidas, em 1948: “Todo homem tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião”. E tal direito consta nas normas legislativas internas do Brasil. FERRARI (2004, p.75) explica que:

A ação do objeitor é baseada em um código moral que pode derivar de concepções éticas, filosóficas, políticas, entre outras, motivo pelo qual caracteriza-se por um comportamento individual (já que baseado em crenças subjetivas).

A pauta da Escusa de Consciência é, básica e resumidamente, o fato de que ninguém pode ser obrigado, sequer pela lei, a fazer algo que vá contra sua crença e fira seus princípios. Flávia e eu apenas necessitamos recorrer a esta estratégia em uma disciplina, Zoologia de Invertebrados, uma vez que em outras disciplinas, fisiologia por exemplo, contamos com o bom-senso e respeito dos professores. Já em Zoologia de Invertebrados o professor em atuação não acatou nosso pedido informal (porém documentado por escrito) de realizar as atividades exigidas na confecção de uma coleção zoológica de maneira alternativa, sem necessitar matar diversos invertebrados. Após a recusa, solicitamos, então, a intervenção do poder judiciário mediante o recurso da Objeção. Também não fomos bem sucedidas, afinal, estávamos tentando evitar morte desnecessária de INVERTEBRADOS!

Porém, nossa crítica ultrapassava essa questão, questionávamos práticas “pedagógicas” banais e “reprodutivistas”, imbuídas de “currículo oculto” de desvalorização da vida. Conseguimos uma reunião com o departamento, durante a qual fomos fortemente hostilizadas (mesmo assim, continuamos de cabeça erguida, com todos os argumentos na ponta da língua), humilhadas e não fomos apenas “educadamente expulsas da reunião” como recebemos a sugestão de mudarmos de curso. Embora tristes e chocadas, não desistimos. Fomos adiante com o trabalho, sem matar nenhum animal. Coletamos os que encontrávamos mortos em boas condições e contamos com a ajuda de amigos. No fim, nosso trabalho recebeu a maior nota da classe (9,5). Tínhamos animais sobrando que pudemos distribuir para os colegas e ainda estávamos sabendo mais que muitos colegas em relação à taxonomia e os ajudamos a identificar seus espécimes. Na verdade, principalmente a Flávia fez isso, em um empenho incrível. Sem ela, com certeza não teria conseguido. Ela fez praticamente todo o esforço. Com isso, entramos para a história, sendo as primeiras alunas brasileiras a entrar com esse tipo de recurso contra uma universidade. Ficamos bastante conhecidas por causa disso, não somente na universidade, mas no meio do movimento de defesa animal nacional. Fomos convidadas a escrever artigos sobre nossa experiência (o que, infelizmente não fizemos) e demos entrevistas. Durante suas palestras, o promotor paulista Laerte Levai, bem como os juristas baianos Heron Santana e Tagore Trajano sempre nos fazem questão de mencionar.

No período da minha graduação procurei, como boa geminiana de múltiplos interesses e vontades, diversificar meu currículo profissional e pessoal. Frequentei disciplinas em cursos de Pedagogia, Filosofia, Jornalismo e Medicina. Atuei no movimento estudantil como independente, porque eu cursava muitas disciplinas e não queria ter um rigor de atuação que o movimento exigia, além do motivo de me afirmar ideologicamente como anarquista, na época, e não me agradava participar de nenhum grupo com filiação em partidos políticos. Fui voluntária em um coletivo de mídia alternativa (CMI: Coletivo de Mídia Independente), que se trata de um movimento mundial, espalhado em células, e cujos participantes geralmente têm uma inclinação libertária, de formação organizacional anarquista. Identifiquei-me com o grupo de Goiânia, pelas atividades, abordagens, condutas e companheirismo. Englobavam todas as lutas nas quais eu acreditava. Eu me dedicava mais

fortemente à divulgação de informações (transmitidas em rádios “piratas” e em jornais que escrevíamos) e mobilizações de cunho ambiental.

Particpei também de grupos feministas, os quais depois eu abandonei. Lutei por passe-livre e por moradia popular. O movimento pelo passe livre estava bem forte em todo o Brasil, naquela época, e em Goiânia fazia parte das pautas do CMI e havia um número considerável de adeptos, que eram contra os aumentos abusivos das passagens de ônibus e reivindicavam gratuidade no transporte coletivo para desempregados e estudantes. Fazíamos reuniões (nas quais havia inclusive policiais infiltrados), panfletagem, passeatas, ações conjuntas de “pula-catraca”⁷, que se iniciavam dentro do Campus, e protestos, em um dos quais um amigo meu foi preso.

Em relação à moradia popular, foi um marco. A maior ocupação que já existiu em Goiânia. Um terreno abandonado de posse de uma única família, - que já não pagava impostos há mais de dez anos - onde cabiam milhares de famílias, foi palco de uma história sangrenta na capital de Goiás. Integrantes do CMI e estudantes de outros grupos sociais passavam dias e noites dentro da ocupação, que já havia recebido “toque de retirada” e sofria constantes ações da polícia. Documentavam em registros áudio-visuais e divulgavam o que estava acontecendo para o mundo, visto que a mídia, em geral, distorcia todos os fatos acontecidos. Além de usar os próprios corpos, pela simples presença no local, como pressão da opinião pública para evitar o massacre que estava por vir. Contamos até com a presença de militantes estrangeiros da Itália, Espanha, Suécia e Estados Unidos, que chegaram a ser presos. Nunca tinha visto a morte tão de perto. Casas de lona incendiadas, terror provocado pela polícia durante todas as noites, ameaçando entrar, bombas caindo ao lado de berços de bebês, bombas de gás lacrimogêneo ardendo nossos olhos, pessoas machucadas por balas de borracha, tiroteio, sirene de alerta tocando de cinco em cinco minutos! Crianças e adultos em pânico, não podendo estudar ou trabalhar, porque tinham medo de sair, ser presos e/ou perder suas casas ou porque não eram aceitos quando revelavam o endereço residencial. Mas ao mesmo tempo, muito organizados: conseguiram criar uma pequena cidade naquele local. Na desocupação, muitas pessoas morreram ou “desapareceram”, inclusive adolescentes, embora o número oficial afirme que tenham sido apenas duas pessoas mortas. Casas foram derrubadas, mulheres apanharam, muitos envolvidos foram presos. Equipamentos de filmagem foram apreendidos. Até os animais de

⁷ Em dias de protesto, entrávamos no ônibus pulando as catracas e incentivando todos os usuários a fazer o mesmo, cantávamos, batucávamos e dizíamos palavras de ordem dentro dos ônibus.

estimação foram mortos ou capturados. Um dia antes da desocupação, umas amigas e eu conseguimos salvar uma gatinha, retirando-a de lá e conseguindo lar para ela. Tudo está contado no premiado documentário “Sonho Real, uma luta por moradia”, uma produção do CMI Goiânia e do militante estadunidense Brad Will, que seria, tempo depois, assassinado durante um conflito social em outras terras latino americanas. Esse episódio marcou muito a nossa vida, nossos telefones foram grampeados, registros áudio-visuais foram roubados de dentro de nossa “casa-sede”. O grupo acabou se dissolvendo. E eu passei a me dedicar exclusivamente à causa animal/ambiental.

Ajudei a criar grupos de ecologia libertária (que abordava questões ambientais sob perspectiva anti-capitalista e de organização não-hierárquica prezando mais as ações diretas), grupos de discussão e divulgação do veganismo e dos direitos animais. Articulamos o movimento de divulgação e defesa da cultura da bicicleta enquanto meio de transporte em Goiânia. Lutamos contra a construção da barragem do Rio João Leite dentro de uma área de proteção ambiental, atuamos contra rodeios e circos, entre outras atividades. Organizei e efetivei eventos culturais e educativos relacionados aos direitos dos animais e à alimentação. Ajudei a organizar semanas acadêmicas do Instituto de Ciências Biológicas na Universidade Federal de Goiás e por dois anos consecutivos conseguimos a presença de biólogos e veterinários debatendo acerca da experimentação animal em mesas redondas e palestras.

Fui integrante de projetos de iniciação científica, com bolsa PIBIC financiada pelo CNPQ. Por dois anos me dediquei ao estudo etológico de primatas no cerrado Goiano, momentos em que eu me sentia verdadeiramente bióloga. Viajei para participar de vários congressos, encontros, simpósios, cursos e palestras: de Etologia, Ecologia, Educação Ambiental, Educação Humanitária, vegetarianismo, direito(s) dos animais, bem-estar animal, Biologia da Conservação, Bioética, unidades de conservação, biodiversidade. Conheci pessoalmente personalidades que eu admirava e me inspiravam.

Os amigos e amigas que conquistei nessa época fazem hoje parte da minha família e são um de meus alicerces mais preciosos. Juntos, nos influenciemos reciprocamente, nos decepcionamos por não conseguir o que desejávamos e reformulamos maneiras de lutar. O erro, como bem ensina RODRIGUES (2005, p.109), é a experiência dos começos, de quem cria seu próprio mundo. Tentamos

construir um mundo diferente, mais livre, justo e bonito. Vivemos uma micro-realidade que tentamos construir coletivamente baseada na amizade, na felicidade, no amor e na coragem. Foram anos memoráveis, ousados e divertidos. E também me tornei mais segura, não apenas por ver minhas capacidades, coragem e morar sozinha, mas também intelectualmente, por ter acesso ao método científico de pensamento.

Na sede por mudar o mundo e reformar as pessoas fui percebendo que a única pessoa que tenho o poder de mudar sou eu mesma. Não posso construir um mundo melhor usando a cama de Procusto⁸. Minhas medidas servem unicamente para mim. Afinal, vemos o mundo como nós mesmos somos. Mudando o olhar, muda-se a realidade. Leonardo Boff traduz bem esse pensamento:

Cumpra enfatizar que os “objetos” não são objetos em si. São objetos feitos pela razão, pois ela os isola de seu meio, os separa de outros companheiros de existência e os usa para seus interesses. “Objetividade” é uma projeção da razão. Os ditos “objetos”, na verdade, são sujeitos que têm história, acumulam e trocam informações e pretendem à comunidade cósmica e terrenal. (BOFF, 1999, p. 94)

E citando Pascal, o autor completa “o excesso de verdade é pior do que o erro” (BOFF, 1999, p. 161). Entre erros e acertos trilhei o caminho das pedras e aprendi a ter um pouco mais de compaixão por mim mesma. Afinal, não há meta final, só o caminho existe. O importante é crescer com a prática em cada circunstância. Por mais que nos corrijamos, ensina BOFF (1999, p.159), haverá sempre reminiscências distorcidas que importa aceitarmos com certo humor e jovialidade.

Quando terminei minha graduação, senti um alívio e uma felicidade muito grande pela sensação de dever cumprido. Mas o caminho não acaba quando você chega. São sempre começos. E o mais difícil é viver e reviver cada processo.

Meu ex-orientador, Thales Tréz, me perguntou, ao trabalharmos na submissão de nosso artigo para a revista Biotemas, se eu já estava sentindo a

⁸ Personagem da mitologia grega, dentro da história de Teseu. “Queria que todos tivessem a sua altura e, para tanto, mandava que se deitassem em seu leito os viajantes detidos. Se ultrapassassem a medida do leito cortavam-se-lhes as extremidades das pernas; se, pelo contrário, fossem demasiadamente pequenos, puxavam-nos mediante cordas, até que atingissem o comprimento exigido” (MÉNARD, 1997, p.272).

“depressão pós-parto”. Naquele momento soube que minhas sensações tinham um nome, e condiziam com todos os sintomas do diagnóstico.

Sim, estava. Dúvidas múltiplas se abateram sobre mim. Iria viver um tempo em alguma comunidade? Iria viajar de bicicleta com meu amigo punk de Goiânia até a Argentina? Procuraria emprego no que quer que fosse? Para completar a cena trágica, eu estava sob influência da revolução de Saturno, no auge de meus vinte e quatro anos.

Estava agitada demais para me manter em uma comunidade de meditantes. Decidi ir para São Paulo, passar um tempo com um outro amigo anarco punk vegano, para me afastar um pouco de minhas dúvidas e fazer um curso de florais de Bach. A programação para participar desse curso adveio de minhas leituras para minha monografia, quando conheci um trabalho de uma veterinária que atuava em um centro de reabilitação de animais silvestres e usava florais para acelerar a recuperação daqueles, o que me chamou a atenção, porque até então desconhecia a possibilidade de aplicar florais em não-humanos. Buscando artigos sobre a aplicação de florais em animais não-humanos descobri que o Instituto Ahau realizava cursos de formação em terapia floral e sua aplicação tanto em animais humanos, como não-humanos e até em plantas. Enquanto eu decidia sobre minha “volta ao mundo” em duas rodas, matriculei-me no curso e fui para São Paulo.

Foi a primeira vez que senti que eu não “morreria de fome”, que eu aprendia algo verdadeiramente prático e imediatamente aplicável. Saí com duas sensações: a) flores eram incrivelmente apaixonantes (a conexão íntima com elas começou na minha iniciação ao Reiki e aumentou depois do curso); b) eu tinha me apropriado de um saber. Não era como nas aulas da graduação em Biologia que eu aprendia, mas não sabia se eu sabia. Ali não! O conhecimento havia me sido passado e a prática e segurança viriam no acúmulo de “horas-de-consulta” que eu realizasse. Que perfeito seria não apenas ajudar no processo de recuperação dos animais, mas curar as pessoas com as flores.

Ao voltar para Goiânia, a primeira coisa que fiz foi receitar uma fórmula floral para mim mesma. Quem sabe minhas angústias e incertezas se resolveriam... Segundo passo foi distribuir currículos. Agora acrescentando de minha nova habilidade de terapeuta. Terceiro passo foi contatar núcleos de reabilitação de fauna silvestre no Brasil, para que eu pudesse aplicar em animais, em especial aves, e fazer uma pesquisa sobre o processo de recuperação dos animais apreendidos e

reintroduzidos. Fiz contato com um centro em Campo Grande, MS, e em Pelotas, RS.

Enquanto isso, meu amigo e eu nos preparávamos para nossa possível viagem. Sou do tipo de pessoa que preza mais a intuição que a estratégia, e apesar de minha mãe ter ficado tranquila sobre minha viagem e meu pai não ter me matado, eu ainda estava morrendo de medo e dúvidas e não sabia exatamente porque, pois eu queria muito essa aventura como auto-presente de formatura e nela aprender a viver conforme as coisas fossem surgindo. Aprender a me desapegar, a ser auto-suficiente e confiante. Livrar-me de meus condicionamentos vários e trocar conhecimentos com as pessoas e grupos que fôssemos encontrando pelo caminho.

Entretanto, nesse ínterim, me chamaram para trabalhar em um SPA (com uma péssima remuneração) em uma cidade próxima a Goiânia e recebi resposta dos dois núcleos aos quais havia enviado mensagens eletrônicas. O centro de Cuiabá recusou e o de Pelotas me aceitou, embora na categoria de estagiária VOLUNTÁRIA. E o Marquito desistiu da aventura para investir o dinheiro em um terreno que ele estava construindo um espaço auto-gestionário. A decisão do Marco me pacificou e troquei uma loucura por outra. Intuitivamente entendi que apenas com meu título de bacharel em Ciências Biológicas em Goiânia eu não conseguiria sobreviver. Eu deveria me mover. Mover para ajudar o universo a conspirar comigo e me mostrar caminhos e pessoas certas, o que ele sempre fez quando eu me mexi. E mover para, de repente, tornar minha pesquisa em um projeto de Mestrado e assim me alavancar profissionalmente.

Minha mãe ficou muito triste de saber que eu iria para tão longe. Meu pai, com toda racionalidade taurina e pragmatismo mineiro me achou uma louca por querer ir para o extremo sul do país, sem conhecer ninguém. Indo para trabalhar de graça e largar tudo que eu tinha: todos os meus móveis e eletrodomésticos, amigos e família. Tentou me convencer a continuar na minha kitnet, a ter paciência que algum emprego surgiria e que até lá ele continuaria me ajudando.

Porém, conversando com minha tia antropóloga, uma pessoa que viajou o mundo todo, ela me disse que se não tivesse largado tudo e feito Mestrado na França ela, provavelmente, não teria conseguido ascensão na carreira. E que ter apenas uma calça jeans e uma blusa de frio e viver como bolsista (sendo que demorou um pouco até a bolsa sair) em eu país estrangeiro teve suas recompensas.

Mediante tudo isso, levei toda minha mudança para a casa da minha mãe, em Anápolis e me mudei para Pelotas, onde eu havia feito contatos virtuais com um casal de veganos e um anarquista que participava de um coletivo na cidade. Apesar de descontentes, meus pais me apoiaram. E meu pai decidiu continuar me sustentando até eu conseguir caminhar sozinha.

Cheguei a Pelotas e me assustei com a falta de árvores da cidade, com a paisagem reta, plana e homogênea. E com sua chuva interminável e céu cinza. O inverno chegaria a poucos dias. Mas estava disposta a enfrentar tudo por alguns meses para eu conseguir desenvolver um projeto de Mestrado.

Entretanto, a realidade foi bem diferente. O biólogo que trabalha no Núcleo é uma pessoa muito difícil, com problemas de relacionamento diversos e de personalidade. Ele não me ensinou nada. Tudo o que eu propunha era boicotado. E eu fui usada como mão-de-obra barata para limpar gaiolas, congelar as mãos em água fria e me afundar em comida podre para selecionar o que era comestível para os animais. A falta de verba, o desrespeito a leis trabalhistas que eu percebia que os funcionários sofriam, o sofrimento dos animais enjaulados esbarrando na má vontade do biólogo responsável me fizeram decepcionar mais uma vez com minha profissão.

Juntando-se a tudo isso, o choque cultural foi muito grande, pois o Rio Grande do Sul é um lugar totalmente diferente de todos os lugares brasileiros que eu já conheci. Eu, uma pessoa do elemento ar, tive muita dificuldade para me adaptar a uma região regida pelo elemento água, onde as emoções são muito turbulentas, as pessoas se magoam fácil, mas se dão ao direito de dizer o que querem. A linguagem e os costumes alheios a mim (comida, vestimentas, clima, palavras, comportamento) foram me ensinando a me conter e a não expor minhas idéias. Fui, então, me reprimindo.

Além disso, eu, que estava acostumada a duas formas de moradia: dividir casa com amigos homens e com amigas muito íntimas, ou morar sozinha, me vi morando em um pensionato feminino com regrinhas chatas e atitudes nada amigáveis. Quando comecei a namorar, três meses depois, praticamente fui expulsa do pensionato e meus amigos veganos me acolheram.

Apesar de tudo isso, não esmoreci. Eu não voltaria para casa com as mãos abanando e com menos do que eu tinha. As práticas budistas que eu realizava no grupo tibetano, o qual contatei logo ao chegar a cidade, e o acolhimento dos

praticantes me ajudavam a não perder a lucidez e a calma. Por várias vezes entendi que o propósito de eu ter migrado tantos quilômetros não era profissional, e sim espiritual e de auto conhecimento. O apoio da família do meu namorado também foi importante.

Sem dizer aos meus pais as dificuldades por quais estava passando segurei firme e segui em frente. No Núcleo, fiz amizade com os funcionários e fiquei bastante amiga de uma garota que entrou dias após eu começar minhas atividades. As atividades pelas quais me encantei eram justamente as de Educação Ambiental, realizadas pela bióloga da Instituição, quando as crianças visitavam o Núcleo, conheciam a realidade dos animais apreendidos e realizavam solturas de pássaros. As solturas, em geral, era maravilhosas: capivaras correndo em liberdade, pássaros voando. Isso me alegrava. O contato com o bugio, quatis, cobras, arara, teiús, caturritas, papagaios, tartarugas, pavão, entre outros animais era interessante também.

A veterinária e a bióloga da Instituição me convenceram a fazer uma prova de seleção da especialização em Direito Ambiental na Universidade Federal de Pelotas, junto com elas. Fizemos e fomos aprovadas.

Durante a seleção, conheci um advogado de Rio Grande que cursava Mestrado em Educação Ambiental, na FURG, e sua fala entusiasmada sobre o curso me despertou bastante curiosidade.

Um biólogo vegano gaúcho que havia conhecido em um congresso na cidade de Salvador sempre me dizia, em nossas conversas, que eu deveria me dedicar à Educação. Entretanto, Educação em Ciências não me atraía nem um pouco. Não era aquilo que eu queria. Mas, no dia seguinte à seleção, após conhecer o tal advogado mestrando, pesquisei na internet do Núcleo sobre o Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande. Meus olhos brilharam. Seria aquela a luz no fim do túnel? Afinal de contas, vi que somente com a sensibilização era possível haver alguma chance de mudança de conduta em relação aos animais.

Surpreendi-me com as disciplinas oferecidas e com a diversidade de professores com diversas formações e abordagens. Era algo realmente novo. Minha intenção era poder realizar uma pesquisa sobre como alcançar as pessoas para uma consideração moral pelos animais através da Educação Ambiental.

Então, no processo de busca pela concretização de utopias possíveis e impossíveis, encontrei a Educação Ambiental há quilômetros de casa, nas andanças

de minha vida, em um momento de indefinição profissional e de necessidade de “colocar a mão na massa”.

Entendendo a Educação Ambiental como visão crítica da relação sociedade-natureza e uma tentativa de despertar as pessoas para suas relações com a “natureza” e os outros seres, inclusive entre os humanos e consigo mesmas, fascinei-me pelo programa de mestrado em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande (apresentado por dois colegas meus do curso de especialização em Direito Ambiental da UFPel). Um domínio de saberes que engloba um vasto campo de conhecimento, permitindo o diálogo entre Biologia, História, Geografia, Ciências Sociais, Artes, Psicologia, Pedagogia, Saúde, Física, Literatura! Onde eu poderia desenvolver minhas potencialidades aparentemente desconexas, característica de minha personalidade múltipla e diversa, permitindo, então, a conjugação de uma atividade de pesquisa com a temática que perpassa toda a minha vida: o abolicionismo animal. Além de eu poder ter uma formação acadêmica mais ampla que me possibilitasse atuar profissionalmente inserindo à minha prática, temáticas que me são caras: o respeito pelos seres sencientes⁹, pelo meio que nos cerca e nossa ecologia interna. É nessa medida que surge a possibilidade de levar a cabo um trabalho de pós - graduação que fomentasse práticas de Educação Ambiental não-formal com perspectiva não-especista.

Foi com a intenção de ver melhor que busquei me encontrar na Educação Ambiental e foi com o desejo de partilhar a vida em locais de ensino-aprendizagem formal e informais, que sonhei realizar esse projeto.

Minha maior preocupação naquele momento era saber quem seria o louco o bastante para comprar minha ideia. Que professor seria o menos academicista para me orientar em um tema que nada contra a correnteza que a humanidade em geral insiste em deixar fluir? Foi então que abri o currículo de um filósofo que coloca em seu Lattes tudo! Tudo mesmo! Curso de cabeleireiro, doces de Pelotas e até Reiki! Quando li que ele era meu irmão reikiano, pensei: será esse o maluco? Foi pensar isso e a bióloga do Núcleo de Reabilitação de Fauna Silvestre onde eu ainda “trabalhava”, que havia se intitulado mestre pelo mesmo programa, apareceu tomando chimarrão atrás de mim e, olhando minha pesquisa eletrônica, falou: “Nossa, esse professor não tem lógica nenhuma! O Victor Hugo leva os alunos para

⁹ Seres sensíveis, conscientes de sua dor, capazes de sentir prazer e dor, evidenciando estados mentais. Conseguem distinguir o meio de si mesmos. Possuem identidade e uma mente geográfica.

soltar pipa durante as aulas! Não se aproxime dele”. Achei aquilo o máximo e não tive mais dúvidas. Havia encontrado um louco para chamar de meu... orientador.

Ecologia Onírica? Que diabos seria aquilo? Consultei algumas fontes eletrônicas para me informar a respeito. Não entendi muito bem, mas adoro coisas desafiadoras e intrigantes.

Enviei-lhe um e-mail não muito acadêmico e ele não tardou em me responder. Escrevi um projeto e marcamos de nos encontrar. Viajei até a cidade vizinha que eu desconhecia, Rio Grande. Chegando à FURG, cadê o dito cujo? Marcou comigo, mas teve de ir para Pelotas, para uma banca de defesa de Mestrado em Educação, na UFPEL. Tudo bem, tentei de novo. E o segundo encontro marcado foi em um bar!! O Bar do Beto, no trevo de Rio Grande. Esperei uma eternidade, até que chega um sujeito em uma moto Bizz amarela enfeitada de abelhinhas! A primeira frase que ouvi de sua boca: “Tive um aniversário para ir e o convite era irrecusável”.

Em nossa “reunião” ele não me perguntou muita coisa sobre o projeto. Em vez disso, queria saber sobre minhas crenças religiosas, minha família, meus sonhos, minhas experiências pessoais durante a graduação e o que eu pretendia no Mestrado. Fui sincera e transparente perante aquela situação não muito convencional. Ele me mandou escrever um texto sobre minha infância, minhas influências pessoais, familiares e enviasse por e-mail. Quando soube que eu era de Goiânia, ele me falou que era para eu escrever também sobre o Césio 137. Acho que ele deve ter me achado uma pessoa radioativa, ou talvez para saber o quanto a radiação do acidente poderia ter me afetado... Ou vai ver que ele queria informações sobre essa pedra que deve ser a fonte de energia do planeta dele, a Victorlândia. Todas as hipóteses seriam válidas. Sem entender direito fiz o que ele havia solicitado.

Apenas no fim do Mestrado entendi que essa é a metodologia dos trabalhos que ele executa. E que história de vida, como essas linhas têm mostrado, é parte fundamental desse aspecto metodológico.

Inscribi-me no processo seletivo e como esse trabalho comprova, eu fui aprovada. A partir de então, a maioria das orientações que eu receberia do professor Victor Hugo Guimarães Rodrigues seriam em locais “bastante comuns” para tal: loja de conveniência em um posto de gasolina; supermercado; lanchonete; ônibus; livraria; entre outros. Não informado de que não sabia me localizar na cidade de Rio Grande, O Victor marcava lugares aos quais para chegar, geralmente me perdia no

caminho. O dia em que nos encontramos em uma loja de conveniência, na manhã de um feriado, eu, perdida no meio do caminho, pedi carona a um velhinho que passara de bicicleta por mim. O pobrezinho me levou até o posto.

De acordo com SILVA (2009, p. 139), tanto a educação quanto a cultura em geral estão envolvidas em processos de transformação da identidade e da subjetividade. Neste contexto, o que é cultural é também uma pedagogia. A educação é fundamental na construção de nosso caráter e de nossa visão de mundo. Ela tem a capacidade de construir identidades culturais e perpetuá-las, mas também tem o poder em potencial de reformular os valores sociais. O especismo se consolida paulatinamente, dentro da família, na comunidade e até na escola e em livros infantis. O escritor Carlos Drummond de Andrade traduz bem esse comportamento no seguinte texto de 1975:

Da Utilidade Dos Animais

Terceiro dia de aula. A professora é um amor. Na sala, estampas coloridas mostram animais de todos os feitios. É preciso querer bem a eles, diz a professora, com um sorriso que envolve toda a fauna, protegendo-a. Eles têm direito à vida, como nós, e, além disso, são muito úteis. Quem não sabe que o cachorro é o maior amigo da gente? Cachorro faz muita falta. Mas não é só ele não. A galinha, o peixe, a vaca... Todos ajudam.

- Aquele cabeludo ali, professora, também ajuda?

- Aquele? É o iaque, um boi da Ásia Central. Aquele serve de montaria e de burro de carga. Do pêlo se fazem perucas bacanas. E a carne, dizem que é gostosa.

- Mas se serve de montaria, como é que a gente vai comer ele?

- Bem, primeiro serve para uma coisa, depois para outra. Vamos adiante. Este é o texugo. Se vocês quiserem pintar a parede do quarto, escolham pincel de texugo. Parece que é ótimo.

- Ele faz pincel, professora?

- Quem, o texugo? Não, só fornece o pêlo. Para pincel de barba também, que o Arturzinho vai usar quando crescer.

Arturzinho objetou que pretende usar barbeador elétrico. Além do mais, não gostaria de pelar o texugo, uma vez que devemos gostar dele, mas a professora já explicava a utilidade do canguru:

- Bolsas, mala, maletas, tudo isso o couro do canguru dá pra gente. Não falando da carne. Canguru é utilíssimo.

- Vivo, fessora?

- A vicunha, que vocês estão vendo aí, produz... produz é maneira de dizer, ela fornece, ou por outra, com o pêlo dela nós preparamos ponchos, mantas, cobertores, etc.

- Depois a gente come a vicunha, né, fessora?

- Daniel, não é preciso comer todos os animais. Basta retirar a lã da vicunha, que torna a crescer...

- A gente torna a cortar? Ela não tem sossego, tadinha.

- Vejam agora como a zebra é camarada. Trabalha no circo, e seu couro listrado serve para forro de cadeira, de almofada e para tapete. Também se aproveita a carne, sabem?

- A carne também é listrada?- pergunta que desencadeia riso geral.

- Não riam da Betty, ela é uma garota que quer saber direito as coisas. Querida, eu nunca vi carne de zebra no açougue, mas posso garantir que não é listrada. Se fosse, não deixaria de ser comestível por causa disto. Ah, o pingüim? Este vocês já conhecem da praia do Leblon, onde costuma aparecer, trazido pela correnteza. Pensam que só serve para brincar? Estão enganados. Vocês devem respeitar o bichinho. O excremento – não sabem o que é? O cocô do pingüim é um adubo maravilhoso: guano, rico em nitrato. O óleo feito da gordura do pingüim...

- A senhora disse que a gente deve respeitar.

- Claro. Mas o óleo é bom.

- Do javali, professora, duvido que a gente lucre alguma coisa.

- Pois lucra. O pêlo dá escovas é de ótima qualidade.

- E o castor?

- Pois quando voltar a moda do chapéu para os homens, o castor vai prestar muito serviço. Aliás, já presta, com a pele usada para agasalhos. É o que se pode chamar de um bom exemplo.

- Eu, hem?

- Dos chifres do rinoceronte, Belá, você pode encomendar um vaso raro para o living da sua casa.

-Do couro da girafa Luís Gabriel pode tirar um escudo de verdade, deixando os pêlos da cauda para Tereza fazer um bracelete genial. A tartaruga-marinha, meu

Deus, é de uma utilidade que vocês não calculam. Comem-se os ovos e toma-se a sopa: uma de-lí-cia. O casco serve para fabricar pentes, cigarreiras, tanta coisa. O biguá é engraçado.

- Engraçado, como?

- Apanha peixe pra gente.

- Apanha e entrega, professora?

- Não é bem assim. Você bota um anel no pescoço dele, e o biguá pega o peixe mas não pode engolir. Então você tira o peixe da goela do biguá.

- Bobo que ele é.

- Não. É útil. Ai de nós se não fossem os animais que nos ajudam de todas as maneiras. Por isso que eu digo: devemos amar os animais, e não maltratá-los de jeito nenhum. Entendeu, Ricardo?

- Entendi, a gente deve amar, respeitar, pelar e comer os animais, e aproveitar bem o pêlo, o couro e os ossos.

(DRUMMOND, 1975)

Como o escritor demonstra, somos ensinados a ter esses valores especistas. Hábitos culturais de dominação da natureza e de tudo que a ela pertence são transmitidos geração após geração de diversas maneiras: desde a forma lúdica, perpassando pela conduta religiosa e pelo pensamento biologizante acrítico que naturaliza nossos atos e escolhas.

Nas escolas, na família, nas ruas. A instrumentalização dos animais não-humanos perpassa por quase todas nossas atividades, seja para alimentação, para vestimenta, uso do corpo como força motriz, como fonte de pesquisa ou até mesmo para fins religiosos, decorativos ou de diversão. Como escravos, são reduzidos a objetos de compra, venda e lucro e quando não são mais úteis, são descartados. O que colocamos em nossos pratos, o que vestimos, quem escolhemos para nos alimentar e quem escolhemos para receber carinho. Quem é destinado a decorar a casa em jaulas (gaiolas ou aquários), quem é enviado aos laboratórios de pesquisa. Aqueles que devem carregar nossas cargas e aqueles que devemos proteger. Os que devem ser acolhidos e os que podem ser abandonados. Esse nosso sistema de

valores é imbuído de hierarquia antropocêntrica de caráter instrumental¹⁰, que reverbera em nossa própria espécie quando determinamos as pessoas que devem ter mais direito que outras, ou pior, sobre as outras. Atinge inclusive nosso entorno, causando várias agressões ambientais, visto que, segundo BRÜGGER (2004a, p.32), apenas quando vemos a natureza como uma grande fábrica é que nos permitimos dela extorquir tudo quanto é possível.

Segundo a autora, “nós próprios viramos recursos (ainda que humanos) pois somos parte dessa visão de natureza” (BRÜGGER, 1998, p.63). RODRIGUES (2008, pp.67,68,69) completa esse pensamento ao nos contextualizar e rememorar a falácia do projeto de modernidade que reverbera nos tempos hodiernos:

A paródia da liberdade impede o homem de agir e produzir a si mesmo através da sua ação. É uma liberdade medida pela capacidade do homem de consumir produtos. Ser cidadão é, no máximo, ter o poder de comprar e acumular bens de uso e de troca. A igualdade é instaurada em parâmetros excludentes. (...) Sob o discurso da igualdade de oportunidades se esconde uma ideologia do direito à mediocridade e à privacidade vazia e entediante. (...) A fraternidade ficou reduzida a um depósito de expectativas sempre malogradas por uma divisão radical entre os que mandam e os que obedecem.(...) Nossa ética é regulada pelas leis do mercado. Tudo se compra e tudo se vende. De homens a coisas tudo está à venda; tudo pode vir a transformar-se em uma mercadoria.

Quando reduzimos indivíduos a meios para nossos fins, ou seja, recursos, desprezamos toda e qualquer identidade que um ser senciente possa ter. Ao “coisificá-los” eles perdem seu rosto, passando a ser uma mera parte de um grupo homogêneo. Índios, escravos, mulheres, crianças, negros, proletários, animais não-humanos: A desconsideração de seus interesses por grupos hegemônicos (no caso dos animais, é toda uma espécie - a humana - que representa essa hegemonia) encontra uma raiz em comum com a ideologia de dominação na qual nossa sociedade tem se estruturado ao longo dos séculos. O geógrafo Dennis Bluwol pensa da mesma forma:

A humanidade sente-se no direito de explorar os animais para os seus próprios fins e para gerar sua própria riqueza material, assim como os ricos e donos dos meios de produção (burguesia) sentem-se no direito de explorar os pobres e proletários para seus próprios fins e para gerar sua própria riqueza material. Ou seja, uma parte da humanidade sente-se como elite social com direito de

¹⁰ Quando o indivíduo é valorado conforme sua “utilidade” para quem o usa enquanto um recurso, um objeto, um meio para seus fins.

explorar o resto da espécie, assim como a espécie humana sente-se como elite do planeta com direito de explorar o resto da natureza. (BLUWOL, 2010, p. 80)

Como lidamos com os demais animais se reflete na conduta que estabelecemos com o ambiente em geral e com a comunidade onde vivemos. Portanto, acordando com MAX (2008), ao se questionar todas as barreiras culturais e sociais que aprisionam os animais, constatamos que são as mesmas que nos aprisionam.

Aqui abrimos um parêntesis para dizer que, lembrando sempre da conexão entre ambiente, hierarquização discriminatória de direitos seja entre classes sociais, “raças”, gêneros e demais animais, também é de se estranhar que haja pessoas que se intitulem veganas e não tenham a dimensão política e social do veganismo, reduzindo-o a opção de consumo e de alimentação. Ou que se descuidem de si mesmos, esquecendo que somos animais e também ambiente, que o que comemos e usamos de medicamentos vai para o ambiente externo e afeta os animais não humanos, bem como os impactos da industrialização afeta a vida selvagem, e tudo vice-versa.

Porque é necessária uma autocrítica no movimento, como por exemplo do policiamento interno, que geralmente é reduzido ao que o OUTRO consome, de maneira quase fundamentalista, sem ver que muitas vezes, um produto com ingrediente animal cause menos danos tanto aos animais quanto ao ambiente (logo, afetando direta ou indiretamente os animais) do que consumir diariamente produtos ditos veganos empacotados em tetra pak ou em várias camadas de plástico e isopor, ou que tenham sido transportados de cidades muito distantes, liberando muito gás carbônico, e que, embora não tenham ingredientes animais, são de marcas que realizam testes toxicológicos, entre outros, nos mesmos, ou contêm ingredientes que destroem florestas na Indonésia, como o óleo de palma (que, inclusive, extermina orangotangos) ou oriundos de grãos transgênicos, por exemplo. Ou até mesmo adquirir bens derivados de exploração de mão de obra. Seria isso vegano? No entanto, não estamos aqui ditando normas de conduta e sim, levantando uma questão a ser lembrada, pois, como BOFF (1999, p. 160) nos ensina, “o fato de carregarmos sempre uma sombra de descuido, não invalida a permanente busca do cuidado essencial” e que se cada vegano tem um veganismo para chamar de seu, é importante que estejamos, contudo, atentos à raiz ética desse processo. Diante disso, digo que veganismo é algo que tento praticar, não é o

que eu SOU. Tenho também eu minhas sombras de descuido e gosto delas, pois elas me fazem ser humana e viva e livre! Fechado o parêntesis, retomamos aqui o discurso que interrompemos.

Tratar instrumentalmente os animais das outras espécies (convertidos em meros pacotes de proteína e máquinas de produção de leite e ovos) é um dos elos dessa cadeia predatória e que através da educação e da sensibilização pode ser revertido e transformado. Entendendo o especismo como síndrome da crise ambiental atual, provocada justamente pela maneira como nos relacionamos com o meio e com os seres desse meio e acreditando na pedagogia utópica da Educação Ambiental como instrumento de defesa de sonhos possíveis, pretendo contribuir para desconstruir esses valores através do regaste da empatia pelos animais usando recursos da Educação Estético-Ambiental a qual me abriu uma porta que há muito estava trancada.

A chave para abri-la veio através de ferramentas da Inteligência Emocional aplicadas em disciplinas como Ecologia Onírica; Educação Estético Ambiental; As três Ecologias e Ecologia Virtual Criativa. Aprendi, por exemplo, que é preciso aceitar para poder transformar; que tenho que assumir a minha fala; que fisiologia muda psicologia e vice-versa e que através do meu corpo posso modificar minhas emoções; que toda e qualquer experiência é válida desde que a entendamos como um estágio importante de crescimento e aprendizagem. Estou aprendendo a construção de novas aprendizagens e transformando o modo como aprendo e questiono a realidade. Pegaria emprestadas as palavras poéticas de Manoel de Barros para descrever esse meu momento de transformação:

*Perdoi
Mas eu preciso ser Outros.
Eu penso renovar o homem usando borboletas.
(BARROS, 1998, p. 79.)*

Descobri-me várias outras quando usei o lúdico para me expressar. Com isso busquei aprofundar-me no tema, entendendo-o como fundamental para minha experiência de vida. Porém, antes que isso acontecesse, percebendo-me tripulante de uma nau sem rumo em um mar de complexidade, envolvi-me em um bloqueio criativo tão forte a tal ponto que se instaurou uma verdadeira crise em mim, chegando ao desespero. Veio a estagnação, fazendo-me acreditar que eu era

totalmente incapaz e surgiu uma vontade poderosa de largar tudo. Mas de fato, a crise faz parte do processo e, se estivermos atentos, ela nos dá cliques inventivos.

Somente após um período de afastamento do mestrado e de auto cuidado (com muita ajuda) fui despindo-me de meus medos, descréditos e apatia. Através de uma arte que eu sequer sabia que conseguia fazer eu retomei interesse pela minha pesquisa e pensei em modos de executá-la melhor. Percebi que a criatividade é possível fluir quando se brinca e quando se tem clareza do que se quer. O brincar resgata a infância. RODRIGUES (cf. 2005, p.94), em seu estudo sobre o filósofo Gaston Bachelard, relembra que nas teorias de Bachelard, a infância pode ser encarada como uma abertura para o futuro, como fonte de cura dos ritmos do homem adulto. É nela que vivemos nossa criatividade. Ela é a “camada fértil da vida” (BEHR, 2003, p.13). Poderia dizer que encontrei meu rumo dentro da Educação Ambiental estética através de uma infância resgatada, criativa e sensível provinda de uma experiência de “espanto imaginário” (RODRIGUES, 2008, p. 69).

Comecei, então, a levantar algumas questões:

- Como usar a abolição animal de forma não doutrinária?
- Como falar de direitos dos animais sem repetir idéias já concebidas?
- Como alimentar sonhos através do abolicionismo animal?
- Como integrar ciência e olhares poéticos?
- Como ser eu mesma uma educadora ambiental?

E principalmente:

- Como sensibilizar as pessoas através da Educação Ambiental Estética Não Formal para a consideração moral pelos animais?
- Como trabalhar a relação sociedade-natureza sob o olhar não-especista?

Então, com o título “O Onirismo Ativo da Libertação Animal: Contribuição para Olhares não - especistas na Educação Ambiental” o trabalho pretende debruçar-se sobre essas questões a fim de esclarecê-las. O intuito é que esteja presente que: a) o trabalho deita sobre a questão animal, sob um viés de libertação dos animais não-humanos de seu status de propriedade nossa, passando a ser considerados, então, sujeitos de sua própria vida (cf. REGAN, 2006); b) utilizando-se para tal “imagens

poéticas” (RODRIGUES, 2008, p.73) e os “devaneios acordados” (RODRIGUES, 2008, p.76) potencializados por experiências estéticas e pelo conhecimento intuitivo; c) trata-se de um trabalho de cunho interventivo com anunciação de possibilidades práticas contidas na experiência imaginária; d) visando a construção de um ensino/aprendizagem ambiental que não seja antropocentrado e imbuído de preconceitos de espécie. Educando, assim, ética e esteticamente para uma real consideração e sincero respeito para com os demais animais do planeta, alertando para a nossa visão de natureza enquanto “conjunto de recursos ou instrumentos” (BRÜGGER, 1998, p. 62), visão da qual nós mesmos (e a própria educação ambiental por vezes) somos vítimas.

As duas últimas questões são o foco básico deste trabalho, que mais especificamente procurou usar técnicas da Educação Estética Não Formal para criar micro-intervenções no meio urbano a fim de despertar as pessoas para a realidade em que obrigamos os demais animais a viverem e para as consequências dessa realidade, transformando-as assim em um recurso áudio-visual para ser usado enquanto material didático, buscando, dessa maneira, fomentar espaços de diálogo e problematização a respeito da situação dos animais.

Logo, o presente estudo procura abordar e legitimar a questão animal, os direitos animais, a Libertação Animal como tema e prática da Educação Ambiental, levantando a importância da consideração moral pelos animais dentro de ambientes de ensino-aprendizagem ambiental e apresentando novos meios de se trabalhar a Educação Não Formal.

O abolicionismo animal vem a contribuir com a causa ambiental, pois propõe uma mudança de valores. E nossa relação com o ambiente e entre nós somente pode tornar-se positiva, se modificarmos os padrões que se instalaram em nossas mentes e moldaram a maneira como atuamos no mundo e uns com os outros. A teoria da Libertação Animal enriquece a Educação Ambiental, tornando-a menos antropocêntrica e mais harmoniosa para com os indivíduos das demais espécies do reino *Animalia* que compartilham o ambiente conosco, desafiando-nos a questionar nossos mais arraigados hábitos e crenças, assim como os valores que transmitimos durante nossas práxis educacionais. Bem como a própria relação dos humanos entre si, uma vez que também somos animais e, não raras vezes, estamos inseridos em contextos diversos de “cativeiros”, subjugando ou nos submetendo.

Tal posicionamento libertário parece ir de encontro a algumas características que REIGOTA (2009) denomina de educação ambiental crítica e política:

A Educação Ambiental crítica está impregnada da utopia de mudar radicalmente as relações que conhecemos hoje, sejam elas entre a humanidade, sejam elas entre a humanidade e a natureza. (p.17). Pensar as nossas relações cotidianas com os outros seres humanos e espécies animais e vegetais e procurar alterá-las (nos casos negativos) ou ampliá-las (nos casos positivos) numa perspectiva que garanta a possibilidade de se viver dignamente é um processo (pedagógico e político) fundamental que caracteriza a perspectiva de educação ambiental como educação política. (p.13).

A sujeição de corpos de seres vivos (que são por si mesmos natureza) poderia ser enquadrada no contexto de mercantilização da natureza, o que ocorre ao darmos valores de uso e lucro à instrumentalização dos animais das demais espécies. O abolicionismo animal confronta essa sujeição e propõe uma nova ética. Acreditando que “uma ética nova pressupõe uma ótica nova” (BOFF, 1999, p.22), talvez seja a hora de ver os animais com outros olhos, para podermos mudar a ética que guia nossa sociedade. Recorrendo ainda a REIGOTA (2009, p.15-16), ele afirma que “a ética ocupa um papel de importância fundamental na educação ambiental. Desconstruir a noção antropocêntrica é dos princípios éticos da educação ambiental”.

Assim, a presente pesquisa está igualmente inserida no contexto de análise sociedade-natureza, procurando dar continuidade a estudos que relacionam saúde, ética, ambiente e educação.

Penso que o tema exposto seja de relevância social, econômica, política, ambiental e até mesmo espiritual, pois se trata de uma visão transformadora. KUNDERA (1983, p. 272-273), em seu famoso romance “A insustentável leveza do Ser” escreve que

“A verdadeira bondade humana, em toda a sua pureza e liberdade, só pode se manifestar em relação àqueles que não têm nenhum poder. O verdadeiro teste moral da humanidade, seu teste fundamental, consiste em sua atitude em relação àqueles que estão à sua mercê: os animais. E a esse respeito, a humanidade tem sofrido um fracasso fundamental que todos os demais resultam desse”.

O movimento pela Libertação Animal tenta corrigir esse fracasso. Ele não é à parte da humanidade; “é uma tentativa de viver o mundo com respeito às liberdades individuais” (BLUWOL, 2010, p. 82) sem anular a importância do coletivo. Foge da “normalidade”, do majoritário, rompe com dogmas instituídos. É uma prática ética contra o pensamento hegemônico. É um “delírio” (do latim *delirare*: sair do sulco, sair da lira, ou seja sair da linha). Segue a função que RODRIGUES (2008, p.72) destina aos filósofos; a de “desnaturalizar as naturalidades, questionar as obviedades e subverter o senso comum do mundo que se configura”.

E por ser instituinte é vista como uma ameaça, pois de fato ameaça romper com toda a forma pela qual nossa sociedade tem sido estruturada por anos imemoráveis. Ou ao menos deveria ter essa dimensão, o que ocorre somente quando a libertação dos animais não-humanos se coaduna à libertação humana, não perdendo, destarte, a noção dos paradigmas civilizatórios de nossa sociedade como um todo.

Há o medo de que nossos “direitos” sejam restringidos ao admitir os direitos dos animais, mas na verdade o que está em jogo é outra coisa, é a perda de privilégios arbitrários e despóticos que usurpamos para nós e mais ainda, o fato de que, mudando nossa consideração pelos animais e os libertando, também nos libertaremos a nós mesmos, não admitindo, assim, a subjugação de qualquer indivíduo humano, nos rebelando, então, contra todo o alicerce que estrutura nossa sociedade iceberg¹¹ e assim, afundarmos esse sistema desonesto que temos sustentado há tanto tempo.

Enquanto o veganismo traz a possibilidade de enxergar que o especismo, bem como o sexismo, racismo, especismo e outros pensamentos hierarquizados como padrões versus empregados e ricos versus pobres são todos aspectos da “política de extinção” (expressão usada por SHIVA, 2003, p. 42), o onivorismo, o consumismo e a exploração animal tendem a reduzir o mundo a uma geladeira, acreditando que sempre haverá produtos ao alcance das mãos a ser retirados para saciar nossos desejos. A manutenção desse estilo de “vida” provoca o aumento de latifúndios monoculturais e de desertos verdes, como será exposto ao longo desse trabalho.

¹¹ Alusão à expressão empregada pelo escritor Aldous Huxley em sua obra *Admirável Mundo Novo*. “A sociedade ótima- disse Mustafá Mond- obedece ao modelo do iceberg: oito nonas partes abaixo da linha de flutuação e uma nona parte acima dela” (HUXLEY, 1932, p.145).

Hoje em dia, as crianças sabem mais sobre marcas de salgadinhos que o nome de frutas e legumes ou até mesmo o que é uma minhoca, como a diretora Estela Renner revela em seu documentário “Criança, a alma do negócio”, de 2008.

LAPPÉ (1985, p. 46) afirma algo importante a ser salientado:

Uma mudança na alimentação não é resposta. A mudança na alimentação é um modo de experimentar um pouco mais do mundo verdadeiro, ao invés de viver num mundo ilusório criado por nosso sistema econômico vigente, onde nossas riquezas nutricionais são ativamente reduzidas e onde a alimentação é tratada como mais uma mercadoria (...). A mudança na alimentação é um modo de dizer simplesmente: fiz uma escolha. Mas este é apenas o primeiro passo.

Ciente dessa condição, BLUWOL (2010, p.75) nos lembra que “de qualquer maneira, a questão é que, se a mentalidade vegana estiver presente em uma pessoa, muitas atitudes diferentes poderão decorrer”. E que o veganismo apenas como opção de consumo tem papel transformador até certo nível. Que quando vai além dessa característica, “possibilita a construção de outros modos de viver e se relacionar; a construção de outras culturas, de outras formas de estar inserido no todo, de fazer parte da natureza” (BLUWOL, 2010, p. 76).

A comodidade de não pensar por si mesmo não acarreta apenas em exploração animal, mas em nosso próprio sofrimento e empobrecimento cultural e imaginativo. Concordando com BLUWOL (2010, p.79) “‘alimentos’ que diminuem vitalidade, energia e concentração são obstáculos à compreensão e transformação do mundo em que vivemos”. Mais uma vez LAPPÉ (1985, p.174) nos ajuda a entender esse processo:

Uma outra razão para a utilização de alimentos processados é que eles exigem menos imaginação. (...) Embora acredite que as pessoas sejam hereditariamente criativas, nossa cultura cada vez mais inibe a criatividade. Imagens uniformes do que é belo, aceitável e do que é status são constantemente bombardeadas em nossas mentes. E o caminho mais fácil de nos assegurarmos de que não estamos nos desviando de tais imagens é comprar aquilo que já vem pré-embalado e pré-preparado. Contudo, ao cozer e ingerir alimentos integrais, quebramos essas imagens padronizadas. Assumindo nossas escolhas alimentares, passamos a confiar mais em nossa julgamento e criatividade. Sentir que não somos simples seguidores de instruções, numa determinada área de nossas vidas, pode nos ajudar a nos tornarmos capazes em áreas não relacionadas à alimentação.

Portanto, com o anseio de mesclar Libertação Animal e Educação Ambiental, por julgar demasiado importante propagar ambas as ideias e enriquecê-las com seu encontro, vim a fazer este trabalho. Entretanto, percebi que é extremamente difícil essa tarefa, tanto que entrei em uma severa crise que acarretou no atraso de toda a produção. Não há por onde me nortear, visto que se trata de um trabalho pioneiro, sem nenhuma tese ou dissertação ou mesmo monografia para me inspirar. Os trabalhos, ou são demasiado militantes, e por vezes dogmáticos, ou sem bases acadêmicas, ou não contemplam as duas vertentes ao mesmo tempo. E, se procuro construir uma pesquisa e não um grupo ativista, ou de amigos, nem mesmo “adestrar” as pessoas para o pensamento vegano de mundo, nada do que eu conhecia me ajuda nesse sentido. Ou talvez porque eu também ainda não tenha uma visão ampla que enxergue tudo como uma coisa unificada, e sim uma visão tecnicista e separativa: cada qual em seu compartimento.

Meu trabalho mudou inúmeras vezes de enfoque, metodologia e objetivos. Inicialmente, realizei entrevistas com sujeitos que tentam fazer da Libertação Animal sua realidade cotidiana, e praticam o anti-especismo, buscando desta forma, meios de provar que essa classe cultural é formada por “sujeitos ecológicos”. Perspectivas alheias ao meu tema me confundiam mais ainda durante as aulas, e o receio de não ser compreendida, ou ser mal entendida, me faziam me esconder cada vez mais e assim, ficar mais confusa com os objetivos e temática de minha pesquisa. Como poderia saber que epistemologia eu seguia se o caminho estava sendo feito ao caminhar, sem seguir ninguém?! Não sabia sequer se o que eu estava (tentando) fazer poderia ser chamado de pesquisa. Afinal, se eu (pensava que) já sabia a resposta, não existiria pesquisa. O fato de ser uma pesquisadora implicada me confundia mais ainda e dificultou o distanciamento. Mexeu profundamente com meus sentimentos e perspectivas. Estremeceu minhas crenças, enxerguei em mim defeitos que desgostava nos outros. Como eu viria a comprovar, minha hipótese de que não se fala de direitos animais em ambientes “ambientalistas” e de Educação Ambiental estava, infelizmente, certa. Nenhuma disciplina, nenhuma linha de pesquisa, nenhuma discussão adotava essa perspectiva. Fala-se muito de sociedade, de criticidade, de teorias políticas, vertentes pedagógicas, sensibilidade, mas nunca se toca no assunto dos nossos pratos, nossas vestimentas, nossas escolhas “recreativas”. Não se discute as nossas escolhas alimentares e o impacto

das mesmas sobre o ambiente, sobre o planeta, sobre nossas mentes, nossos corpos, nossos corações.

Fala-se em ética, mas não se considera pautar nossa moral em relação aos demais animais. Consideram que uma baleia é digna de respeito e proteção, e um peixe merece ser pescado. Isso levou a uma outra estratégia de pesquisa: aplicar questionários no próprio corpo discente do programa de pós-graduação em Educação Ambiental da FURG e analisar o grau de conhecimento e de relevância que dão aos direitos animais enquanto objeto de estudo em Educação Ambiental. Felizmente, um aluno (e amigo) doutorando (Cláudio Tarouco) enfoca os direitos animais em seu trabalho, bem como a mestranda Karine Sanchez, que ingressaria no programa no ano seguinte. Juntos, me ajudaram a pensar e repensar meu trabalho, durante nossas conversas, interações e trocas de informação. Além de termos sido parceiros em algumas atividades, como a que executamos na biblioteca da FURG.

Finalmente, a disciplina “As Três Ecologias” possibilitou uma reviravolta em meu trabalho e aguçou minha criatividade. Decidi que desenvolveria técnicas de experimentos lúdicos que buscassem instigar o cuidado e o respeito pelos animais das demais espécies, o que resultou na filmagem de diversas micro-intervenções urbanas. Entretanto, como mensurar o resultado? Como saber o impacto entre os transeuntes? Na maioria das vezes a semente apenas foi plantada e pode vir a germinar anos e anos mais tarde... Ou nem isso. Afetando ou não as outras pessoas, eu fui completamente afetada por essa forma de trabalhar e simplesmente amei. Amei ser criativa e me diverti.

Entender como se constitui as identidades concernidas com a condição a que os animais estão sujeitos em nossa sociedade pode ajudar a elucidar caminhos educativos que possibilitem esse processo de cuidado. Logo, procuro neste trabalho, argumentos que venham anunciar o veganismo como movimento contra-cultural do século XXI (iniciado no século XX, mas divulgado em larga escala nos tempos hodiernos) que traz consigo novas relações ambientais, não somente de respeito e alteridade para com os outros animais, mas tanto com o entorno físico quanto com os próprios humanos, bem como internamente. E legitimar os direitos animais, a Libertação Animal como tema de Educação Ambiental, buscando, dessa maneira, fomentar espaços de diálogo e problematização a respeito da situação dos animais e possibilitar, com isso, a sensibilização das pessoas para a “questão animal”.

Para tanto, o trabalho está dividido nos seguintes capítulos: Capítulo 1, intitulado **Pressupostos Teóricos** compreende os aspectos conceituais que permeiam e embasam o trabalho. Capítulo 2, **A relação da questão animal com os aspectos social, ambiental, psicológico e educacional**, retrata as implicações práticas das ações dos sujeitos humanos diante da Questão Animal. E o capítulo 3, intitulado **Recursos Estéticos de Onirismo Ativo** traz a metodologia do trabalho, bem como seu resultado e discussões.

Poderíamos dizer que o trabalho tem cunho experimental e que pode vir a imprimir pegadas que levem a uma convivência melhor no mundo para todos. Ademais, a pesquisa pode vir a ajudar futuros interessados pelo tema, capazes de aprimorá-la em outros estudos que virão.

1- Pressupostos Teóricos

Com intuito de possibilitar o entendimento de certos termos empregados neste trabalho, aqui expomos os principais pressupostos conceituais utilizados.

1.1- Educação Ambiental

A Educação Ambiental emerge de movimentos ecológicos que surgiram no contexto sessentista do século XX. Diferentemente dos movimentos antecessores, o ecológico não vinha criticando apenas o modo de produção, mas os fundamentos do nosso modo de vida. O cotidiano passou a ser evidenciado.

GONÇALVES (1990, p.12) afirma que “talvez nenhum outro movimento social tenha levado tão a fundo essa ideia, na verdade essa prática, de questionamento das condições presentes de vida”. Imbuída de características contestatórias e libertárias, a contracultura, conforme explica CARVALHO (2006, p. 47) veio valorizar estilos alternativos de vida:

A contracultura opõe-se sobretudo, ao paradigma ocidental moderno, industrial, científico, questionando a racionalidade e o modo de vida da chamada Grande Sociedade- expressão do pensamento crítico da época para designar o padrão social estabelecido.

No Brasil, a preocupação ecológica surge nos anos setenta, em pleno regime militar, momento histórico em que os tecnocratas atraíam capital estrangeiro a todo custo, social e ambiental (queda de florestas e aumento da poluição). Em finais da década de setenta, com a anistia, retornaram ao Brasil diversos exilados políticos que vivenciaram os movimentos ambientalistas europeus e que vão trazer um enorme enriquecimento ao movimento ecológico brasileiro (GONÇALVES, 1990, p.15-16). Para CARVALHO (2006, p.50), o movimento ecológico no Brasil será resultado do encontro de dois contextos socioculturais: a) o contexto internacional da crítica contracultural e das formas de luta do ecologismo europeu e norte-americano; b) o contexto nacional, em que a recepção do ideário ecológico acontece no âmbito da cultura política e dos movimentos sociais do País, assim como da América Latina.

Herdeira desse berço ideológico, a Educação Ambiental se apresenta entre as possibilidades de construção de novas relações com o ambiente, até que em 1972, durante a I Conferência Internacional sobre Meio Ambiente, realizada em Estocolmo, na Suécia, a EA se torna assunto de pauta, sendo, cinco anos mais

tarde, tema da I Conferência sobre Educação Ambiental em Tbilisi (ex URSS) e em 1997, da II Conferência, em Tessalônica, Grécia.

Como nos relata CARVALHO (2006, p.53), na sociedade brasileira, o evento não governamental da última década mais significativo para o avanço da Educação Brasileira foi o Fórum Global, que ocorreu paralelamente à Conferência da ONU sobre Desenvolvimento e Meio Ambiente, No Rio de Janeiro, em 1992, conhecida como Rio-92. Nessa ocasião, continua a autora, as ONGs e os movimentos sociais de todo o mundo reunidos no Fórum Global formularam o Tratado de Educação Ambiental para sociedades sustentáveis, cuja importância foi definir o marco político para o projeto pedagógico da EA. Esse tratado está, segundo CARVALHO (2006, p.53), na base da formação da Rede Brasileira de Educação Ambiental.

Uma característica primária da Educação Ambiental é se tratar de um campo polissêmico, no qual se pode misturar História, Biologia, Geografia, Ecologia, Ciências Sociais, Psicologia, Terapias Alternativas, Física, Saúde, Artes em geral, Direito, entre outras áreas do conhecimento. E por que não também a alimentação?!

Cada um atua nesse caldeirão conforme suas perspectivas ideológicas e conceituais, tanto em ambientes formais quanto não formais de educação.

Enquanto pesquisadora e ser pensante, definiria Educação Ambiental como uma área teórico-prática-reflexiva na qual se tenta despertar as pessoas para suas relações com a “natureza” e os outros seres, inclusive entre os humanos e consigo mesmas. Inclui alteridade (colocar-se no lugar do outro) e discussão da sociedade, consumo, bem como temas de exploração e dominação. É por excelência a visão crítica da relação sociedade-natureza e objetiva mobilizar novas sensibilidades, tentando resgatar o olhar sistêmico diante da biosfera, da cultura e do cotidiano.

Considerando que o egoísmo tem sido causa do fracasso da humanidade e dos danos que causamos, cremos ser muito importante uma Educação Ambiental não antropocêntrica, que vise “ampliar a visão para além da mente muito estreita que percebe o mundo apenas a partir daquilo que gera benefícios próprios, que define prioridades sem se preocupar com o que está acontecendo, ou possa acontecer, a sua volta, pois essa estreiteza caracteriza o problema ecológico” (cf. Samten *et al.*, 2004, p.109-110).

Educar ambientalmente é auto-educar-se (por assim entender, e por ser este um trabalho com pesquisador implicado, o presente trabalho traz muitos relatos pessoais), bem como a mudança de hábitos.

Segundo BRÜGGER (2004b, p. 117) em uma educação realmente ambiental, haveria lugar para o resgate da dimensão ética e implicaria também uma avaliação crítica da dimensão individualista, tão marcante em nossa sociedade. REIGOTA (2009, p. 15) concorda com a autora quando declara que “a ética ocupa um papel de importância fundamental na Educação Ambiental. É sempre muito difícil definir o que é ética ou ensiná-la, mas podemos identificar a sua presença ou ausência”. Desconstruir a noção antropocêntrica é um dos princípios éticos da Educação Ambiental. (REIGOTA, 2009, p.16).

As concepções acima apontadas parecem ter consonância com aspectos da Educação Ambiental proferida por REIGOTA (2009, p.13) enquanto educação política:

Pensar as nossas relações cotidianas com os outros seres humanos e espécies animais e vegetais e procurar alterá-las (nos casos negativos) ou ampliá-las (nos casos positivos) numa perspectiva que garanta a possibilidade de se viver dignamente é um processo (pedagógico e político) fundamental e que caracteriza essa perspectiva de educação.

Continua o autor:

A educação Ambiental deve procurar favorecer e estimular possibilidades de se estabelecer coletivamente uma “nova aliança” (entre os seres humanos e a natureza e entre nós mesmos) que possibilite a todas as espécies biológicas (inclusive a humana) a sua convivência com dignidade. (REIGOTA, 2009, p.14)

Por ser multifacetada e de natureza original contrária aos parâmetros civilizatórios de nossa sociedade, a Educação Ambiental se consolidou como questionadora, dialógica, onírica e inventiva. Problematisa, então, os dogmas. O que nos dá um leque de possibilidades metodológicas e de abordagem amplas e variadas. Nas palavras de REIGOTA (2009, pp. 15, 17):

A Educação Ambiental (...) é questionadora de certezas absolutas e dogmáticas; é criativa, pois busca desenvolver metodologias e temáticas que possibilitem descobertas e vivências, é inovadora quando relaciona os conteúdos e temáticas ambientais com a vida cotidiana e estimula o diálogo de conhecimentos científicos, étnicos e populares e diferentes manifestações artísticas; e crítica muito crítica, em relação aos discursos e às práticas que desconsideram a capacidade de discernimento e de intervenção das pessoas e dos grupos independentes e distantes dos dogmas políticos, religiosos, culturais e sociais e da falta de ética. (...). A Educação ambiental crítica, está dessa forma,

impregnada da utopia de mudar radicalmente as relações que conhecemos hoje, sejam elas entre a humanidade, sejam elas entre a humanidade e a natureza.

O presente trabalho, acreditamos, caminha nesse sentido acima apontado: investigar práticas educativas que se dão através de vivências e de múltiplas metodologias não ortodoxas, partindo de uma temática tão inovadora, contemporânea e urgente quanto a libertação animal, que vem questionando nosso cotidiano especista e nosso modo de vida atual.

1.2- A questão animal: especismo, abolicionismo/libertação animal, direitos dos animais/veganismo.

Os dados mais antigos a que se tem acesso sobre discursos em prol dos animais datam de cerca de quinhentos anos anteriores à era cristã, embora se apresentassem de forma periférica e sob uma perspectiva espiritual.

Sidarta Gautama, o Buda, no século V ou VI a.C. pregava que

O primeiro preceito é não matar. Todos os seres vivos temem a morte. Se verdadeiramente seguirmos o caminhos da compreensão e do amor, nós observaremos este preceito. Não apenas protegeremos a vida humana, como também protegeremos a vida dos animais, vegetais e minerais. Observando tal preceito, nutre-se a compaixão e a sabedoria". (HANH, 2007, p.127)

Seus ensinamentos instruíam que se cultivasse a compaixão (Daya) por todos os seres. E quando indagado, certa vez, sobre abate de animais, ele respondeu:

Jivaka, as pessoas não falam a verdade quando dizem que permito que animais sejam abatidos para prover com carne quer a mim mesmo ou aos monges. Tenho, na verdade, falado sobre isso um certo número de vezes. Se um bhikkhu deve recusá-lo. Ainda que ele não veja o animal sendo abatido, se souber que ele o foi em seu benefício, o bhikkhu deve recusar tal oferenda. Além disso, se meramente suspeitar que o animal possa ter sido abatido em seu benefício, deve recusá-lo. Jivaka, de acordo com a prática de mendigar, um bhikkhu aceita toda e qualquer oferenda, a menos que o animal tenha sido morto em seu benefício. As pessoas que compreendem os votos do bhikkhu oferecem apenas comida vegetariana aos monges. Às vezes, porém, uma pessoa só tem a ofertar comida preparada com carne. Há, também, pessoas que não tiveram oportunidade de um contato prévio com o Buda, o Dharma, Sangha e não têm conhecimento de que os monges preferem comida vegetariana. Em tais situações, o bhikkhu aceita seja o que for oferecido para evitar ofender o doador e criar uma oportunidade

de contato de tal modo que a pessoa possa aprender sobre o caminho da liberação. Jivaka, chegará o dia em que todas pessoas compreenderão que os bhikkhus não querem que animais sejam mortos. Neste dia, ninguém mais oferecerá carne aos bhikkhus, e eles poderão comer apenas comida vegetariana. (HANH, 2007, p.312)

Ainda hoje, muitos seguidores do budismo optam por uma alimentação isenta de carnes.

Na Índia, durante mais ou menos o mesmo período surgiu o jainismo nos moldes como é conhecido na atualidade (embora se acredite que suas raízes precedam o bramismo, cujos seguidores também renunciavam à ingestão de carnes). Esta religião, reformada por Mahavira - o 24º Tirthankara ou profeta jainista (FARIA, 2002) e contemporâneo do Buda histórico- assim como o budismo e o hinduísmo, tem como preceito a doutrina da não-violência, ou Ahimsa. Seu postulado básico, como nos informa LEVAI (2004, p.22), é “não fazer mal a qualquer ser vivo”. Os jainistas eram instruídos a evitar ações que causassem sofrimento¹² e a praticar a sublimação dos prazeres terrenos¹³. Não deveriam beber vinho, comer durante a noite ou comer carne, bem como não ingerir vegetais nos quais viviam determinados seres:

Hoje os praticantes do Jainismo na Índia são em número bem menor (em torno de 5% da população) do que as outras religiões tradicionais, caracterizando-se por um rigoroso vegetarianismo e por um cuidado radical da preservação de toda a vida. (FARIA, 2002)

É comum para os povos que seguem essas doutrinas religiosas serem preocupados até mesmo com a integridade de animais pequenos, como formigas e minhocas.

Igualmente entre os séculos V e VI a.C., no ocidente, mais precisamente na Grécia, Pitágoras (565-497 a.C) assumia sua posição favorável aos animais, pois acreditava na transmigração das almas. Para Pitágoras a amabilidade para com todas as criaturas não-humanas era um dever (GOLDIM & RAYMUNDO, 1997). É sabido que os pitagóricos seguiam a dieta vegetariana, apesar de que a preocupação com a pureza de seu corpo e espírito eram, aparentemente, os motivos centrais de suas condutas. Apolônio de Tiana ([2 a.C.](#) – [98d.C](#)) foi um deles:

¹² O primeiro preceito jainista, conforme FARIA (2002), é o de “não destruir a vida”.

¹³ Como se verifica nos quinto (limitar suas posses, praticar austeridade), décimo (limitar os prazeres de cada dia) e décimo primeiro preceitos (jejuar), segundo destaca FARIA (2002).

Por mim discerni uma certa sublimidade na disciplina de Pitágoras, e como uma certa sabedoria secreta capacitou-o a saber, não apenas quem ele era a si mesmo, mas também o que ele tinha sido; e eu vi que ele se aproximou dos [altares](#) em estado de pureza, e não permitia que a sua barriga fosse profanada pelo partilhar da [carne](#) de animais; e que ele manteve o seu corpo puro de todas as peças de [roupa](#) tecidas de refugo de animais mortos. (http://www.theosophical.ca/404_cta.shtml)

Apolônio escreveu *De abstinentia abesum animalum* (Da Abstinência do Alimento Animal) e *De non necandis ad epulandum animantibus* (Da Inadequação da Matança de Seres Vivos para Alimentação).

Ainda na Grécia, como aponta LEVAI (2004, p.18) outros pensadores, como Pitágoras defenderam o vegetarianismo: Porfírio (233-304) e Plutarco (45-125), por exemplo. Este último, segundo consta SINGER (2004, p. 225) era o autor preferido de Montaigne.

Na Itália dos séculos XV e XVI, Leonardo Da Vinci (1452-1519) foi um grande defensor dos animais. Tanto que o filósofo estadunidense dos direitos animais Thomas Regan atribui a classificação de “vinciano” para pessoas que desde muito pequenas mostram sua “consciência animal” bastante desenvolvida, tendo grande consideração pelos animais. Embasando-se no historiador Edward McCurdy, REGAN (2006, p.27) revela que Da Vinci adotou uma dieta vegetariana na infância, por razões éticas. O pintor renascentista era também um cientista e inventor e se interessava seriamente por entender o voo e não suportava ver os animais enjaulados. Conta-se que costumava comprar pássaros presos para devolver-lhes a liberdade (cf. REGAN 2006, p.27) e preferia roupas de linho para não vestir animais mortos. Entre suas fábulas, segundo consta no site da UPPA (União para Proteção Dos Animais)¹⁴ encontramos os seguintes pensamentos: “*O Homem tem um grande poder da palavra, mas, de uma maneira geral, aquilo que diz é fútil e falso; os animais têm pouco, mas o que dizem é útil e verdadeiro*”. Atribui-se também a ele o seguinte excerto “*haverá um dia, em que o homem conhecerá o íntimo dos animais. Neste dia, um crime contra um animal, será considerado um crime contra a própria humanidade.*” (REVISTA NOVO AMBIENTE, sd.)

Igualmente no Renascimento, apesar do extremo racionalismo e incentivos (por parte dos filósofos e cientistas que inauguraram a ciência moderna) de livre intervenção e domesticação da natureza características, Montaigne (1533-1592), na

¹⁴ http://www.uppa.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=80&Itemid=28

França, propunha respeito para com os animais, como se pode analisar no seguinte trecho encontrado em sua obra Ensaios:

Cumpre-se ter certo respeito não somente pelos animais, mas também por tudo que o que encerra a vida e sentimento, inclusive árvores e plantas. Aos homens devemos justiça; às demais criaturas capazes de lhes sentir os efeitos, solicitude e benevolência. (<http://www.viajus.com.br/viajus.php?pagina=artigos&id=1223&idAreaSel=1&seeArt=yes>)

A ciência foi tomando impulso e ficando cada vez mais mecanicista. Com René Descartes (1596-1650) os animais foram reduzidos a autômatos sem sentimentos. Durante o período do Iluminismo, entretanto, o filósofo francês Voltaire (1694-1778) criticou o uso dos animais nas experimentações científicas e sua redução a meras máquinas, publicando em seu Dicionário Filosófico:

Que ingenuidade, que pobreza de espírito, dizer que os animais são máquinas privadas de conhecimento e sentimento, que procedem sempre da mesma maneira, que nada aprendem, nada aperfeiçoam! Será porque falo que julgas que tenho sentimento, memória, ideias? Pois bem, calo-me. Vês-me entrar em casa aflito, procurar um papel com inquietude, abrir a escrivaninha, onde me lembra tê-lo guardado, encontrá-lo, lê-lo com alegria. Percebes que experimentei os sentimentos de aflição e prazer, que tenho memória e conhecimento. Vê com os mesmos olhos esse cão que perdeu o amo e procura-o por toda parte com ganidos dolorosos, entra em casa agitado, inquieto, desce e sobe e vai de aposento em aposento e enfim encontra no gabinete o ente amado, a quem manifesta sua alegria pela ternura dos ladridos, com saltos e carícias. Bárbaros agarram esse cão, que tão prodigiosamente vence o homem em amizade, pregam-no em cima de uma mesa e dissecam-no vivo para mostrarem-te suas veias mesentéricas. Descobres nele todos os mesmos órgãos de sentimentos de que te gabas. Responde-me maquinista, teria a natureza entrosado nesse animal todos os órgãos do sentimento sem objectivo algum? Terá nervos para ser insensível? Não inquires à natureza tão impertinente contradição.(cf. SINGER, 2004, p.228)

E foi justamente em decorrência da experimentação animal que surgiu a primeira entidade protetora de animais de laboratório que se tem notícia, fundada pela esposa daquele que foi, segundo GREEK & GREEK (2000) o verdadeiro consagrador da vivisseção (cisão ou experimentação em animais vivos) como método de pesquisa médica: o fisiologista francês Claude Bernard, que chegou a montar um laboratório em casa e usar o cão (o animal mais utilizado nos laboratórios, na época) da família em seus experimentos. Fanny Bernard, tomando

conhecimento do suplício dos animais e da técnica que passou a ser difundida pela Europa (e hoje é a regra entre os cientistas das áreas biomédicas), separou-se do marido em 1870 (cf. LEVAI, 2011). A associação criada por ela em 1883, teria sido a Sociedade Francesa Antivivisseccionista, que acolhia animais abandonados (LEVAI, 2011), os quais iam parar nos laboratórios científicos. Mas, antes dela, já em 1845, havia se fundado a primeira sociedade protetora de animais da França, a SPA (cf. LEVAI, 2011).

Do século XVIII ao XX, a dominação da Grã Bretanha na Índia resultou no contato dos ingleses com a cultura indiana, com o hinduísmo e demais religiões que se baseavam na abstenção de carnes da dieta (cf. MÜLLER, 2011).

Na Inglaterra, em 1776, o pastor anglicano Humphry Primatt (1735-1777) publica *The Duty of Mercy* (Dever de Misericórdia), onde, segundo CUNHA (2007), constata que a crença na dignidade humana está fundada numa presunção de superioridade contra aqueles que não têm a aparência biológica de tal espécie, já que não há mérito ou demérito para um indivíduo nascer com o corpo que nasceu, pois isto não resulta de investimento pessoal, então não pode ser sinal de superioridade. Primatt foi o primeiro a ressaltar a semelhança de todos os animais dotados de sensibilidade e a necessidade de abolir todas as formas de crueldade contra eles (cf. CUNHA, 2007).

Suas ideias influenciaram o escritor britânico Henry Salt (1851–1939), que, segundo o historiador MÜLLER (2011), foi em seu tempo um dos mais eminentes defensores dos animais, e também de reformas sociais, inserindo a questão animal na esfera laica e política. De acordo com MÜLLER (2011), Salt foi um dos primeiros a usar a expressão “direitos dos animais”, publicando, em 1892, “Animal Rights”.

Contemporâneo de Gandhi, diz-se que o escritor ajudou Mahatma em sua elaboração das teses pacifistas. Para Salt, a extensão de direitos aos demais animais constituía uma etapa no progresso moral e social da humanidade (MÜLLER, 2011).

Ainda na Inglaterra, em 1789, o filósofo Jeremy Bentham (1748-1832), contemporâneo de Primatt, engrossa a crítica filosófica à tirania do ser humano frente aos animais não-humano, baseando seus argumentos na dorência e na capacidade dos seres em sofrer.

CUNHA (2007) explica que Primatt, como Bentham mais tarde, percebe que o que iguala humanos e os faz dignos de consideração moral não são as capacidades

da razão plena (do contrário, muitos humanos que não a possuem - bebês, idosos senis, comatosos ou aqueles com graves doenças mentais, por exemplo - seriam usados como se fossem meras coisas), mas sim a capacidade de sofrer ou sentir dor; esta, intrinsecamente ruim para qualquer ser que seja capaz de senti-la.

Bentham é o autor da célebre passagem escrita em seu livro *Introduction to the principles of morals and legislation*:

Talvez chegue o dia em que o restante da criação animal venha a adquirir os direitos que jamais poderiam ter-lhes sido negados, a não ser pela mão da tirania. Os franceses já descobriram que o escuro da pele não é razão para que o ser humano seja irremediavelmente abandonado aos caprichos de um torturador. É possível que um dia se reconheça que o número de pernas, a vilosidade da pele ou a terminação do osso sacro são razões igualmente insuficientes para abandonar um ser senciente ao mesmo destino. O que mais deveria traçar a linha intransponível? A faculdade da razão, ou, talvez a capacidade da linguagem? Mas um cavalo ou um cão adulto são incomparavelmente mais racionais e comunicativos do que um bebê de um dia, de uma semana, ou até mesmo de um mês. Supondo, porém, que as coisas não fossem assim, que importância teria tal fato? A questão não é se eles podem raciocinar ou podem falar, mas podem eles sofrer? (cf. SINGER, 2004, p.08-09)

No século XIX o filósofo alemão Schopenhauer (1788-1860), também vai na contramão racionalista e antropocêntrica em vigor, dando suas contribuições à causa animal.

Para tal, conforme BARBOZA (2008), usa sua ética da compaixão (*Mitleidsethik*) baseada numa metafísica da Vontade como tentativa de neutralizar o egoísmo, fonte de toda violência. Daquela decorreria uma justiça desinteressada e suas virtudes, sendo ela um dispositivo natural, e, advindo da vontade, não pode ser ensinada.

Sabe-se que Arthur Schopenhauer era um estudioso do budismo, sendo ele o introdutor do pensamento indiano na metafísica alemã, o que se reflete não apenas na ética da compaixão, mas também na análise da separatividade sujeito-objeto, do eu e do não-eu, que se dá por nossa cegueira e nosso ego. BARBOZA (2008) explica que, para o filósofo, é o sentimento que dá acesso ao Em-si do mundo.

Nas teorias de Schopenhauer o animal possui entendimento, com o qual forma suas intuições empíricas do mundo e assim sobrevive com o conhecimento tanto quanto o homem (BARBOZA, 2008), percebendo o perigo e fugindo dele. A diferença seria que, além das representações intuitivas, o homem forma as

representações abstratas. Mas a essência, a Vontade da Vida, é a mesma. O animal seria então um ser senciente, capaz de ter sofrimento e ter consciência do mesmo. Sua ética se estende, então, a todo ser capaz de sofrer.

Em sua obra *Parerga e Paralipomena* (1851) critica o modo ocidental de tratar os animais, o que, para ele, tem suas raízes na cultura judaico-cristã, que separou homem do mundo animal, ao qual pertencemos naturalmente (cf. BARBOZA, 2008).

Mediante a diversão com o sofrimento causado gratuitamente às bestas Schopenhauer escreveu que *“poder-se-ia verdadeiramente dizer: os seres humanos são o diabo sobre a face da terra e os animais são as almas por eles flageladas”*. (ibidem)

O autor denuncia e se indigna com as experimentações animais, sua crueldade e obtusidade. Métodos absolutamente dispensáveis, que têm como propósito primeiro o reconhecimento do pesquisador na comunidade científica, conforme se conclui do trabalho de REIS (2008). Suas críticas também se direcionam para pensadores antropocêntricos, como Kant, que rebaixam os animais ao status de coisas sem auto-consciência, sendo, portanto, um meio para as finalidades humanas, o ser racional (cf. BARBOZA, 2008). Sua crítica decorre, ademais do imperativo categórico kantiano, que tem, no entendimento de Schopenhauer, fundo egoísta, pois poderemos sofrer das mesmas ações que provocamos, ou seja, é uma ética baseada em si mesmo, sem consideração sincera, segundo o filósofo (cf. BARBOZA, 2008).

Arthur S. diferentemente, acredita, por influência budista, no olhar plural e no sentir o outro, com o outro, em unidade, mas sem a ilusão de que a dor seja sua. O agente não sofre em si o sofrimento alheio, mas no outro mesmo.

Schopenhauer advogava ainda contra o status de mercadoria dos animais para que nós os usemos. O outro, para ele não era apenas o “ser racional”, mas todos os seres vivos. O grande monstro a ser combatido, como mola impulsionadora do que é anti-moral, é o egoísmo que provoca dor, sofrimento a outra vida na sua desenfreada busca pelo próprio bem-estar, mesmo se às custas do mundo inteiro (BARBOZA, 2008), o que leva o homem a querer dominar tudo.

O filósofo alemão, bem como faria Salt mais tarde, fala em termos de “direitos dos animais”: Os animais como detentores de direitos naturais de bem-estar e respeito.

Schopenhauer testemunhou com alegria o surgimento das sociedades protetoras dos animais, que floresceram na Europa no século XIX (BARBOZA, 2008). Entretanto, Schopenhauer permanece no que hoje se chama bem-estarismo, ou seja, não importa se de fato os animais são usados ou mortos, mas como são tratados, o que reflete em sua não adesão ao vegetarianismo. Restringiu-se a condenar o mau-trato contra os animais e recomendar um abate rápido e indolor. Paradoxalmente, mesmo criticando fervorosamente o antropocentrismo, acaba por adotar para si uma postura completamente egoísta e instrumental, colocando os interesses dos animais (no mínimo o de se manter vivo) em segundo plano, pois de acordo com BARBOZA (2008) Schopenhauer defendia que uma morte “indolor” causaria menos sofrimento a eles do que aos homens ao renunciarem à carne! Segundo ele, o sofrimento seria proporcional à inteligência.

Outra posição paradoxal do filósofo foi ser ao mesmo tempo contrário à escravidão humana e favorável ao trabalho animal, contanto que neste se mantivessem as premissas do bem-estar e fosse sem excessos. Ou seja, na hora de praticar traiu sua própria filosofia.

Enquanto Schopenhauer acreditava ser impossível o “homem do Norte” (BARBOZA, 2008) sobreviver sem se alimentar de carne, em sua época foi fundada a Sociedade Vegetariana Britânica, em 1847, em plena Era Vitoriana e em meio à Segunda Revolução Industrial. Os operários, afogados na injustiça social, na super exploração laboral e insalubridade do ambiente de trabalho lutavam por sua própria sobrevivência e direitos. Assim, de acordo com (MÜLLER, 2011), O interesse pelo vegetarianismo permaneceu restrito às camadas mais abastadas da sociedade, a classe média com acesso à educação, em contato com outras culturas e com rigorosa formação religiosa. Não havia diálogo com a classe trabalhadora ou intenção de atrelar sua causa a princípios de justiça social (MÜLLER, 2011). Eles buscavam influenciar a elite de seu tempo. Talvez por isso, o vegetarianismo seja, ainda hoje, no imaginário popular, uma causa para ricos e pessoas sem consciência social, ou atrelada a motivos religiosos.

A publicação do livro "A Origem das Espécies", em 1859, foi um divisor de águas. O naturalista britânico Charles Robert Darwin (1809-1882), juntamente com Alfred Wallace apresentavam ao mundo seus estudos (não conjuntos, mas de conclusões similares quanto à seleção natural) sobre a evolução. Os seres tinham um ancestral comum e a espécie *Homo sapiens sapiens* descendia do macaco. Não

havia melhores nem piores, todos eram evoluídos à sua maneira, representando galhos de uma mesma árvore e não degraus de escadas, embora Darwin continuasse a usar as expressões “animais superiores” e “animais inferiores”.

Charles Darwin (1809-1882) deu o golpe final, em 1872, com sua obra “A Expressão da Emoção em Homens e Animais”, na qual demonstra que as nossas capacidades mentais diferem dos outros animais em grau, não em tipo (cf. DARWIN, 2000). Ou seja, devido à evolução, as características seguem uma continuidade e as emoções se encontram em áreas mais primitivas do cérebro, encontradas igualmente em outros animais. Quer dizer que essas emoções não surgiram abruptamente no ser humano, mas este as herdou de outras espécies que fazem parte da mesma linha evolutiva. Darwin acredita que os outros mamíferos experimentam raiva, medo, tristeza, ansiedade, alegria, surpresa, melancolia e até mesmo amor, culpa e vergonha. Essas idéias vieram a reforçar cientificamente o que alguns filósofos já pregavam: não somos o ápice da criação, somos “apenas” mais um no mundo, com o mundo.

Atualmente, a veterinária e professora Irvênia Prada, seguindo esse raciocínio, ilustra em seu livro “A alma dos Animais”, como o sistema límbico, relacionado às emoções é uma característica ancestral (comum aos animais com sistema nervoso central), e se desenvolveu primeiro, localizando-se, então, nas regiões mais internas (e antigas) do cérebro, que foi se desenvolvendo mais frontalmente ao longo da cadeia evolutiva. A área pré-frontal, no entanto, encontra-se presente não apenas no ser humano, mas também em outros mamíferos (cf. PRADA, 1997, p.54). Conclui a autora:

Então, se para o homem, está bem caracterizado o papel da área pré-frontal como mediadora das funções mentais e, por outro lado, se essa área também existe no cérebro dos animais, embora em menor representação, isso é sugestivo de que esses animais têm igualmente funções mentais, embora mais acanhadas, tendo-se como referência o ser humano. Aliás, é bem conhecida, clinicamente, a repercussão neurológica de lesões da área pré-frontal em cães, gatos, cavalos, macacos, etc. Quando ocorrem lesões com essa localização, os animais mostram, como sintomas, as chamadas alterações de comportamento e de personalidade. Assim, tornam-se dementes, alheios aos estímulos do meio, não reconhecem mais as pessoas, perdem-se em lugares distantes, batem a cabeça contra obstáculos e, por vezes, põem-se a andar compulsivamente, até à exaustão. Sintomas semelhantes podem ser evidenciados em animais estressados, sejam abandonados, maltratados, amedrontados, acuados ou aprisionados. (PRADA, 1997, p.56)

Já no século XX, quando o movimento vegetariano começou a se questionar de dentro, surgiram cisões. SINGER (2007, p.203) conta-nos que Donald Watson ([1910](#) - [2005](#)) desvinculou-se da Vegetarian Society e, em uma reunião organizada em 1944, fundou a Vegan Society, na Grã Bretanha. O termo “vegan” vinha para diferenciar as pessoas que excluía todos os itens de origem animal de suas atividades, e não apenas a carne, mas couro, lã, gelatina, mel, produtos e serviços oriundos da exploração animal. O vegetarianismo, através do veganismo, passou a incorporar uma dimensão mais ética e seu sentido político foi sendo desenvolvido.

Em 1952, o Prêmio Nobel da Paz condecorou o médico missionário Albert Schweitzer (1875-1965), tido como um dos precursores da bioética. Para ele, o homem só é verdadeiramente ético quando demonstra solidariedade incondicional perante todos os seres que habitam o planeta (LEVAI, 2004). Schweitzer afirmava que “o grande erro de toda a ética tem sido, até agora, o de crer que deve se ocupar somente com a relação do homem com o homem.”

Em 1969, o psicólogo e professor universitário inglês Richard Ryder (nascido em 1940) ganha atenção pública, quando rompe com as pesquisas laboratoriais em animais e começa a discursar antagonicamente a essas práticas, tornando-se um dos pioneiros contemporâneos do movimento de libertação animal. Estudando os escritos de Humphry Primatt, ele cunha, então, em 1973, o termo “especismo”, baseando-se no preconceito de espécie citado por Primatt. Escreveu alguns livros sobre o assunto como *Victims of Science* (1975), *Painism: A Modern Morality* (2003) e *Putting Morality Back into Politics* (2006).

Ryder usa o “especismo” como analogia para preconceitos de mesma ordem, sendo similar ao sexismo e ao racismo. A um nível maior, a espécie - assim como a raça e o gênero - também é um grupo. Discriminar outra espécie simplesmente por sua característica biológica (nesse caso todo seu *pull* gênico) é mais um preconceito, cuja discriminação se baseia em aparências externas ou factuais, caracterizando-se como um critério arbitrário.

O especismo é profundamente arraigado em nossa cultura e é o norteador da maneira como os animais não-humanos são subvalorados e instrumentalizados. O/a especista crê que os fatores biológicos que determinam o animal humano têm valor moral. Quer dizer, os interesses de um membro da espécie humana são superiores aos de outras espécies simplesmente pelo fato de o indivíduo pertencer à espécie humana.

A UNESCO, proclamou em Bruxelas, em 27 de janeiro de 1978 a Declaração Universal dos Direitos dos Animais (UNESCO, 1978). Muito bonito teoricamente, mas violado a cada momento pelas pessoas. Seus enunciados consistem no seguinte:

- 1 - Todos os animais têm o mesmo direito à vida.*
- 2 - Todos os animais têm direito ao respeito e à proteção do homem.*
- 3 - Nenhum animal deve ser maltratado*
- 4 - Todos os animais selvagens têm o direito de viver livres no seu habitat.*
- 5 - O animal que o homem escolher para companheiro não deve ser nunca ser abandonado.*
- 6 - Nenhum animal deve ser usado em experiências que lhe causem dor.*
- 7 - Todo ato que põe em risco a vida de um animal é um crime contra a vida.*
- 8 - A poluição e a destruição do meio ambiente são considerados crimes contra os animais.*
- 9 - Os direitos dos animais devem ser defendidos por lei.*
- 10 - O homem deve ser educado desde a infância para observar, respeitar e compreender os animais.*

O décimo artigo mostra a responsabilidade das autoridades escolares quanto ao papel de educar os cidadãos para uma melhor relação com os outros animais.

Aparentemente, a única incongruência do documento reside no Artigo 9º, que compactua com o abate (“Quando o animal é criado para alimentação, ele deve de ser alimentado, alojado, transportado e morto sem que disso resulte para ele nem ansiedade nem dor.”). Ou seja, os interesses humanos continuam tendo mais valor.

No território brasileiro, conforme LEVAI (2004, p.27-28), na mesma época em que se editaram as leis de abolição da escravatura o município de São Paulo inseria em seu código de Posturas, de 6 de outubro de 1886, uma norma legal que parece ter sido pioneira em tratar de um assunto relacionado à proteção dos animais. Seu artigo 220 enuncia o seguinte: “É proibido a todo e qualquer cocheiro, condutor de carroça, pipa d’água, etc., maltratar os animais com castigos bárbaros e imoderados. Esta disposição é igualmente aplicada aos ferradores. Os infratores sofrerão multa de 10\$, de cada vez que se der a infração”.

LEVAI (2004, p.28) lembra que, no século XIX, José do Patrocínio (1854-1905), jornalista republicano, escreveu em sua coluna no jornal “A Notícia”:

“Eu tenho pelos animais um respeito egípcio. Penso que eles têm alma. Ainda que rudimentar, e que eles sofrem conscientemente as revoltas contra a injustiça humana. Já vi um burro suspirar como um justo depois de brutalmente esbordoado por um carroceiro que atestara o carro com carga para uma quadriga e queria que o mísero animal o arrancasse do atoleiro.”

Sentindo-se mal em meio a este texto, Patrocínio veio a falecer (LEVAI, 2004, p. 29).

Em 1895 o Brasil presencia o surgimento de sua primeira entidade de proteção animal. A UIPA, União Internacional Protetora dos Animais, nascia na capital paulista com intuito de lutar contra a exploração, crueldade e o abandono que vitimam os animais. Nos dias de hoje assume publicamente contornos abolicionistas, não se restringindo a coibir práticas de maus-tratos.

Nas próprias palavras divulgadas em seu institucional sítio digital

sua principal luta é a de fazer com que sejam os animais reconhecidos como seres titulares do direito à vida e à liberdade, e não apenas ao bem-estar. Permitir que o animal viva, e de acordo com as características de sua espécie, é o que mais importa à entidade, que se opõe à visão utilitarista, em nome da qual o homem se arroga o direito de subjugar o animal. Não se trata, portanto, de reclamar por jaulas limpas, amplas e guarneçadas de alimento, como fazem as associações protetoras “bem-estaristas”, mas de atuar pelo fim do aprisionamento em jaulas, segundo a concepção das entidades abolicionistas. (http://www.uipa.org.br/portal/modules/mastop_publish/?tac=A_UIPA).

A associação civil continua firme em suas atividades, dando prosseguimento ao trabalho jurídico e político, abrigando cerca de mil e quinhentos animais abandonados e vítimas de maus tratos, promovendo a edição e o fiel cumprimento das leis que protegem os animais não-humanos e lutando pelo reconhecimento de seus direitos.

Somente duas décadas após a proclamação da República começam a surgir em nosso cenário legislativo normas de proteção animal. Em 1924, em âmbito nacional, foram vedadas licenças para brigas de galo e canários, corrida de touros e novilhos e qualquer diversão do gênero que causasse sofrimento aos animais (LEVAI, 2004, p.30). Em 1934, um decreto federal proibiu maus-tratos em animais. A crueldade animal passou a ser contravenção penal.

A Lei dos Cetáceos de 1987 proíbe a caça às baleias em águas jurisdicionais brasileiras.

Provavelmente a mais atual lei a respeito da questão animal seja a Lei de Crimes Ambientais (9605/98) cujo artigo 32 profere punição para quem praticar ato de abuso, maus-tratos, ferir ou mutilar animais silvestres, domésticos ou domesticados, nativos ou exóticos. Embora deputados, influenciados pela bancada ruralista, estejam tentando anular esse artigo. A sociedade organizada tem pressionado para que se mantenha o artigo inalterado.

O número de adeptos do vegetarianismo, veganismo ou mesmo do bem-estarismo animal tem crescido no país. Em março de 2010 foi fundada a Sociedade Vegana no Brasil, antecederida pela Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB) em 2003.

Nos tempos hodiernos, há muitos pensadores sobre a questão animal. Podemos dizer que o propagador inicial, em nossos tempos, sobre o tema foi o filósofo australiano Peter Singer (nascido em 1946), que segue a corrente utilitarista. Sua ética prática se concentra no princípio da igual consideração de interesses: interesses semelhantes de todos os seres sencientes envolvidos no mesmo ato têm igual valor. Em *Ética Prática*, Singer (2002) defende que o juízo ético não deve servir a, nem depender de interesses pessoais ou grupais.

Podemos dizer que a Libertação Animal enquanto MOVIMENTO consolidado -- que segundo CUNHA (2008) reivindica uma revisão do *status* moral dos animais não-humanos buscando livrá-los da dor e sofrimento imposta por nós -- teve seu início a partir da publicação da obra *Libertação Animal* (ibidem), de Peter Singer, em 1975, que foi traduzida para o português apenas em 2004.

O MOVIMENTO pelos direitos animais, conforme CUNHA (2008), inicia alguns anos mais tarde, tal como proposto pelo filósofo norte-americano Tom Regan em sua obra *The Case for Animal Rights*, de 1985 e continuado pelo filósofo e jurista Gary L. Francione.

Os direitos animais, enquanto movimento organizado reivindica a abolição (e não meramente uma regulamentação para que sofram "menos") de todas as práticas que escravizam os animais (e causam-lhes dano e morte, por exemplo) e que os rebaixa ao *status* de mero item de propriedade, meras "coisas" que servem aos interesses humanos (CUNHA, 2008):

Assim, o movimento pelos Direitos Animais segue a mesma lógica de outros movimentos por justiça social, como o que reivindicou a abolição da escravidão dos africanos e afro-descendentes e o que reivindicou o fim da opressão sobre a mulher. (Ibidem)

O veganismo seria, então, a prática dos direitos animais, que almeja o abolicionismo do status de coisa dos demais animais.

Diferencio dieta vegana de veganismo, pois não considero uma pessoa vegana apenas por sua escolha alimentar isenta de produtos de origem animal. Aliás, o veganismo tampouco se reduz à dieta, visto que intenta a o abolicionismo animal, ou seja, luta pelo fim da utilização dos animais como objetos, o que se aplica ao não uso de pele natural, incluindo couro, produtos com ingredientes de origem animal ou testados em animais, bem como atividades de entretenimento que recorrem à exploração animal, para citar apenas alguns exemplos. Embora em nossa realidade urbana isso seja praticamente impossível, uma vez que até pneus de carro e canos de PVC são fabricados com componentes oriundos da indústria animal. Por isso, ser vegano é tentar ser vegano. Para CUNHA (2008):

Ser vegano é uma consequência lógica de se reconhecer que não há uma justificativa ética (universal, geral e imparcial) para se escravizar e matar indivíduos que nasceram com o formato biológico de outras espécies simplesmente pelo fato deles não terem nascido com a configuração da nossa espécie.

Ou seja, é uma consequência lógica contra o preconceito de espécie (especismo). E se este é paralelo ao sexismo, ao racismo e até mesmo ao capitalismo (por gerar a hierarquia patrões x empregados, ricos x pobres), seria muito controverso alguém se dizer vegano e ser racista, homofóbico ou machista, por exemplo.

Trata-se, então, de uma filosofia de vida baseada na consideração dos animais enquanto sujeitos de direito.

O filósofo Thomas Regan, nos E.U.A estabelece o critério de *sujeitos-de-uma-vida*, os quais ele reconhece estarem dentro da comunidade moral e serem sensíveis aos danos a eles impostos (sencientes). Os animais devem ser considerados membros da comunidade moral, mesmo que em condição de pacientes não de agentes morais plenos. Os *sujeitos- de- uma- vida* para serem categorizados como tal precisam apresentar desejo, memória, intenção, sentido de futuro e emoção, não sendo meros receptáculos. Segundo sua teoria, os *sujeitos-de- uma- vida* não devem ser considerados recursos para suprir as necessidades de *outros sujeitos- de- uma- vida*, pois são fim em si mesmos. Uma vida é boa ou não

para o sujeito independente do valor que outro ser atribua a ele. O que acontece a esses animais *certamente*¹⁵ importa para eles (REGAN, 2006, p.71).

Tom Regan prega o direito a ser tratado com respeito. O reconhecimento dos direitos animais, segundo o filósofo requer abolição da exploração, e não reformas. Defende, pois, que as jaulas não devem ser apenas mais espaçosas, mas vazias. Em seu livro *Jaulas Vazias*, ele discorre, também, sobre a justiça para os indefesos, para os vulneráveis. Ou seja, em alguns casos, quem tem seus direitos violados podem não se dar conta de que isso esteja acontecendo, como no caso de crianças, pessoas com graves deficiências mentais ou senis, por exemplo. Assim, *“quanto menos capazes esses humanos forem de defender seus direitos, maior é nosso dever de fazê-lo por eles. O mesmo vale quando as vítimas são animais não-humanos.”* (REGAN, 2006, p. 75). Os seres vivos podem ter um bem ou valor que pode ser impedido, ainda que não tenham consciência nem de estarem vivos.

O termo “interesse” passa então a ser entendido como condição, não necessariamente mental, de um indivíduo para o qual algo pode ser importante. Quando estamos dormindo, por exemplo, não temos consciência de estarmos vivos, mas se alguém tirar nossa vida durante esse momento, está nos retirando um bem. O autor salienta ainda que danos e perdas podem ser provocados mesmo na ausência de dor. No seu entender, a experiência de alívio não tem um valor em si mesma. O alívio apenas repõe o que foi usurpado, não acrescentando nada de positivo.

O jurista e professor Gary Francione defende a abolição animal, dizendo que os animais não devem ser tratados como propriedade ou meios para nossos fins.

Há ainda o português Fernando Araújo, professor da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa e do Curso de Direito da Universidade Moderna, também ele propagador dos direitos animais. E o escritor sul africano John Maxwell Coetzee, cuja obra *“Desonra”* recebeu o prêmio Nobel de Literatura no ano de 2003. Publicou em 2011 seu livro sobre a causa animal (*“A vida dos Animais”*), explorando valores humanos através de um personagem fictício (Elizabeth Costello) que se questiona sobre a crueldade humana contra os animais, incluindo o ato de comer carne. Através dela estabelece reflexões filosóficas a respeito dos direitos que os animais têm em relação a nós. Denunciando os horrores cotidianos a que são submetidos os animais não-humanos, o autor mostra a necessidade de uma mudança de postura (cf. LEVAI, 2004, p.23). A política anti-apartheid também é uma de suas bandeiras.

¹⁵ Grifos do autor.

No Brasil temos expoentes no movimento animal que publicam muitos artigos e livros sobre direitos animais e a instrumentalização a que são assujeitados em nossa sociedade como a filósofa Sônia Felipe, professora na Universidade Federal de Santa Catarina, o jurista Laerte Levai, a bióloga Paula Brügger, também professora na UFSC, e os biólogos Thales Tréz e Sérgio Greif.

Hoje, há pessoas envolvidas com a causa animal de diversas formas no mundo todo, inclusive em nosso território, seja em projetos de recolhimento de animais de rua, cuidando deles, castrando e fazendo feiras de adoção; seja tentando acabar com o uso de animais em testes científicos; denunciando maus tratos e violências contra animais; divulgando o vegetarianismo/ veganismo e informando as pessoas sobre a realidade dos abatedouros; optando por uma vida que tenta diminuir ao máximo a contribuição para com a exploração animal, não usando couro, leite, ovos, mel, carnes ou derivados animais nem financiando eventos e empresas que sobrevivem da exploração animal; se posicionando contra o status de mercadoria dos animais e os tratando como sujeitos de uma vida; resgatando animais de fazenda e criando santuários; mantendo santuários para animais usados em circo; protestos contra exposições de arte que deixam animais expostos, passando fome ou presos; lutando pela substituição de zoológicos por lugares de triagem e reintrodução dos animais em seu ambiente; lutando pela extinção do uso de animais em circos, rodeios e outras atividades que utilizam animais como entretenimento; apreensões de tráfico de animais e centros de recolhimento de animais apreendidos em atividades ilegais; punição para quem participa e promove rinhas de galo ou briga de cães; insurgindo contra caça às baleias e fábrica de casaco de peles; tentando substituir o uso de cavalos em carroças; dando aulas de culinária vegana; pressionando o governo para edição, fiscalização e cumprimento de leis de proteção aos animais; realizando abaixo-assinados, passeatas e pressão da opinião pública através de veículos de comunicação como internet, rádio e meios impressos; ou simplesmente tentando sensibilizar as pessoas para que tenham respeito pelos animais.

Muitos vídeos existem sobre essa temática. Apenas como exemplo podemos citar alguns: o chocante *Terráqueos* (o mais completo, denunciando todas as formas de exploração animal na atualidade), *Toda a verdade - animais da Europa* (enfoca a indústria da carne, o comércio animal, o transporte dos animais), *Meat your meat* (sobre abate), *Chew on This* (dez motivos para se tornar vegetariano), *Show de*

Horrores (sobre circos com animais), *Por trás da máscara* (sobre experimentação animal, os bastidores dos laboratórios e os ativistas que resgatam os animais e são considerados pelo governo dos EUA como terroristas domésticos), *A Life Conected* (os benefícios do veganismo), *Meat the Truth* (aborda a relação da pecuária com os danos ambientais, em especial as mudanças climáticas), *Sea The Truth* (aborda os impactos ambientais da pesca), *The Meatrix* e *The Meatrix 2* (animações que parodiam o filme Matrix, falando a respeito das fazendas-indústrias), *Hello, I'm Vegan* (mostra a vida e perspectivas de indivíduos veganos), *Cows with guns* (um clipe musical em forma de animação sobre vaquinhas revolucionárias que lutam por seus direitos) e os brasileiros *A Carne é Fraca* (o pioneiro, que até hoje tem conquistados adeptos para causa animal e “convertidos” ao vegetarianismo), *Não matarás* (sobre experimentação animal), *A Ética Humana* (um curta sobre abate), o premiado média metragem *Espírito de porco* (sobre a suinocultura), *Sinfonia animal* (relações entre animais humanos e não-humanos dentro do espaço urbano), *Atave* (a crueldade da indústria da carne na Avicultura), *A cara Vegan* (documentário de 15 minutos a respeito de quem pratica veganismo), *Família Vegan* (desenho infantil sobre uma família vegana) e o mais recente *Vegana* (animação sobre veganismo e respeito aos animais).

Atualmente acontece na cidade de Curitiba-PR um festival de cinema dedicado à causa animal intitulado de “Mostra Internacional de Cinema pelos Direitos dos Animais”, onde os inscritos concorrem com seus vídeos.

O tema está na mídia, em músicas, livros de ficção, revistas diversas, livros de filosofia e Direito, nas artes, em estampas de roupas, adesivos, bottons, patches, tatuagens, monografias, dissertações, teses, poesias e até mesmo em desenhos animados famosos como Simpsons, South Park (que já retratou com seu humor sarcástico a realidade do “baby beef”, feito de vitela, ou seja, filhotes de vaca, novilhos) e o não muito popular Goode Family, sobre uma família vegana eco e politicamente correta.

Indivíduos preocupados com a situação dos animais têm feito diversos congressos, encontros, festivais ou mesmo festas em âmbito local, nacional e internacional para discutirem o tema e trocarem idéias a respeito da causa.

Parte do movimento “animalista” atual alia a “libertação animal” a outras lutas, como justiça social e um modo de vida menos impactante para o ambiente.

1.3 - Ecologia Onírica e Onirismo Ativo

Ecologia Onírica é um termo cunhado pelo filósofo Victor Hugo Guimarães Rodrigues. Surgiu como filosofia experimental de perspectiva bachelardiana, e enquanto disciplina acadêmica em 2003 (cf. RODRIGUES, 2011), buscando criar sonhadores e despertar espíritos livres, mediante uma outra forma de ensinar filosofia na Universidade (RODRIGUES, 2011, p. 4).

Ecologia Onírica é, segundo (RODRIGUES, 2011, p.4) uma tentativa de construir ciência, como uma ecologia focada no sonho, como princípio antecipatório da percepção, do sentimento e da ação humana, de modo a limpar as imagens internas do lixo ambiental. O que se aproxima da perspectiva das Três Ecologias de Félix Guattari e da Ecologia Integral de Wilber.

O filósofo, através de experiências não convencionais de ensino, busca potencializar processos criativos e devaneios (individuais e coletivos) que contribuam para a formação de seres felizes, que sejam capazes de construir um mundo mais harmônico através do altruísmo e da alegria. Fomenta, assim, “mundos inimagináveis e utopias concretizáveis”. (RODRIGUES, 2011, p.6). O que vai ao encontro também do que BAREMBLITT (2002, p.1772-173) intitula como “utopia ativa”.

Segundo ele, em táticas de utopia ativa as metas não são colocadas em um futuro remoto. Há uma interligação entre fins e meios. O processo produtivo-desejante revolucionário é seu próprio fim e meio em cada aqui e agora.

Por esse motivo o trabalho e seu resultado são uma coisa só. Para RODRIGUES (2011, p.10), filósofo influenciado por Gaston Bachelard, o nome seria “onirismo ativo”, cujo horizonte está na “anunciação de possibilidades das práticas, contidas na experiência imaginária que se abre, ao ser instaurada no ‘aqui e agora’ do instante presente” (RODRIGUES, 2011, p.9) e se alimenta de “imagens virtuais” (RODRIGUES, 2011, p.10), ou seja, do que pode ser, mas ainda está latente.

A utopia ativa, ou onirismo ativo, no caso do presente trabalho é o Abolicionismo animal, movimento de defesa dos animais que luta pelo fim da exploração dos mesmos. (Cf. SINGER, 2004; REGAN, 2006; CUNHA, 2007). A utopia, para SILVA (2007, p.2), representa a inerente tentativa do homem em buscar ou criar um lugar perfeito para viver. E para BOFF (1999, p.81) o ser humano e a sociedade não podem viver sem utopia. Explica ele:

Quer dizer, não podem deixar de projetar seus melhores sonhos nem desistir de buscá-los dia após dia. Se não houvesse utopias, imperariam os interesses menores. Todos se chafurdariam no pântano de uma história sem esperança porque sempre dominada pelos mais fortes. (ibidem)

Inserida na Educação Estética, a Ecologia Onírica se propõe a integrar essa dimensão pedagógica com a Educação Ética e a Educação Ambiental.

Apontada como “uma filosofia que investiga as condições de possibilidade do advento de uma nova era, onde sonhadores e visionários não serão a exceção, nem a aberração da cultura, mas a regra e o normal” (RODRIGUES, 2011), a Ecologia Onírica possibilita a inserção da Libertação Animal em seu diálogo pelo fato de que os veganos buscam a ruptura com o instituído e através de seu sonho de um mundo sem especismo, criam realidades inimagináveis, que tem se concretizado a passos cada vez mais rápidos. Santuários de animais, por exemplo, resgatados de fazendas, circos, zoológicos, rinhas, entre outros, já existem no Brasil, como o Santuário das Fadas (Itaipava-RJ), o Rancho dos Gnomos (Cotia-SP) e associados ao Projeto GAP (Sorocaba-SP, Vargem Grande-SP, Ibiúna-SP), bem como outras opções de alimentação, que não envolvem crueldade animal, e geram menor impacto ambiental e social.

Nunca teremos visto bem o mundo, ensina BACHELARD (1988, pp.165-166 apud RODRIGUES, 2011, p.10), se não tivermos sonhado aquilo que víamos.

Quem acredita no abolicionismo animal, leva para onde vai sua casa dos sonhos imbuída de desejos de igualdade, liberdade e felicidade para todos os seres e, através de seu exemplo, educa as pessoas com quem convive, ética, estética e ambientalmente. Aliás, a educação pelo exemplo já é uma educação ambiental, pelo simples fato de modificar positivamente o meio onde se circula, fazendo as pessoas modificarem a si mesmas.

Ao mesmo tempo, a Ecologia Onírica poderia ser uma importante ferramenta para ajudar os difusores da Libertação Animal a se relacionarem melhor entre si, com os não - veganos e dentro de si mesmos.

1.4- Ética Prática

A imagem que a maioria de nós faz da Filosofia é que se trata de um campo do conhecimento voltado para elucubrações mentais, com idéias abstratas sobre o mundo. Entretanto, há filósofos que se preocupam em aplicar a filosofia à vida concreta. Filósofos que tratam de temas que interessam as pessoas comuns e aplicam a ética à vida real são chamados eticistas (NACONECY, 2006, p.17).

Um dos campos da Ética Prática é a chamada Bioética. O termo *Bioethics* foi usado pela primeira vez, segundo BRAZ et al. (s.d), em 1970, pelo bioquímico e professor estadunidense Van Renssealaer Potter (1911-2001) em seu artigo “Bioethics, the science of survival”. Essa nova filosofia integrava Biologia, Ecologia, Medicina e Valores Humanos. Potter foi influenciado pelas ideias de Aldo Leopoldo (1887-1948) com sua Ética da Terra e pelo Médico Albert Schweitzer (1875-1965).

A Ética Animal, por sua vez, propagada nos tempos hodiernos pelo filósofo Australiano Peter Singer (1946-dias de hoje), é considerada um ramo da Bioética ou da Ética Ambiental e deve ser interpretada pelos leitores, conforme explica NACONECY como a forma elíptica de “ética do tratamento dos animais (não-humanos) por parte dos humanos” (2006, p.18)

SINGER, por sua vez, denota que “Ética Prática é a aplicação da Ética ou Moralidade (ele não faz distinção desses termos) à abordagem de questões práticas, como o tratamento dispensado às minorias étnicas, a igualdade para as mulheres, o uso de animais em pesquisas e para a fabricação de alimentos, a preservação do meio ambiente, o aborto, a eutanásia e a obrigação que têm os ricos de ajudar os pobres” (2002, p.9).

Por esse motivo, podemos dizer que um trabalho de Educação Ambiental que aborda questões relacionadas à maneira como os seres humanos tratam os demais animais está inserido no contexto da “Ética Prática”. Este trabalho, não deixa de estar inserido em um paradigma ético. Portanto, se trata de uma tentativa de aplicação da Ética, ou seja, uma Ética Prática.

NACONECY (2006) cita vários exemplos de Ética Prática utilizados para defender diretamente os animais (não-humanos): Utilitarismo, Direitos, Dorismo, Ética do Cuidado, Deveres, Alteridade.

Dentre as vertentes citadas por Naconezy, poderíamos pautar a Ética do Cuidado como proposta desenvolvida ao longo da pesquisa. Pois, mediante

artefatos da Ecologia Onírica (campo da Educação Estética) tentaremos resgatar a empatia, o cuidado e a simpatia pelos animais não humanos: “relações socioafetivas no campo da Moral” (NACONECY, 2006, p. 191).

Nesses termos, NACONECY (2006, p.191) completa que

Empatia é a capacidade de sentirmos como se fossemos o outro, “de dentro dele”, a partir do que sua situação significa para ele. Simpatia é o partilhar nossos sentimentos e interesses com esse outro indivíduo.

A Ética do Cuidado visa, então, estender aos animais nossa empatia e simpatia, sem deixar de lado a racionalidade, ampliando nosso círculo de moralidade. Uma vez que “para que pensamento e sentimento sejam eticamente efetivos, eles devem ser fortalecidos mutuamente” (NACONECY, 2006, p.192) e não isolados: Essa sensibilidade não pode ser desenvolvida somente em um plano abstrato e racional. Ela deve fluir do nosso envolvimento direto com o mundo, da tentativa de experienciar emocionalmente o impacto de nossas decisões morais. (Ibidem)

Baseando-nos nesse entendimento, optamos pela Ética do Cuidado como uma de nossas bases teórico - práticas.

Em seu livro “Saber Cuidar”, o teólogo Leonardo Boff se debruça inteiramente sobre a Ética do Cuidado. Segundo ele, baseando-se em mitos antigos, a essência humana, de dimensão ontológica, reside no cuidado:

No cuidado se encontra se encontra o ethos¹⁶ fundamental do humano. No cuidado identificamos os princípios, os valores e as atitudes que fazem da vida um bem-viver e das ações um reto agir. (BOFF, 1999, pp.11-12) Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro. (BOFF, 1999, p. 33).

Para ele, o cuidado é similar ao que descrevemos acima sobre empatia:

Cuidar das coisas implica ter intimidade, senti-las dentro, acolhê-las, respeitá-las, dar-lhes sossego e repouso. Cuidar é entrar em sintonia com, auscultar-lhes o ritmo e afinar-se com ele. A partir desse valor substantivo emerge a dimensão de alteridade, de

¹⁶ Quando falamos de *ethos* queremos expressar o conjunto de valores, princípios e inspirações que dão origem a atos e atitudes (as várias morais) que conformarão o habitat comum e a nova sociedade nascente. (BOFF, 1999, p.39)

respeito, de sacralidade, de reciprocidade e de complementaridade.
(BOFF, 1999, p. 96).

BOFF nos lembra ainda que termos sempre uma sombra de descuido não anula nossa busca pelo cuidado. É o que ocorre, por exemplo com o veganismo: não conseguir ser totalmente vegano em cada comida, produto ou atividade, não significa que não podemos ou não devemos continuar caminhando em direção aos direitos animais. Não poder fazer tudo não invalida a tentativa de se fazer o que é possível. Pois “purismo quixotesco” apenas inviabiliza a ação concreta e a existência sadia.

O teólogo menciona, inclusive, na página vinte e seis da obra supracitada, exemplos de grupos cujo número tem crescido nos últimos anos, entre eles os de defesa dos animais. Para ele esses grupos representam essa essência humana.

O autor parece estar certo, pois pessoas e organizações que lutam pela abolição animal, querendo ou não, decorrem em atitudes de cuidado não somente com os animais das demais espécies, mas com seu próprio corpo e com o ambiente. Afinal, quem se preocupa com animais entende que eles precisam de um lugar preservado para sobreviverem, mesmo o ambiente urbano precisa ser bem organizado para que os animais tenham seu espaço e sua dignidade garantidas, sejam árvores para pássaros, seja lar para cães e gatos.

Ademais, considerando os impactos acarretados pela exploração animal ao meio (como veremos mais adiante), ao evitá-los, mediante o veganismo estaremos ajudando não somente os animais, mas também o meio ambiente e os próprios seres humanos.

Se nos alimentássemos exclusivamente de vegetais, sob uma perspectiva vegana de vida, possivelmente nossas cidades teriam mais hortas, ingeriríamos uma maior variedade de nutrientes e de produtos alimentícios naturais, o que contribuiria positivamente para toda a teia de biodiversidade.

Embora seja “quase impossível *provar* que a alimentação causa uma certa doença” (LAPPÉ, 1985, p.137), podemos pegar exemplos de estudos feitos com populações genética e ambientalmente mais homogêneas.

A autora revela ainda que já na década de 1980 pesquisas demonstravam que

uma das maneiras de reduzir nossa exposição aos pesticidas é limitar a ingestão de carne bovina e suína, de aves,

peixes e gorduras. As frutas e hortaliças vêm em segundo lugar na lista de transportadores de pesticida. (LAPPÉ, 1985, p.155)

Além de que, menciona ela, em suas entrevistas com pesquisadores, descobriu que quanto mais gordura de origem animal houver na alimentação, mais pesticidas encontraremos no leite materno. (Cf. LAPPÉ, 1985, p.154). E se considerarmos o efeito cumulativo, não adiantaria consumir o que atualmente nomeiam de “boi verde”, pois para ter uma produção em alta escala, o gado continuaria sendo alimentado de grãos e/ou pastagem advinda da monocultura, portanto, contaminada com defensivos agrícolas altamente tóxicos. “Quanto mais deixarmos a indústria de alimentos criar aquilo que ingerimos, mais estaremos expostos aos riscos”, declara LAPPÉ (1985, p.157). “Quanto mais controlarmos nossa alimentação, mais seremos capazes de reduzir tais riscos” (LAPPÉ, 1985).

E considerando os malefícios das comidas de origem animal, desde a obesidade, passando pela pressão alta, doenças cardíacas, diabetes e até mesmo câncer¹⁷, quem se preocupa verdadeiramente com os animais, lhes poupa a vida e evita seu sofrimento através de suas escolhas de vida e alimentares, conseqüentemente, se abstém de alimentos desse tipo e acaba se beneficiando com suas refeições. Também deixam de contribuir com os impactos ambientais gerados pela cadeia produtiva baseada na exploração animal.

Aliás, o mundo não precisou de overdose de capitalismo para presenciar extinções provocadas pelo ser humano: Em seu livro “Poema Imperfeito”, o biólogo Fernando Fernandez menciona que, segundo o paleontólogo Paul Martin, nas extinções do Pelistoceno-Holoceno podem ser identificados oito padrões. E entre esses padrões observados, concluiu-se que as extinções foram repentinas no tempo geológico, assíncronicas, os nichos não foram preenchidos e principalmente as extinções seguiram as pegadas do homem. O livro cita vários exemplos de “prehistoric overkill”, ou seja, excessiva matança pré-histórica, além de atitudes nada cuidadosas de povos originários, como por exemplo, os Maoris, na Nova Zelândia, que chegaram à linha a cerca de mil anos, mas foram responsáveis diretos pela extinção das aves gigantes Moas, embora a tradição neozelandesa costume

¹⁷ Uma pesquisa recentemente publicada, executada por pesquisadores da Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, acompanhou por trinta anos cento e vinte mil pessoas e chegou à conclusão de que o consumo diário de 85 gramas de carne eleva o risco de morte precoce em 13%. Se a carne for processada o risco aumenta para 20%. (cf. <http://info.abril.com.br/noticias/ciencia/consumo-de-carne-vermelha-aumenta-risco-de-morte-20032012-21.shl>)

apontar os maoris um exemplo de povo que vivia em harmonia com a natureza! (cf. FERNANDEZ, 2005, pp. 31, 32, 37)

Ou seja, apesar do efeito destrutivo do desenvolvimento industrial, nos tempos pré-históricos já exercíamos demasiada pressão no ambiente, o que se deve, entre outras causas à perda da dimensão do cuidado.

Se não houvéssemos abandonado a dimensão do cuidado, não teríamos encarado a natureza como um banco de recursos a serem espoliados. Pois, “pelo cuidado não vemos a natureza e tudo que nela existe como objetos. A relação não é sujeito-objeto, mas sujeito-sujeito” (BOFF, 1999, p.95). Inter-agiríamos em vez de inter-ferirmos. Igualmente não seríamos cruéis conosco mesmo.

2. A relação da questão animal com os aspectos social, ambiental, psicológico e educacional.

“Seu burro”! “Ela é uma vaca”! “Me tratou como um cachorro”! “Se comporta como um porco”. “Aquele mulher é muito cachorra”. “O filho da vizinha é um galinho de briga”. “Tenho memória de peixe”. “Não confie nela, é uma cobra caninana”. “Estúpido como um cavalo”. “Tonta como uma anta”. “Teimoso como uma mula”. “Veadinho”. “Piranha”. Essas e tantas outras expressões são utilizadas por nós como adjetivos pejorativos. Citando GONÇALVES (1990, p.25), são todos nomes de animais, de seres da natureza tomados em sentido negativo, em oposição a comportamentos considerados cultos, civilizados e bons.

Embora nem todas as comunidades humanas partilhem dessa cosmovisão. No Egito e entre povos indígenas, por exemplo, muitos animais eram ou ainda são cultuados como sagrados, havendo uma simbiose entre animal humano e não humano e não raras vezes as pessoas recebiam nomes de animais devido suas habilidades equivalentes a características desses animais. No Egito Antigo, cada deus tinha seu animal sagrado e era representado zooantropomorfizado. Muitos clãs que apresentam totemismo¹⁸ têm seus nomes oriundos de animais. Muitas famílias também possuem sobrenomes de animais não humanos: Coelho, Leitão, Bezerra, Aranha, entre outros.

Mas, em uma cultura especista, os animais não-humanos são inferiorizados, e seus interesses desconsiderados, o que se reflete inclusive na linguagem. A ideologia que gera comportamentos discriminatórios repercute também na forma como as pessoas se tratam. O que é considerado diferente é ruim, o que é considerado sem alma é escravizado, o que é considerado inculto é marginalizado, o que é rebelde deve ser domesticado...

Natureza, mulheres, negros, crianças, índios, outros animais, pobres são todos vítimas desse pacote. Tidos como cegos, mudos e indiferentes, passam então a ter valor instrumental e a valer só pelo que podem gerar de riqueza, conforto ou prazer para terceiros. Assim, a mulher bonita passa a ser escrava da indústria da beleza e é chamada de “gostosa”, de “filé”, é reduzida a um pedaço de carne, bem como o animal que é colocado no prato, entre o pão, na chapa, no sapato, ou nas lentes de um microscópio: deixa de ter um rosto.

Como um trabalhador que doa sua força de trabalho por um salário insuficiente, por descanso insuficiente, a troco de uma “sobrevivência”, um cavalo

¹⁸Totem, conforme o dicionário Aurélio é: “Ser vivo, fenômeno natural ou objeto em relação ao qual, em certos povos, um grupo ou subgrupo social tem uma relação simbólica especial, que envolve crenças e práticas específicas (por ex., considerá-lo como um ancestral ou protetor e cumprir certas obrigações para com ele)”. Totemismo seria a prática de seguir a crença em um totem.

também é explorado para puxar carroças a troco de uma comida e um abrigo (quando muitas vezes sequer isso lhes é dado decentemente).

Quando se aposenta, o trabalhador passa a ser visto como um peso, algo que sobra e dá prejuízo, assim deve ser logo “descartado”, usando-se para isso estratégias como aumento do tempo de contribuição de serviço, redução de benefícios da previdência, dificuldade de acesso a bons serviços de saúde... Não raras vezes depositados em asilos.

Vacas “leiteiras”; galinhas “poedeiras”, coelhos, cães, gatos, ratos e camundongos em laboratórios; animais em circos e rodeio só ficam vivos (e sem poder exercer sua natureza de forma devida) enquanto “dão” produtos de seus trabalhos, depois são descartados. Viram bife, ração, nugget, ou simplesmente são jogados no lixo. Como diriam os nazistas em seus campos de concentração: “O trabalho salva”. Ou seja, “dê-me a riqueza provinda de seu esforço que eu não o matarei” (por enquanto).

Toda essa forma de agir e pensar tem profundas ligações com as Três ecologias enunciada por Félix Guattari (1990, p.16-17):

Se não houver uma rearticulação dos três registros fundamentais da ecologia, podemos infelizmente pressagiar a escalada de todos os perigos: os do racismo, do fanatismo religioso, dos cismas nacionalitários caindo em fechamentos reacionários, os da exploração do trabalho das crianças, da opressão das mulheres...

E eu completaria a frase com “do especismo” (que também não pode ser dissociado dos três aspectos da ecologia). São todos “fenômenos que exigem uma mudança fundamental das mentalidades” (GUATTARI, 1990, p.26).

Se formos falar de Ecologia Ambiental, como já citado anteriormente, os animais, enquanto seres sencientes e parte da natureza, do ambiente, individualmente já sofrem as consequências de sua própria exploração, física e mentalmente. O comércio animal poderia se inserir nas discussões sobre mercantilização da natureza e a mercantilização dos corpos, o que causa dor, sofrimento e morte de bilhões de indivíduos.

Somente no Brasil, no ano de 2010, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) 66,763 milhões de animais foram abatidos pela indústria da carne (computando apenas bovinos, suínos e frangos). A comercialização de ovos de galinha chegou a cerca de 30 bilhões.

De acordo com o mesmo órgão, apenas no terceiro trimestre de 2011 foram abatidas 7,284 milhões de cabeças de bovinos, sendo o Estado de Mato Grosso o campeão nesses abates. No 3º trimestre de 2011 foram abatidas 1,347 bilhão de cabeças de frangos, o que, para o IBGE, representa um “novo patamar histórico na série trimestral do abate de frangos”, conforme ilustrado no seguinte gráfico extraído do relatório consultado:

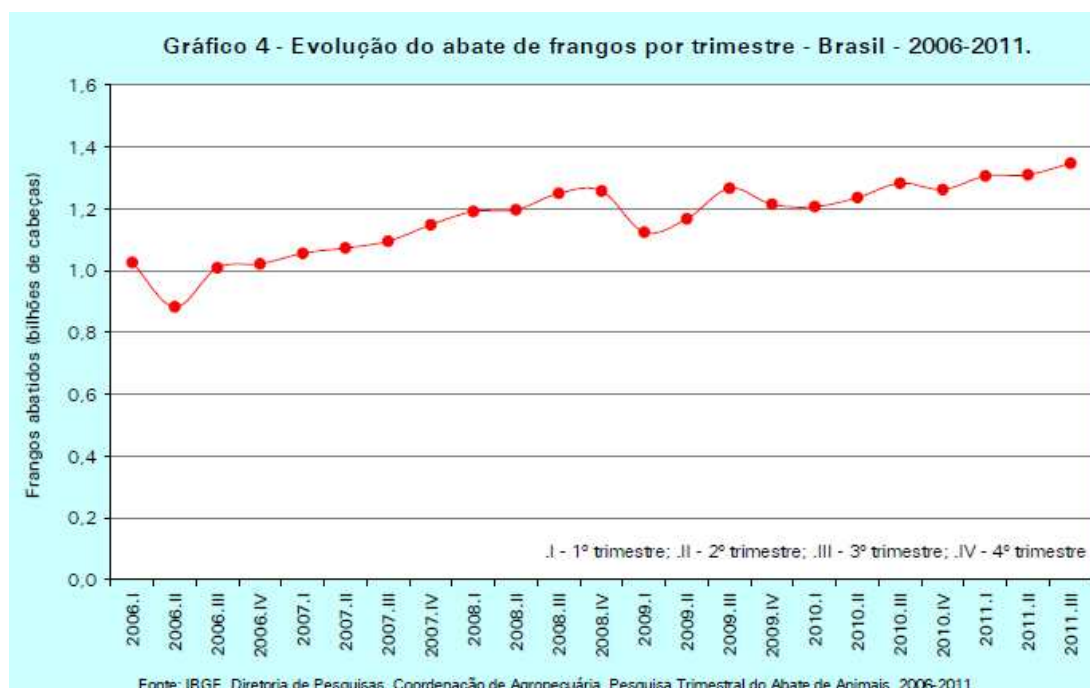


Fig. 1: Gráfico extraído do site http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/agropecuaria/producaoagropecuaria/abate-leite-couro-ovos_201103_publicacao_completa.pdf indicando abate trimestral de frangos no Brasil durante o período de 2006 a 2011.

A maior concentração (59,1%) de abates de frangos está localizada na região sul, conforme os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). No mesmo período considerado, foram abatidas 9,065 milhões de cabeças de suínos. A Região Sul respondeu por 66,5% de todo abate nacional de suínos no 3º trimestre de 2011, sendo o Estado de Santa Catarina o que apresentou maiores índices (25,4% do total nacional). No 3º trimestre de 2011 foram adquiridos 5,307 bilhões de litros de leite cru segundo a Pesquisa Trimestral do Leite, sendo Minas Gerais o maior fornecedor do produto. A aquisição de couro cru inteiro de bovinos foi de 8,507 milhões de unidades. E em relação à produção de ovos de galinha, no 3º

trimestre de 2011 houve a captação de 646,878 milhões de dúzias segundo a Pesquisa Trimestral de Ovos de Galinha.

A respeito da mercantilização da natureza através do consumo animal supracitado e o conceito que fazemos da mesma, BRÜGGER (1998, p.63) nos diz que

Como o conceito de natureza não é natural, mas um produto histórico, os efeitos dessa visão de mundo sobre o conceito foram profundos: a natureza deixou de ser um todo vivo (...) e tornou-se um conjunto de recursos (instrumentos para atingir um fim). Nós próprios viramos recursos (ainda que humanos), pois somos parte dessa visão de natureza.

Quanto aos efeitos sobre o meio propriamente dito, se formos nos concentrar somente na questão do consumo de animais na alimentação e nos reter somente a pecuária bovina já teremos grandes argumentos:

Um estudo recente da FAO (Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação) relatou que a criação massiva de animais para consumo humano é o centro de quase todas as catástrofes ambientais: destruição de florestas, desertificação, escassez de água doce, poluição do ar e da água, chuva ácida e erosão do solo. Apenas para exemplificar as consequências ecológicas mundiais da pecuária, tomemos como exemplo o McDonald's, uma das maiores multinacionais do mundo. A cadeia de refeições rápidas é acusada de sozinha, haver promovido a maior destruição de florestas tropicais do planeta (Robbins *apud* Greif, 2002).

Moran (1993, *apud* Greif, 2002) ressalta que a criação de gado, acima até mesmo da mineração e da extração de madeiras, é a maior causa de desmatamento na Amazônia brasileira, em especial no sudeste amazônico.

A perda de hábitat é conhecida no meio científico, como a primeira causa das extinções atuais e a maior ameaça à biodiversidade. A derrubada de vegetação nativa para abertura de pastos elimina espécies da flora (muitas ainda pouco estudadas e outras sequer conhecidas academicamente) e com ela milhares de espécies animais, desde microfauna até predadores de topo, que perdem seus territórios (grandes felinos, por exemplo, necessitam em média 40 km² para caçar - já que seu alimento encontra-se disperso-, para nidificar e evitar conflitos intra-específicos) e suas presas, sendo condenados à morte por fazendeiros que os recebem à bala. Gerando assim uma erosão genética na cadeia trófica. As doenças dos rebanhos também atingem animais silvestres.

Segundo Greif (2002), a criação de gado contribui com a desertificação, erosão e esgotamento do solo:

Dados estadunidenses mostram que 85% do total da perda de solo no país se devem ao pastoreio direto (Lappé, 1982; Robbins, 1987). Segundo Durning (1991), para cada libra (45g) de carne ou frango produzido nos EUA, são perdidas cinco libras (2,25 Kg) de solo. Isto significa que até a década de 80, 75% do solo superficial já se havia perdido nos EUA, quatro milhões de acres perdidos para a erosão por ano (Lappé, 1982; Robbins, 1987).

Não é apenas o solo que é exaurido. O sistema pecuarista exige enormes quantidades de água para manutenção do rebanho (compreendendo também a indústria do leite e derivados e de ovos), incluindo a água que bebem, irrigação dos campos que lhes fornecem alimento, processamento e lavagem de suas carcaças e preparo do “alimento” final.

Segundo a FAO, para se produzir 1 kg de carne são necessários cerca de 13.000 litros de água, enquanto para a produção de 1 kg de cereais entre 1.000 e 2.000 litros são suficientes.

A população arca com o preço do desperdício através de impostos e o desperdício da água propriamente dita.

Na computação do impacto da pecuária para os “recursos” hídricos também devem ser incluídos a eutrofização dos cursos d' água devido ao despejo dos dejetos dos animais, cheios de bactérias, antibióticos, hormônios, nitrogênio e fósforo e até mesmo pesticidas (oriundos de sua alimentação), o que leva ao consumo excessivo do oxigênio (DBO) dissolvido na água e consequente morte de peixes e outros seres aquáticos. A quantidade de matéria fecal com que o gado contribui para a adubação da terra e que de fato é aproveitada pelas plantas, de forma alguma pode ser comparada com a quantidade de recursos que se utilizou para produzi-la (GREIF, 2002).

A contaminação por esses dejetos também podem afetar diretamente a saúde humana. De acordo com NOVAES (2002, p. 101) um pesquisador da Universidade de Illinois mostrou que bactérias saídas do organismo de animais estão transmitindo a bactérias do solo, através das águas subterrâneas, genes super-resistentes a antibióticos. Essas bactérias podem migrar também para o organismo humano, pela água. E disseminar várias doenças. Organismos super-resistentes já foram encontrados em águas de 15 rios, entre eles o Mississipi, o Ohio e o Colorado.

Há ainda a emissão de gases do "Efeito Estufa", como revela estudo (feito de 2003 a 2008) apresentado por pesquisadores brasileiros no recente encontro sobre mudanças climáticas em Copenhagen. O metano é mais potente que o dióxido de carbono no "efeito estufa".

Conforme reportagens do Jornal Cruzeiro do Sul (10 de dezembro de 2009) e da Folha de São Paulo (20 de outubro de 2009) nas estimativas feitas pelo grupo da USP, a fermentação que ocorre no estômago dos bois é uma das maiores responsáveis pela emissão dos gases do efeito estufa do setor, cerca de metade das emissões no Brasil. Ainda de acordo com o Jornal Cruzeiro do Sul:

Os resultados dos estudos destacam a atividade pecuária como a que mais contribui para o aquecimento global na economia do país e, conseqüentemente, como a peça mais importante em uma estratégia nacional de redução de emissões. O estudo leva em conta três grandes fontes de emissão relacionadas diretamente à pecuária: o desmatamento para abertura de pastagens (tanto no Cerrado quanto na Amazônia), as queimadas para manejo de pastagens e o metano exalado pela fermentação de biomassa no estômago dos animais. Isso sem contabilizar o carbono emitido pelo transporte de animais e por atividades industriais ligadas ao setor.

A pressão sobre o ambiente marítimo também é grande. Segundo BRÜGGER (2008), desde cerca de 2003 aproximadamente um terço das espécies de peixes e frutos do mar entrou em colapso.

Estamos esgotando rapidamente as reservas pesqueiras dos oceanos. Nos últimos anos, a pescaria está entrando em drástico declínio. Várias espécies de peixes, antes abundantes, como o arenque do norte da Europa, a sardinha da Califórnia e o hadoque da Nova Inglaterra, estão agora tão escassas que são consideradas extintas, para fins comerciais. As modernas frotas pesqueiras fazem arrastões sistemáticos com redes de malha fina, que pegam tudo que encontram. As espécies não comercializáveis - conhecidas na indústria como "lixo"- podem chegar até a metade de tudo que é pescado. Seus corpos são jogados pela borda afora. Como a pesca com rede envolve arrastá-la ao longo de áreas no fundo do mar, a frágil ecologia do leito marinho é danificada. Ademais, as redes usadas para a pesca do atum também capturam centenas de golfinhos todos os anos, prendendo-os embaixo d'água e afogando-os. (SINGER, 2004, p.196)

Entretanto, o confinamento não resolve o problema, pois além de ser moralmente condenável, continua sendo termodinamicamente inviável, uma vez que

sua taxa de recursos é muito superior à capacidade de absorção e renovação pelos ecossistemas.

Animais criados de forma intensiva são conversores pouco eficientes de energia bioquímica: para se obter um quilo de proteína animal empregamos entre três e vinte quilos de proteína de origem vegetal. Além de ineficiente essa dieta rica em grãos produz uma carne rica em gorduras, nocivas à saúde humana. (Brügger, 2004a, p. 44)

Embora não estejam a céu aberto pastando em áreas que possuíam vegetação nativa, os animais passam a ser alimentados com grãos, que para serem produzidos (em sistema de monocultura) devastaram dezenas de hectares, requereram milhares de litros de água e recorreram a aplicações de agentes tóxicos, como os defensivos agrícolas (que contaminam ar, solo e água, sendo dispersados também para outras regiões) e insumos. Ou seja, a vegetação nativa terá que ser derrubada para dar lugar a grandes plantações de monocultura de grãos para alimentar os animais.

As doenças proliferam em condições estressantes e de superpopulação como a que os animais são absurdamente submetidos, permitindo que as bactérias sobrevivam, desenvolvam resistência aos antibióticos (cujo problema foi relatado anteriormente), passando para os ambientes naturais e podendo desencadear novas doenças de disseminação global. Os problemas com gases metanos, dejetos e gasto hídrico continuariam, sem mencionar que a crueldade é ainda pior no processo de confinamento.

Ainda sobre a falácia da transição da pecuária extensiva para a intensiva e a incompatibilidade ambiental de ambos, GREIF (2002) alerta:

O fato de ser um sistema de exploração extensivo ou intensivo não tem relação com um menor ou maior ônus ambiental. O gado confinado ou no campo necessita se alimentar de quantidade aproximadamente semelhante de biomassa vegetal, seja indo ele até o pasto, seja o pasto vindo até ele. O único agravante é que o alimento oferecido ao gado em confinamento é de melhor qualidade que o oferecido ao gado pastando, o que provoca certo constrangimento social, já que estes mesmos cereais poderiam ser utilizados diretamente na alimentação de seres humanos. A proposta por um meio termo, ou seja, uma exploração pecuária “mais racional”, não passa de ilusória, pois esbarra em conceitos sustentáveis básicos: Se o gado subsistir a pasto, inevitavelmente será causa de destruição de biodiversidade à sua volta; e se subsistir a grãos, inevitavelmente o fará a custa de muitos recursos, que

melhor aproveitados seriam se aplicados diretamente na população humana. De toda forma, uma “exploração pecuária racional” não pode alterar o fato de que o gado não pode transferir ao homem cada unidade de energia que obteve do vegetal. Apenas alterando-se leis naturais básicas, poder-se-ia obter uma pecuária de alguma forma ‘sustentável’.

Se nos lembrarmos que tudo está interligado e o que está dentro está fora, alimento e pensamento se retroalimentam. A exploração animal causa insensibilização nas pessoas e desconsideração de alteridade por outro ser (e vice-versa). Aí entraria a Ecologia Mental.

Segundo BOOKCHIN (1991, p.19) “a hierarquia não é meramente uma condição social: também é um estado de consciência, uma sensibilidade frente a fenômenos em qualquer nível de experiência pessoal e social”. Para BOFF (1999, p.102), o cuidado combateria esse estado de consciência. Dar centralidade ao cuidado, para ele, “significa renunciar à vontade de poder que reduz tudo a objetos, desconectados da subjetividade humana. Significa recusar-se a todo despotismo e toda dominação”.

Dados encontrados no site da ONG Projeto Esperança Animal (http://www.pea.org.br/curiosidades/curiosidades_estudo_01.htm) revelam que na década de 1970, o Federal Bureau of Investigation (FBI, a polícia federal dos Estados Unidos) realizou uma análise da história de vida dos assassinos seriais, e chegou ao resultado de que 80% deles começaram torturando animais quando crianças. Pela primeira vez, a relação entre crueldade contra animais e crueldade contra pessoas foi reconhecida no país.

Tiroteios ocorridos em diversos colégios dos estados unidos, por exemplo, têm em comum o fato de que os adolescentes criminosos já se haviam destacado anteriormente por atos de violência contra animais (BORGES, s.d).

No mesmo sítio digital encontramos a publicação de um estudo intitulado “Agressores sexuais juvenis e suas experiências com pets”, desenvolvido pelo Departamento de Psicologia da Universidade de Erlangen, na Alemanha. O referente estudo também demonstrou a conexão entre violência contra animais não humanos e violência contra os humanos.

O trabalho foi apresentado durante a 9ª Conferência Internacional sobre as Interações Homem Animal, em setembro de 2001, no Rio de Janeiro, o primeiro evento desse tipo a acontecer no Hemisfério Sul. Conforme publicado em <<http://www.arcabrazil.org.br/eventos/index.htm>> o evento reuniu ao todo,

especialistas de 25 países para abordar a relação homem-animal dos pontos de vista psicológico, terapêutico, social, cultural, histórico, demográfico, etológico, veterinário e de saúde pública.

Barnard, autor do estudo supracitado, defende que a agressividade não é usualmente devido ao sadismo, o problema é a deficiência em interromper a progressão da ação desse impulso.

O autor refere aqui participantes de rinhas de galo e de brigas de cães, e a maioria dos pesquisadores que utilizam animais, pois seus valores foram desenvolvidos em uma cultura cuja ciência não reconhece o sofrimento, e nutrem defesas contra o reconhecimento do sofrimento de seres sencientes não-humanos. (http://www.pea.org.br/curiosidades/curiosidades_estudo_01.htm)

Racionalizar permite defender o que é habitual, encontrando assim razões para explicar as ações. Conforme a fonte de pesquisa utilizada, o autor cita que, nessa instância, dissecações são racionalizadas como uma simples e permitida experiência escolar. A racionalização piora quando há fatores econômicos envolvidos.

Com esses dados poderíamos inferir que a educação em ciências que ainda se utiliza de “sacrifícios” de animais mediante vivisseção, dissecação, experimentações tendo como base o modelo animal, estão a formar profissionais insensíveis e irresponsáveis para com a vida de outro ser, inclusive o humano.

O mesmo poderíamos aplicar a hábitos alimentares já superados e perfeitamente substituíveis como o ato de comer produtos de origem animal em centros urbanos e rurais paradigmáticos de nossa civilização. Esse costume não passa de um traço cultural que se tornou hábito racionalizado com justificativas egoístas, que tem como fundo motivos econômicos. Porém, o que construído pode ser desconstruído¹⁹. Portanto, explicações culturais não justificam a perpetuação de hábitos que podem ser modificáveis²⁰.

¹⁹ A justificativa cultural provocou (e continua provocando) vários estragos ao longo de nossa história. Na china, durante séculos, garotas eram obrigadas a deformarem seus pés para mantê-los pequenos e adequados aos padrões masculinos de beleza da época. Em algumas regiões da África e do Oriente Médio mulheres ainda são submetidas ao ritual da mutilação do clitóris e dos pequenos lábios ainda quando crianças. A escravidão no Brasil era tida como indissolúvel, a proibição do acesso de mulheres a assuntos de interesse público era irrevogável e eram tratadas como seres destituídos de direitos.

²⁰ Alega-se que não poderíamos viver sem carne, que o ser humano necessita desse alimento. Em contrapartida, existem povos que passam a vida inteira quase completamente isenta de carne. Os cerca de 30 mil membros da etnia Hunza, povo que habita as longínquas montanhas do Himalaia, no extremo norte da Índia, segundo o livro “O Segredo dos Hunzas” têm uma longevidade excepcional,

Cabe dizer que atividades como carrocinhas e espetáculos como rodeio, circo, touradas, rinhas, entre outros, prestam um completo desserviço à criança e adolescentes em formação, dando exemplos de indiferença perante a dor, o sofrimento e humilhação de outro ser. A oportunidade de conviver e de interagir (positivamente)²¹ com animais saudáveis (e livres)²² representa, do ponto de vista físico e psicológico²³, uma benefício às pessoas (LEVAI, 2004). Já cenas degradantes podem contribuir com deformações morais e emocionais “permanentes”.

Na infância há um maior vínculo com os animais de outras espécies e as crianças tendem a incorporar esse vínculo às suas brincadeiras e histórias. Para o autor BARNARD, citado pelo endereço eletrônico já mencionado:

Quando crescem, as crianças tendem a deixar as relíquias da infância para trás. Portanto, associações com animais podem trazer desconforto principalmente aos homens, pois se preocupar e cuidar do sofrimento de animais pode trazer de volta a infância que ele está tentando esquecer. Algumas pessoas usam perversamente a imagem de animais ou as envolvem em suas atividades cruéis como parte de sua luta no reconhecimento da fase adulta - como significado de masculinidade.

Em um trecho mais adiante do texto encontramos a descrição de comportamentos de projeção emocional sobre os animais que remete ao que escrevemos no início deste capítulo:

Felinos são geralmente vistos como furtivos ou indiferentes, provavelmente por causa de seus músculos faciais que não permitem tantas expressões como cães e primatas. O autor sugere que para as pessoas para quem hostilidade é o maior problema tendem a imaginar esse sentimento refletido nos gatos, ou a projetarem seus impulsos agressivos sobre eles. Pessoas que torturam animais vitimizam gatos muito mais frequentemente do que cães. E porque há uma associação entre felinos e mulheres, homens que são violentos contra mulheres geralmente abusam de gatos também. (http://www.pea.org.br/curiosidades/curiosidades_estudo_01.htm)

comumente atingindo os 130 de idade. Há cerca de 150 anos são um povo pacífico, não utilizam moedas, bancos, comércio ou prisões e desconhecem doenças artrites, varizes, obstipação e até mesmo doenças infantis são inexistentes entre eles. Os centenários mantêm uma frescura surpreendente sob todos os aspectos. Eles têm uma alimentação frugal constituída de cereais, frutas e legumes, que, de um modo geral, são comidas frescos e crus ou cozidos apenas ligeiramente. A carne não é completamente abolida de seu cardápio, mas é consumida em ocasiões raras (como festas e casamentos) e em reduzidas porções.

²¹ Expressões entre parênteses foram acréscimos meus.

²² Expressões entre parênteses foram acréscimos meus.

²³ Ressaltando que psicológico e físico não podem ser segregados.

Diferenças entre homens e animais podem parecer oprimir similaridades e confina-os em uma categoria distinta da humana, segundo Barnard (s.d). Esse tipo de pensamento leva ao preconceito, conclui ele.

O autor reconhece que, felizmente, as pessoas aprendem sobre as complexidades dos não-humanos e seus papéis no desenvolvimento no mesmo plano que o delas, e uma apreciação das outras formas de vida rapidamente torna-se uma marca de sofisticação e não de infantilidade.

Quanto mais doente uma sociedade ou um indivíduo for, mais agressiva ela/e será e mais projetará sua aversão, ódio, raiva, frustração e medos no que “não é seu espelho”. Talvez por isso, em sociedades mais saudáveis não haja tanta dualidade entre corpo e mente, humano e animais, humano e natureza. E o outro ser é exaltado pelas características que nós não temos e respeitado por isso.

Outra relação que podemos tecer entre a Ecologia Mental e as vítimas da dominação antropocêntrica é que, da mesma maneira como maltratamos os animais e por vezes os enjaulamos, também transpomos esse comportamento para as árvores. No meio urbano, as árvores também são enjauladas: cimentamos tudo ao seu redor, deixando apenas um quadrado diminuto para que elas usufruam. Mas isso impossibilita o adequado desenvolvimento da árvore e prejudica o crescimento das raízes, o que acaba por destruir as próprias calçadas e provocar acidentes pela queda das árvores que foram impedidas de se fixarem e se nutrirem adequadamente.

Inconsequentemente as pessoas plantam qualquer árvore sem nenhum planejamento ou estudo, apenas visando o bem-estar humano, e quando lhes convém cortam as mesmas árvores. Uma atitude estupidamente instrumental e egoísta.

Em algum momento de nossa história aprendemos a fazer a decisão errada, a amar as coisas e desprezar o que é vivo. Árvores, por exemplo, são podadas sem o mínimo cuidado, para privilegiar os fios!

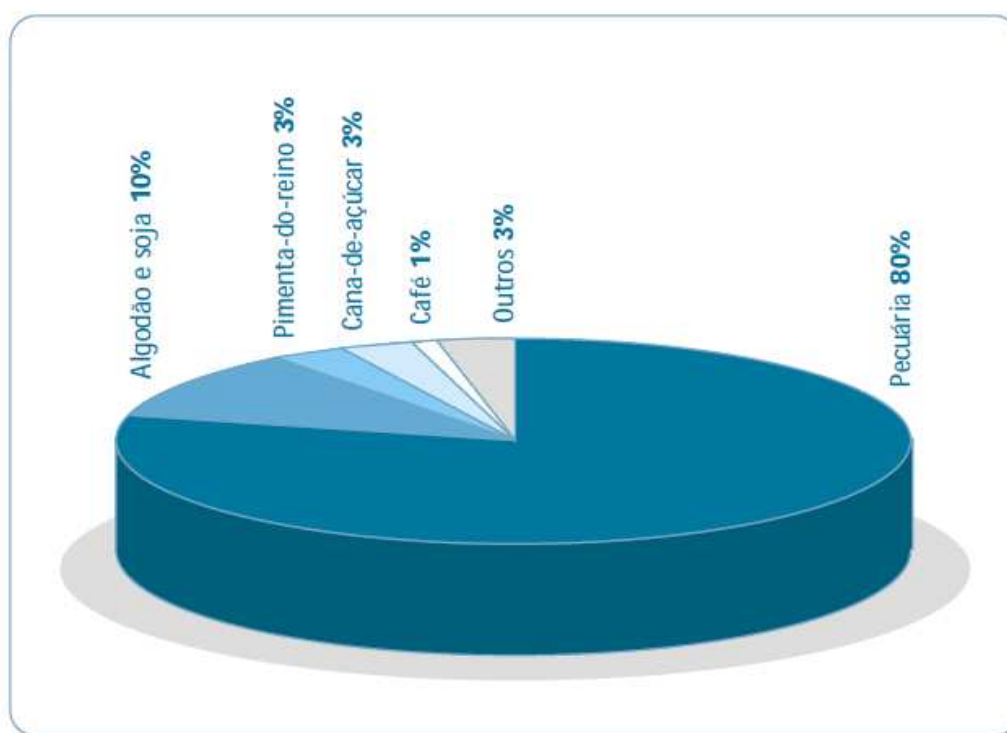
BOOKCHIN (1991, p.23) diz que uma tentativa revolucionária deve reorganizar o sentimento para reordenar o mundo real:

Uma mentalidade hierárquica fomenta a renúncia aos prazeres da vida. Justifica o trabalho pesado, o delito, o sacrifício dos “inferiores”, o prazer e a satisfação indulgente de praticamente todos os caprichos dos “superiores”.

Dentro dessa lógica, verificamos que há repercussão de atividades de exploração animal também na ecologia social, estando ligada inclusive ao trabalho infantil e escravo, além de conflitos de terra. Afinal, conforme BOOKCHIN (1991, p.15) a noção da dominação da natureza pelo homem provém da mesmíssima e verdadeira dominação do homem pelo homem.

Não é à toa que fábulas dizem respeito à conduta humana e são utilizadas enquanto recurso metafórico para denunciar injustiças de nossa sociedade. Como exemplo poderíamos citar o musical "Os Saltimbancos", de Chico Buarque, e o livro "A revolução dos Bichos", de George Orwell.

Segundo um relatório publicado em 2006 (que compilou dados de 1995 a 2005), a Organização Internacional do Trabalho (OIT) informa que, no Brasil, a pecuária é uma das principais atividades que utilizam o trabalho escravo (OIT, 2006, p.67), conforme ilustra o gráfico a seguir retirado do mesmo documento:



Fonte: ONG Repórter Brasil

Fig.3: Porcentagem da distribuição da mão-de-obra escrava no Brasil referente às fazendas das "listas-sujas" localizadas em Rondônia, Mato Grosso, Pará, Tocantins e Maranhão, na Amazônia Legal.

Norteados pelo paradigma econômico neoliberal, os jornais e meios midiáticos de grande circulação não se cansam de anunciar o aumento de nossas exportações e da cotação da carne brasileira, associando os dados ao aumento da riqueza e desenvolvimento do país. Não se considera sua sustentabilidade ecológica, social, ética ou mesmo econômica. Tampouco se menciona que o PIB calculado por estas estatísticas refere-se ao lucro concentrado de uma pequena parte da população, um grupo minoritário que detém o saldo positivo dessas transações: os grandes fazendeiros. Sem falar que não é esse sistema produtivo o responsável pela alimentação da população interna do país.

Se fossem computados os gastos com água, solo (pela perda de terras férteis e compactação seja pela produção dos grãos, pastagem ou pisoteamento do gado) e combustíveis fósseis (usados, por exemplo, no transporte), além dos efeitos na atmosfera veríamos que o país de fato não fica mais rico, mas sim prejudicado, pois o produto exportado não incorpora as externalidades de sua produção no preço e quem paga depois é a sociedade, por meio de impostos e direcionamento da verba pública para recuperação ambiental, ou por meio direto dos danos ambientais e aumento dos preços dos alimentos. Não podemos esquecer, tratando-se de verba pública, que a pecuária apenas se mantém mediante subsídios governamentais, o que raramente ocorre com a agricultura, levando ao abandono das pequenas propriedades rurais, de agricultura familiar, contribuindo para a formação de latifúndios. Sem incentivos fiscais a exploração pecuária não é rentável, como demonstram Hecht *et al.* (*apud* Greif, 2002), e só consegue obter taxas internas positivas através de pastoreio massivo. Como o pastoreio massivo destrói sua viabilidade em longo prazo, os incentivos favoráveis à conversão de florestas em pastos levam ao clareamento de novas áreas de florestas mais do que ao investimento na recuperação de áreas já clareadas.

E não são apenas os fazendeiros que recebem os incentivos, mas também os frigoríficos. Em uma reportagem de 22 de abril de 2009, a Folha de São Paulo revela que só em 2008, os frigoríficos na Amazônia foram beneficiários de quase metade dos investimentos do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) na indústria (R\$ 5,9 bilhões). A região, segundo a reportagem, já é responsável por 40% do rebanho bovino do país e banca parte das exportações brasileiras de carne.

Quatro grandes frigoríficos nacionais - Bertin, JBS Friboi, Marfrig e Independência - lideram a lista das operações diretas do BNDES com a indústria em 2008. Juntos, receberam investimentos de R\$ 4,7 bilhões. Com as demais empresas do setor, os investimentos alcançaram, no ano passado, R\$ 5,9 bilhões - 40% do total contratado pela indústria. Esse valor não leva em conta operações indiretas do BNDES - via outros agentes financeiros, empréstimos de fluxos de caixa e refinanciamentos de dívidas -, cujos desembolsos à indústria somaram R\$ 39 bilhões, segundo informação do banco. Uma parcela pequena -menos de 6% das linhas de crédito destinadas à pecuária- destina-se à recuperação das pastagens. Apesar de burlar a legislação, a pecuária na Amazônia é bancada majoritariamente por crédito de instituições públicas: 81%, estima o relatório. (Marta Salomon, Folha de S. Paulo, 22 de abril de 2009)

Com certeza os investimentos em meio ambiente, saúde, previdência social, moradia, abertura de postos de trabalho e educação não chegam nem perto desses valores. A sociedade, entretanto, é estimulada a manter o padrão econômico autofágico de produção. É levada a valorizar o paradigma alimentar estadunidense, daí a proliferação de lanchonetes “fast food” (que vende de volta ao país de origem da exportação, o “produto” primário industrializado), que modifica os hábitos familiares e, segundo Greif (2002), estimula que as novas gerações desconheçam as próprias fontes alimentares locais constituídas principalmente de vegetais, e estimula o desprezo de partes importantes dos vegetais e seu mau aproveitamento. Contribuindo assim para uma homogeneização cultural dos seres humanos em todo o planeta e para manutenção do padrão colonial. Warnock (*apud* GREIF, 2002) ressalta, ainda, que o caso do desvio de recursos de países em desenvolvimento para países desenvolvidos, conhecido como “política da fome”, é a forma como os últimos têm mantido os primeiros em condição de dependência econômica.

Seguindo a lógica neocolonialista, toda vez que um país aumenta seu poder de consumo, a ingestão de carnes também aumenta. Inclusive é frequente a avaliação do padrão de vida das populações mediante esse consumo, visto que o mundo capitalista enxerga as pessoas como usuários e consumidores. Mesmo que seja pobre, ao adquirir um bem, o indivíduo sente-se menos pobre, afirmando-se socialmente, como no caso de consumo de carne ou ainda de produtos mais “sofisticados” como queijos caros e bebidas lácteas, associando-se o poder de compra a “dignidade” (cf. RAMALHO *apud* SANTOS, 2009). Desta forma, nas palavras de Santos (2009), o consumo de carne tem um sentido de “inclusão” que

ajuda a mascarar a atrocidade contra os animais humanos e não humanos, da mesma forma que mascara a pessoa por traz do consumo.

Enquanto isso a própria população, os animais não humanos e o “meio ambiente” continuam pagando pelas incongruências da produção desses alimentos. Mas por interesse das classes dominantes os dados que o confrontam são logo descartados. Diante desse cenário podemos concluir que “tentar acabar com a poluição e ao mesmo tempo manter a atual taxa de uso de recursos naturais não renováveis, não pode ser um intento bem sucedido” (Bretas *apud* BRÜGGER, 2004).

Para manter a demanda do consumo crescente (incentivado também pela publicidade) de produtos de origem animal, as fazendas-indústrias devem ser grandes, como qualquer empresa globalizada. Mas estamos aqui falando de seres vivos, que precisam de alimento, pois. Como exposto anteriormente, há a questão das pastagens, que avançam cada vez mais para acompanhar tal demanda. Quem tem mais dinheiro, como é sabido, tem mais capital (e poder político) para investir na expansão de seus negócios, seja por meios legais ou não (como a apropriação de terras públicas, como às vezes acontece). Essa lógica vai gerando maior concentração de terra e de renda, obrigando os pequenos agricultores a vender suas terras, desistir de seus negócios ou até mesmo sofrer ameaças de grandes fazendeiros, ocorrendo não raras vezes assassinatos de líderes locais e esmagamento de minoras étnicas. Como é uma atividade que esgota os recursos, precisa expandir seu território, podendo vir a ocupar, por exemplo, territórios indígenas.

Assim, pode-se dizer que esse modelo produtivo agrava conflitos no campo e atua como pressão sobre o êxodo rural, aumentando os “sem-terra” e desempregados, que muitas vezes migram para as cidades, inchando as periferias, engrossando a massa dos “sem-teto”, contribuindo para acréscimo da criminalidade, prostituição, conflitos sociais urbanos e até mesmo degradação ambiental. No terceiro mundo, de acordo com BRÜGGER (2004a) mais de meio bilhão de pessoas no mundo rural ou não tem terra ou dinheiro suficiente para produzir seu próprio alimento.

Os pobres, como defende a física e eco-feminista indiana Vandana Shiva (2005), não são aqueles “deixados para trás”, são aqueles que foram roubados. E a pobreza não é o estado inicial do progresso humano do qual todos saímos, é o estágio final da queda de uma pessoa quando um lado desenvolvido destrói o

sistema ecológico e social que manteve a vida, a saúde e a subsistência de pessoas e do próprio planeta.

Mais uma vez vale lembrar a ingenuidade (ou malícia para controlar a opinião pública) de acreditar que a substituição da pecuária extensiva pela intensiva resolveria problemas dessa ordem, uma vez que para alimentar o rebanho confinado, é inevitável supri-los com grãos, que advém da monocultura altamente mecanizada - que no Brasil existe para ser exportada para países econômica e politicamente centrais justamente para alimentar seus animais - o que também é responsável pela concentração de renda e êxodo rural, por dificultar a permanência do pequeno agricultor, além de todos os prejuízos ambientais embutidos, como esgotamento do solo e uso de insumos e defensivos agrícolas.

Os cereais, que são dados para os animais nesse sistema, poderiam alimentar os pobres, apesar de não ser a escassez de comida a causa da fome mundial, que só é superada com alteração da ordem econômica e política, que essencialmente teria correspondência com uma alteração dos hábitos de consumo da população. Mesmo assim, o consumo de carne é fator de má distribuição de recursos alimentares e agravante do número de desfavorecidos. GREIF (2002) citando BENNETT (1987) alerta para o fato de que

a pecuária, no entanto, raramente tem sido vista como um fator de contribuição para a fome mundial, devido à falsa noção de que o gado pasta apenas em terrenos que não podem ser utilizados pela agricultura, servindo, portanto como bom conversor de plantas não comestíveis em alimento. Se de fato o gado pastasse apenas em terras impróprias para o cultivo, e sem receber uma complementação de grãos, sua produção seria tão baixa e a carne tão escassa que seriam ainda menos acessíveis.

Enquanto nos países centrais a população sofre de obesidade e problemas de saúde advindos do consumo de produtos de origem animal, como colesterol alto, pressão alta, doenças degenerativas, diabetes, câncer e cardiopatia, os países periféricos - fornecedores da matéria prima vegetal que possibilita esse consumo - sofrem por dificuldade de acesso aos recursos alimentares. Podemos inferir, portanto, que toda atividade que explora o meio ambiente e os animais não humanos também está relacionado à exploração humana, tanto dos ricos quanto dos pobres. BRÜGGER (2008) citando a ONG *Repórter Brasil*, lembra ainda que a atividade pecuária representa 62% da mão-de-obra escrava utilizada no Brasil!

Segundo o documentário “Terra para o bem-virá”, que retrata conflitos agrários no sul do Pará a arroba do boi que sai de lá é a mais barata do mundo. E é local onde há mais desmatamento e trabalho escravo.

Não é por acaso que Mahatma Gandhi, em algum momento de sua vida enunciou que “a grandiosidade de uma nação e o seu progresso moral podem ser medidos pela forma com que seus animais são tratados”.

3- Recursos estéticos de Onirismo Ativo

“Há uma erudição do conhecimento, que é propriamente o que se chama erudição, e há uma erudição do entendimento, que é o que se chama cultura. Mas há também uma erudição da sensibilidade.” (Bernardo Soares)

Como já revelado no corpo deste trabalho, concatenar atividades práticas de Educação Ambiental e direitos animais em ambientes não formais de ensino-aprendizagem trata-se de uma tarefa hercúlea.

Porém, a Educação Estética consegue fornecer algum suporte para tal, afinal, concordando com NISCOLESCU (1999, p.18 apud RODRIGUES, 2011, p.10) “é o desequilíbrio cada vez maior entre a efetividade e a afetividade que coloca nossa espécie em perigo”.

Estética vem do grego “aesthesis”, que significa sensibilidade. Para ESTÉVEZ (2009, p.40), a arte constitui o meio fundamental para a Educação Estética. O desenvolvimento da sensibilidade estética, segundo ele, propicia o desencadeamento da capacidade de criação, que integra em um só corpo o racional, o intuitivo e o afetivo. Na estética nos tornamos artífices da beleza de criar vida e conhecer, como um estilo de um fazer corporificado (Varela, 1995 apud DIAS, 2012, p.99) de alcance coletivo (DIAS, 2012, p.99).

O campo das artes (imbuído por si mesmo de sensibilização) quando conciliado com o objetivo de resgatar o encantamento pelo mundo desde suas pequenas esferas banalizadas pelo cotidiano ou apagadas pelo anestesiamiento de nossos hábitos distraídos e distanciados do que é natural é chamada de educação eco-estética.

Cientistas estudiosos da inteligência emocional informam que a “mente racional” leva um pouco mais de tempo para processar os impulsos da “mente emocional”. Outros autores já escreveram sobre a importância dos sentimentos e das emoções para a cognição e para nossas escolhas éticas. MATURANA (2001, pp. 107-108), por exemplo, diz que a diferença de estar aqui ou ali não depende da inteligência, depende da emoção e que o discurso racional que não seduz emocionalmente não muda o espaço do outro (Maturana, 2001, p. 124). Nessa perspectiva, NACONECY (2006, p. 193) afirma que “as capacidades cognitivas, como a inteligência, não seriam fundadoras da consideração moral. Em vez disso, as faculdades moralmente relevantes seriam a sensibilidade e a complexidade

emocional e social”. Partilhando de mesma compreensão, BLUWOL (2010, p.75) afirma que

os princípios vão sendo sempre retrabalhados pela razão, gerando novos sentimentos e novas racionalidades. E esses argumentos racionais, ao serem transmitidos para outras pessoas, só se tornam novas práticas em cada indivíduo quando conseguem tocar e modificar sentimentos e sensibilidades

Tais considerações estão de acordo com as intenções das atividades ético-estéticas desenvolvidas para essa pesquisa: despertar novas racionalidades a partir do sentir e do colocar-se sob a perspectiva do outro. Um “ser-fazer-conhecer implicado”²⁴, que busca utilizar vários de nossos centros vitais em sintonia, a razão e a emoção, intencionando assim, desenvolver mais atitudes de compaixão e de proteção aos animais, através da conjugação da ética, da estética e da experiência, visto que, como revela BOFF (1999, p.117):

Investigações feitas em grandes centros metropolitanos europeus e norte-americanos constataram que um aumento de conhecimentos acerca da crise ecológica e das feridas da Terra não leva necessariamente a uma transformação nas atitudes de mais respeito e de mais veneração para com ela. O que é imprescindível não é o saber, afirmam, mas o sentir. Quanto mais uma pessoa sofre com a degradação do meio ambiente, se indigna com o sofrimento dos animais e se revolta contra a destruição da mancha verde da Terra, mais desenvolve novas atitudes de compaixões, de enternecimento, de proteção da natureza e uma espiritualidade cósmica.

Para concretizar a pesquisa, certas disciplinas de abordagem ético-estética foram absolutamente fundamentais no processo, como “As três Ecologias” I e II, ministradas pelo Professor Dr. Alfredo Gentini, cuja proposta de atividade acabou por se tornar o resultado deste trabalho, que agora lhes será, finalmente, apresentado.

3.1- Aspectos metodológicos

A metodologia utilizada para realizar o trabalho foram os dispositivos de micro-intervenção cujas ideias derivam das obras de Deleuze e Guattari.

²⁴ Expressão utilizada por DIAS (2012, p.99).

Micro-intervenção trata-se de pequenas ações com potencial transformador, de caráter instituinte, que criam desvios (clinamens) na realidade e podem resultar numa metamorfose, numa eclosão do novo. Procuram provocar e produzir algo totalmente novo (no espaço, na mente e nos sentimento das pessoas, na sociedade).

Conforme as interpretações de LOPES et al. (2012, p.137) das definições de “intervir” do dicionário Houaiss, há sempre a noção de um agente que se faz presente em uma situação e o sentido de que esse agente modifica a configuração da situação pela sua presença. Segundo os autores podemos conceber o intervir como um movimento cognitivo de breakdown (Varela et al, 2003, apud LOPES et al, 2012, p.137), ou seja

Uma quebra ou rachadura no fluxo cognitivo, na cadeia de padrões de pensamentos habituais e pré-concepções, de forma a ser uma reflexão aberta de possibilidades diferentes daquelas contidas nas representações comuns que uma pessoas tem.

Essa interrupção, continuam os autores citando KASTRUP (1999), é rebatida com um senso comum que lhe dá sentido.

Um dispositivo, por sua vez é, antes de mais nada, um emaranhado, um conjunto multilinear (DELEUZE, 1988, p.1). São máquinas de fazer ver e de fazer falar (DELEUZE, 1988, p.2.). Os dispositivos têm, portanto, como componentes linhas de visibilidade, de enunciação, linhas de força, linhas de subjetivação, linhas de ruptura, de fissura, de fratura, e todas se entrecruzam e se misturam, de modo que umas repõem as outras ou suscitam outras, através de variações ou mesmo de mutações de agenciamento (DELEUZE, 1988, p.3.). Dispositivos são potencializadores de devires, de virtualidades, ou seja, dos “vir a ser” que moram em cada um.

Cremos que ninguém é capaz de fazer o outro se afetar, mas pode oferecer o dispositivo. As pessoas é que se permitem serem afetadas. Afetar é quando se aciona um ponto fraco na gente (Deleuze, 2001 apud Lazzarotto et al, 2012, p.25), denuncia que algo está acontecendo e que nosso saber é mínimo nesse acontecer (Lazzarotto et al, 2012, p.26). Sinaliza a força de expansão da vida e da atividade que podemos viver (ibidem). Experimentar afetos, sinaliza, pois, conforme LAZZAROTTO et al (2012, p.26), a enunciação de outras formas de agir a partir dos modos de expressão que vamos percorrendo. Quando afetados pelas audições e visões, gostos e cheiros, toques de vidas que nos forçam a pesquisar na

historicidade de um tempo que acontece, continuam as autoras, percebemos que nossas questões são feitas de vidas. Assim, exercitamos uma ética e expandimos nosso conhecer nas relações de uma vida de todos nós, de uma via de si com todos. (ibidem).

BAREMBLITT (2002, p.135) explica que os dispositivos de micro-intervenção são

Artifícios produtores de inovações que geram acontecimentos e devires, atualizam virtualidades e inventam o novo radical. Produzem realidades alternativas e revolucionárias que transformam o horizonte considerado do real, do possível e do impossível. São mecanismos produtores de subjetividade.

As estratégias de micro-intervenção executadas foram pensadas como dispositivos inquietantes que pudessem provocar novas subjetividades, sentimentos e reflexões acerca de nossa relação com os outros animais e entre nossos congêneres.

Através de dispositivos de micro-intervenções capazes de gerar questões, pensamentos, interações tendo como referência a relação dos humanos com os animais não-humanos, o trabalho procurou abordar o especismo e a abolição animal com técnicas estéticas de sensibilização, objetivando, mediante preceitos da Educação Ambiental das Três Ecologias, dar um choque no anestesiamiento das pessoas, que reflete em seus hábitos, em seus pensamentos, em suas práticas alimentares e de vestuário, em seus comportamentos hierárquicos de dominação e subjugação.

Micro-intervenções causariam o que Guattari chama de “revoluções moleculares”, movimentos criados por dispositivos produtores de subjetividade. Recriando assim, sempre novas possibilidades, reinventando-se o tempo todo, e ao outro, e os processos. BAREMBLITT (2002, p.160) explica que o termo “revoluções moleculares” caracteriza os elementos que compõem a superfície de produção desejante, fazendo circular fluxos (devires-esquízias) interrompidos por cortes que, em suas ligações anárquicas locais ou à distância, resultam em uma eclosão do novo ou na metamorfose das entidades molares, que assim se desestratificam e se desterritorializam por linhas de fuga. Em outra terminologia, o molecular corresponde parcialmente ao instituinte – organizante (BAREMBLITT, 2002, p.160).

Micro-intervenções podem ser vistas, ademais, como um ataque à mídia de massa, pulverizando informações de forma autônoma e uma educação não-formal

disseminada pelo espaço urbano, sem mediadores dizendo o que ou como pensar, falar ou se comportar. As instituições, ao contrário, estão o tempo todo a nos dizer o que se deve comer, o que vestir, o que apreciar esteticamente, o que condenar, o que não condenar. E nunca como fazer por si mesmo ou refletir. Desta forma, as pessoas

têm perdido o controle sobre suas próprias condições de vida, ficando alheias à capacidade de gerenciar sua própria existência. Elas dependem, então, quase incondicionalmente, dos organismos de Estado, empresariais, do saber e de serviços dos experts. E a quais experts refiro-me? Aos dos ramos produtivos, primários, secundários e terciários, aos especialistas de produção de bens materiais, ou seja, comida, vestuário, moradia, transporte: aqueles bens materiais indispensáveis à sobrevivência. Toda a produção desses bens está dirigida, gerenciada por “especialistas”. (BAREMBLITT, 2002, p15)

Os recursos estéticos empregados visaram desenvolver uma educação ambiental não-formal estética no meio urbano sob uma perspectiva de inclusão da consideração moral pelos animais, procurando assim sensibilizar as pessoas para a “questão animal”, usando a arte para abordar a exploração e a libertação animal.

Intervenções urbanas podem vir a fazer as pessoas se tornarem co-partícipes da cidade, interagindo com ela, através da arte: a Estética tornando a cidade viva e em movimento e incentivando comportamentos ecológicos na visão “animalista”.

O método de micro-intervenção usado foram recursos do “Terrorismo Poético” propagado por Hakim Bey: Ações criativas que podem ter um impacto psicológico comparável ao poder de um ato terrorista - com a diferença de que o ato é de mudança de consciência. Tenta colidir diretamente nas vidas diárias da audiência através de um incidente criado. Estranha mistura de ação clandestina e mentira, técnica de penetração psicológica de aumento da liberdade, tanto no nível individual quanto no social. Seria um “ataque mágico” de dimensões fractais (cf. BEY, 2008).

Esse dispositivo procura causar um estranhamento da normatividade social e a ruptura da rotina através de intervenções de cunho poético e ações que propõe o uso reflexivo do espaço urbano, com atos provocadores como ato de reflexão.

Não importa se o Terrorismo Poético é direcionado a uma ou a várias pessoas. Para funcionar, deve ser categoricamente divorciado de todas as estruturas convencionais de consumo de arte (galerias, publicações, mídia). O Terrorista Poético comporta-se como um aproveitador barato cuja meta não é

dinheiro, mas mudança. HAKIM BEY (2008, P.81-82) anuncia que por ser divorciado de todas as estruturas convencionais de consumo de arte, as pessoas não percebem, pelo menos por alguns momentos, que o que acabou de ser feito pelo terrorismo poético é arte.

Importa a destruição de antigos valores e construção de novos outros.

Para BEY (2008, p. 94-95) “Este é meramente um novo tipo de proposição de agitação neo-hermética, uma proposta para um novo tipo de ‘arte-política’ (...) para batalhar onde nós vivemos, ao invés de teorizarmos sobre a opressão em algum outro lugar.” Seria uma espécie de “sabotagem ideológica”, uma “peripécia”, um “ativismo estético” intuindo modificar o “layout” do espaço, colocando uma “pulga atrás da orelha” de quem presencia a atividade.

Há exemplos muito conhecidos de terrorismo poético, embora as pessoas mal saibam que se trata de um. Filmes como o francês “O Fabuloso Destino de Amelie Poulan”, o alemão “The Edukators”, o japonês “Casa Vazia”, o estadunidense “O Clube da Luta” e o livro “O fim da Eternidade” (Isaac Asimov) são preenchidos por vários atos de terrorismo poético. Pequenas alterações anônimas no cotidiano das pessoas, ou no tempo, ou no espaço, ou na casa, no trabalho... Pequenas alterações que podem modificar por completo o percurso da vida de quem sofre e de quem executa o TP.

O terrorismo poético, em diálogo com as premissas de Utopia Ativa ou Onirismo Ativo, abre a possibilidade de uma felicidade imaginária, que, como afirma RODRIGUES (2011, p.9) é uma “necessidade humana de desejar e de sonhar num processo de cultivo íntimo, do encontro do homem consigo mesmo e com seu mundo”.

As atividades foram executadas nas cidades de Pelotas e Rio Grande, no Estado do Rio Grande do Sul. Os estabelecimentos para sua realização foram diversos, englobando praças, ruas, calçadas, a universidade, açougues e locais que comercializam animais.

A metodologia utilizada para captura de dados foram a fotografia e a filmagem.

3.1- Resultados e discussão

Primeira micro-intervenção

A primeira experiência concretizou-se de maneira coletiva, mediante um convite de dois colegas (Cláudio Tarouco de Azevedo e Karine Sanchez) do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal de Rio Grande (PPGEA/FURG). A ideia surgiu de diálogos informais entre nós, a fim de que pudéssemos criar e expor trabalhos artísticos com a temática relação humano - outros animais em espaços não convencionais do sistema das artes (como galerias, entre outros), e que estivessem conectados com o cotidiano das pessoas.

Originou-se, então uma exposição de caráter intervencionista (“Desvios para a Liberdade”) na Biblioteca Central da FURG. As obras ficaram dispostas de maneira descentralizada, misturadas com os elementos que constituem a biblioteca.

Nós, juntamente com Roberta Cadaval (graduada em artes visuais, graduanda em Arqueologia pela FURG e mestranda em Antropologia pela UFPel) e Anne Farias (na época, graduanda em artes visuais pela UFPel, ativista pelos direitos animais e atualmente graduanda em Medicina Veterinária pela UFPel) montamos cada um(a) seu trabalho sobre a “temática animal” e os misturamos com os livros, estantes e demais elementos que constituem o corpo físico da biblioteca, um espaço já destinado a estudos e conhecimentos, propício a provocações de novos pensamentos e reflexões. Os trabalhos ficaram expostos durante um mês, de junho a julho de 2011.

A princípio a exposição se chamaria “Liberdade para todos nós”, mas pensando em jogo com as palavras “rotina”, “desvio”, “rota”, “tino”, “atinar” o título ficou “Desvios para a Liberdade”. Explicando: A exploração animal é uma situação habitual na vida individual e coletiva em nossa sociedade, ou seja, é uma rotina. E, ao mesmo tempo, as obras foram espalhadas em uma rota, dispostas em um caminho. E requeriam um tino, uma percepção, tanto para se sensibilizar com a mensagem por elas emanadas, como para notá-las. Desviam o caminho do usuário da biblioteca, seu olhar, talvez seus pensamentos e suas condutas.

Os trabalhos abordaram o consumo de carne, a dominação/superioridade sobre o outro e vivissecção.

Minha obra, nomeada de “Aos invisíveis”, foi um mini busto (cerca de 6,5 cm) de um camundongo branco feito de biscuit (porcelana fria) para homenagear os animais que são vítimas das experimentações científicas. Como ilustra a figura abaixo:



Fig. 4: Escultura de biscuit feita para exposição-intervenção da Biblioteca Central da Universidade Federal de Rio Grande

A princípio seria de argila, mas o protótipo não ficou muito bom e a Anne aconselhou a substituição do material de trabalho para biscuit, muito mais maleável e de melhor aparência.

Nos laboratórios, estatisticamente, a maioria dos animais utilizados, constatado em meu trabalho de conclusão de curso em 2008 (cf. REIS, 2008), é camundongos. Por isso e por ser um símbolo marcante da experimentação animal, essa figura foi escolhida.

O tamanho pequeno da obra não foi apenas uma referência a “pequenez” da espécie usada como referência, ele condiz com o título “Aos invisíveis”, tentando passar a idéia de que dezenas, centenas e até milhares desses animais são explorados, cortados, infectados e descartados todos os dias. E tudo silenciosamente, invisivelmente, pois os leigos ignoram esse fato e os próprios cientistas os tratam como seres invisíveis, sem rosto, apenas como instrumento, por já terem se anestesiado com seu sofrimento, ignorando, assim, seus interesses, vontades, direitos e vida.

O formato da obra simboliza a inferioridade delegada a todos os animais que são utilizados como recursos nas pesquisas biomédicas, nas quais um microscópio chega a ser mais valorizado e protegido. A cor branca de toda a obra, inclusive do

cubo onde a escultura foi sobreposta remete tanto à invisibilidade, quanto a pretensa neutralidade da ciência, a frieza e a assepsia dos laboratórios. Os olhos, feitos de miçanga, contudo, não eram brancos, mas amarelos, para contrastar com a lágrima pintada em vermelho, e com intuito de realçar a “janela da alma”, uma referência a sua senciência esquecida. A lágrima simbolizou tanto a “lamentação” do animal quanto próprio sofrimento físico ao qual é submetido. O amarelo dos olhos também pode ser interpretado como representação de uma manipulação laboratorial.

Uma lupa grande manuseável ao lado da escultura de biscuit compunha a obra, como se fosse uma chamada para que olhassem para aquele ser “invisível”, e ao mesmo tempo remetia a uma ferramenta comumente usada em certos tipos de investigações científicas.

Abaixo do busto, na “lápide” da escultura estava escrito o seguinte haicai:

Sencientes inocentes
Lamentam a ciência
\$em ciência

A intenção foi dizer que os seres sencientes submetidos à vivissecação sofrem com a ciência sem consciência, sem auto-questionamento de sua práxis e que muitas vezes funciona em função do lucro.

Por fim, o ar infantil da obra, tanto pelo material utilizado (biscuit), bem como a forma “fofinha” da escultura teve a intenção de ser suave, mesmo que provocante, e tentou instigar um inconsciente inocente das pessoas, seu lado mais criança e sensível, como uma volta à infância. O que vai ao encontro da teoria biofílica popularizada pelo biólogo estadunidense Edward O. Wilson, em 1984, sobre empatia/simpatia para com as coisas vivas. Segundo essa teoria, quanto mais novos somos, maior é nossa biofilia, e com o tempo, por causas diversas, a maioria das pessoas vai esquecendo.

A produção dessa obra foi extremamente prazerosa. A ideia me surgiu com facilidade e percebi que tenho habilidades manuais. No momento do convite eu estava passando por um processo de bloqueio criativo em relação à minha pesquisa e a realização dessa exposição-intervenção foi como uma porta que se abriu para todas as possibilidades que eu não percebia. A felicidade em fazê-la impulsionou a continuação do trabalho e traçou os rumos da pesquisa. A arte, a criatividade, o

prazer e alegria ao materializar processos intuitivos e ver realizada uma obra minha, uma expressão de mim, deram a luz e energias necessárias para retomar a pesquisa e acreditar nela e em mim mesma, em minha capacidade criativa. Abaixo está a obra exposta:



Fig. 5: Obra “Aos Invisíveis” exposta na biblioteca da FURG, campus Carreiros.

O ideal seria ter ficado por vários dias observando o fluxo das pessoas e a reação das mesmas. O que nos ocorreu apenas após a exposição. Perdemos, assim, dados de análise importantes.

Segunda micro-intervenção

A segunda intervenção realizada foi “Plantando Liberdade”. A muda de uma árvore foi comprada e colocada em frente a um criadouro comercial de canários. À planta foi amarrado um cartaz com os dizeres “Plante uma árvore e solte os pássaros: Eles virão até você”. E no vaso um bilhete escrito “Cuide bem de mim. Se não me quiser, dê a quem queira” foi colado.

Precisei de vários dias para ter coragem de instalar a planta. O tempo meteorológico não contribuía e eu precisava de alguém para me acompanhar. Um frio na barriga sempre surgia, até que perdi a timidez e realizei a proposta. No dia seguinte a pequena árvore já não estava na calçada. Não sei qual foi seu destino, mas achei interessante esse tipo de abordagem. É provocativa, mas não agressiva.

É um convite, um presente e um “tapa na cara” ao mesmo tempo, como podemos ver a seguir das figuras 6 a 8 :



Fig.6: “Plantando liberdade”



Fig.7: "Plantando Liberdade".

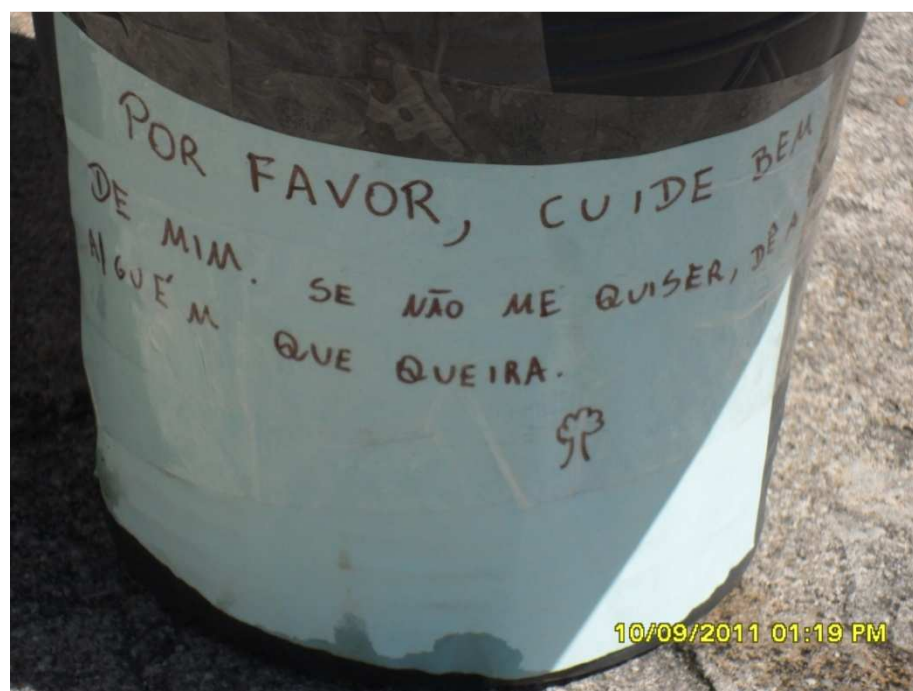


Fig.8: "Plantando Liberdade".

Terceira micro-intervenção

A mais divertida intervenção executada foi a “Agridoce”. Bichinhos de pelúcia (vaca, cavalo, pato, cachorro, sapo) segurando recados anti-especistas foram distribuídos pelos bancos da praça (Coronel Pedro Osório, em Pelotas e Tamandaré, em Rio Grande) e as reações das pessoas foram filmadas e fotografadas. A mensagem era um tanto dura, mas feita com ternura. Eram frases como “meu destino depende de tuas escolhas”, “perdi minha mãe, será que ela está em seu prato?”, “tua existência me dá esperança?”. Abaixo podemos ver os bichinhos:



Fig.9: Intervenção “Agridoce”.



Fig.10: Intervenção "Agridoce".



Fig.11: Intervenção "Agridoce".



Fig.12: Intervenção "Agridoce".



Fig.13: Intervenção "Agridoce".



Fig.14: Intervenção "Agridoce".



Fig.15: Intervenção "Agridoce".

Os brinquedos ficaram expostos, com a ajuda de Daniel Almeida, durante uma tarde inteira em Pelotas e, com o auxílio de Débora Martins, uma tarde inteira

em Rio Grande. Em Rio Grande, pouquíssimas pessoas interagiram, já em Pelotas houve maior atração dos transeuntes.

Na Praça Coronel Osório (Pelotas), logo que os brinquedos foram distribuídos pelos bancos, os transeuntes já começaram a notá-los. A primeira a perceber foi uma senhora idosa, que começou a rir quando parou para ler os recados. Ela foi de banco em banco para lê-los e sorriu.

A maioria das pessoas ao menos olhava para os lados para ver os animais de pelúcia, mas mulheres e crianças eram mais frequentemente atraídas. O que pode vir a corroborar as ideias trazidas por Barnard (s.d.) já expostas ao longo do texto.

Mulheres com ar mais “pomposo” se comportaram semelhante a maioria dos homens, percebiam os bonecos, mas não pararam para ver e continuavam com a feição facial séria. Pessoas muito distraídas em seus passos, ou demasiado apressadas demonstraram não notar a intervenção.

Entretanto, quem interagiu mais intensamente com os bichinhos foram três rapazes e uma garota de programa. Um dos rapazes, com idade em torno dos vinte e poucos anos, olhou todos os recados, indo de um lado para outro para observar com atenção todos os bichos. Parou, leu, meneou afirmativamente a cabeça, voltou para ler os que ficaram para traz. Os outros dois eram adolescentes aparentemente com dezessete anos, sentaram em um dos bancos e pareciam se divertir com os brinquedos, também se interessaram por todos e riram, fazendo questão de levantarem do banco e se agacharem para ver melhor. Manipularam os bichinhos. Um senhor catador de lixo também observou todos os brinquedos, embora não se saiba ao certo seu grau de alfabetização para compreensão das frases.

A garota de programa manuseou todos os bichinhos e pareceu gostar bastante deles. Queria levá-los para si. Quando percebeu que eram nossos, e que estávamos filmando perguntou se podia ficar com o cachorrinho, pois ela havia adorado. Abraçou-o e tudo mais. Porém, como ainda havia a intenção de repetir a intervenção em Rio Grande, não pude dar o cachorrinho. Quando as intervenções acabaram e as filmagens foram editadas, procurei a mulher (de aparentemente trinta e tantos anos) e lha mostrei o cachorrinho, para dar-lhe de presente. Ela ficou surpreendentemente muito feliz. Ficou muito contente por eu ter lembrado dela, agradeceu muito, me abraçou, chamando de “meu coração” e abraçou o cachorrinho. Fiquei muito feliz com isso.

Poderíamos pensar, com esses dados, que pessoas geralmente marginalizadas, ou tidas por insensíveis, de fato foram as que mais se aproximaram do que seria artístico, lúdico, do que seria “fofo”, e do que buscou passar uma mensagem de não-exploração.

Já na Praça Tamandaré (Rio Grande), poucas pessoas prestaram atenção aos brinquedos. A maioria foi criança, que, inclusive, algumas mães puxaram pelo braço para não se aproximarem. Garotas adolescentes pararam para olhar cada um e um catador de latinhas também parou e observou com cuidado. Uma mãe com um filho de cerca de doze anos sentaram ao lado de uns bichinhos e nada fizeram, continuaram comendo cachorro-quente, ignorando a instalação, e foram embora assim que terminaram o lanche.

Acreditamos que quem vive mais a cidade preste mais atenção às suas mudanças, como os catadores de lixo e lata, e adolescentes que costumam frequentar as praças com assiduidade para encontrar os amigos. Para ver é necessário ter “olhos que gozam” como explica Rubem Alves:

A diferença se encontra no lugar onde os olhos são guardados. Se os olhos estão na caixa de ferramentas, eles são apenas ferramentas que usamos por sua função prática. Com eles vemos objetos, sinais luminosos, nomes de ruas - e ajustamos a nossa ação. O ver se subordina ao fazer. Isso é necessário. Mas é muito pobre. Os olhos não gozam... Mas, quando os olhos estão na caixa dos brinquedos, eles se transformam em órgãos de prazer: brincam com o que vêem, olham pelo prazer de olhar, querem fazer amor com o mundo. (ALVES, 2004)

A lógica dessa intervenção parece estar de acordo com os ensinamentos taoistas do mestre oriental Lao Tzu:

Só temos consciência do belo,
Quando conhecemos o feio.
Só temos consciência do bom,
Quando conhecemos o mau.
Porquanto, o Ser e o Existir,
Se engendram mutuamente.
O fácil e o difícil se completam.
O grande e o pequeno são complementares.

O alto e o baixo formam um todo.

O som e o silêncio formam a harmonia.
O passado e o futuro geram o tempo.

Eis porque o sábio age,
Pelo não-agir.
E ensina sem falar.
Aceita tudo que lhe acontece.
Produz tudo e não fica com nada.

O sábio tudo realiza - e nada considera seu.
Tudo faz - e não se apega à sua obra.
Não se prende aos frutos da sua atividade.

Termina a sua obra,
E está sempre no princípio.
E por isso a sua obra prospera.

(Verso 02, in Tao Te King)

Quarta micro-intervenção

“Mensagem grudada” foi talvez a mais provocativa e ácida das atividades. A mais difícil de fazer também. Cartazes foram colados em açougues e em lojas que trabalham com a venda de animais, na cidade de Pelotas.

No açougue, a imagem colada foram bifes crus colocados em anzóis com o dizer embaixo: “Obsessão”. Com intuito de gerar um questionamento sobre a necessidade de comer carne. Se não seria muito mais uma fixação mental, comportamental e social, como iscas que insistimos deixar nos seduzir, do que uma necessidade nutricional.

Provavelmente o resultado foi estéril, já que a ação pode ser interpretada mais como simples provocação do que como reflexão. Não gostei muito de fazer, porque se trata de uma atividade do tipo “mal humorada”, além de ter ficado temerosa de executá-la. Ademais, certa vez sonhei que estava em um supermercado e pessoas começaram a protestar contra vegetarianos, colando cartazes agressivos e irônicos contra quem comia cenoura. Lembro-me que acordei com uma sensação muito ruim e que eu não gostaria de passar por isto. Portanto,

considero esse tipo de atividade pouco profícua quando executada em ambientes aonde as pessoas já vão com idéias e vontades pré-concebidas para consumir aquele determinado produto oferecido naquele estabelecimento e se for feita com mensagens pouco criativas e agressivas (o que talvez não seja exatamente esse o caso).



Fig. 16: Cartazes colados no muro de um açougue.



Fig. 17: Cartazes colados no muro de um açougue.

A proposta inicial era mais ousada, para ser feita com mais pessoas, com painéis grandes, mais numerosos e afixados em mais locais, como clubes de pesca, entre outros. Juntamente com essa ideia, adesivos opondo-se ao consumo de certos produtos eram para terem sido colados em supermercados, mas essa proposta foi abortada.

Nas lojas, dois tipos de imagens foram usadas: uma garota abrindo uma caixa e devolvendo vários animais para a natureza, escrito “amor é liberdade” e um código de barras grande com a frase “um animal é mais do que isso”. Esses cartazes também foram afixados em postes, o que pode fazer as pessoas refletirem, quando caminharem próximo ao poste e lerem os cartazes.



Fig.18: Cartazes colados em lojas que comercializam animais.



Fig.19: Cartazes colados em lojas que comercializam animais.

Em um viveiro que comercializa canários foram afixados dois cartazes: “Amor é liberdade” e “Quem preserva solta”, contrastando com idéias recorrentes no meio de criadores que atividades como cativeiro e comercialização de animais silvestres são boas para sua preservação e são provas de “amor à natureza”.



Fig.20: Cartazes colados em lojas que comercializam animais.



Fig.21: Cartazes colados em lojas que comercializam animais.

Todos os cartazes foram arrancados no dia seguinte, aparentemente com indignação, exceto aqueles que foram colados em postes e longe dos estabelecimentos-alvo.

Quinta micro-intervenção

Com a ajuda da ativista e pedagoga Juliana Granada, uma banquinha foi colocada no calçadão em Pelotas. Distribuímos flores (shorinkas), comidas feitas sem ingredientes animais e panfletos (produzidos com a ajuda da nutricionista vegana Lúcia Badia) com receitas e explicando os impactos éticos, ambientais, sociais e na nossa saúde ao financiarmos atividades e o consumo de produtos de origem animal, oferecendo assim não só oportunidade de reflexão, mas argumentos, informações e oportunidade de as pessoas buscarem mais conhecimento sobre o assunto e fazerem pelo menos uma refeição sem ingrediente animal durante o dia.

Faixas foram colocadas no local para atrair a atenção dos pedestres com os dizeres: “Gostarias de conhecer a alimentação vegana?” e “Se você não come uns, por que come outros?” (com imagens de animais que as pessoas consideram fofos e animais que as pessoas comem, mas em posições cativantes).

Como havia pouca comida, a atividade acabou rápido. O saldo foi positivo, pois muitas pessoas se interessaram pela banca, pararam para conversar, comer e ler os panfletos. Vale ressaltar que foi a atividade mais trabalhosa.

Várias pessoas ficaram bastante tempo trocando informações conosco, tirando dúvidas e não apenas pegando amostras grátis de comida, o que indica que, quando oferecemos oportunidades de dialogar e apresentar o veganismo de maneira agradável há melhor aceitação e poder didático maior.



Fig.22: Cartazes da banquinha.



Fig.23: Flores, bolo e panfletos.



Fig.24: Interagindo com interessados pela banquinha.



Fig.25: Faixa da banquinha.



Fig.26: Interagindo com mais interessados pela banquinha.

Sexta micro-intervenção

A “última” intervenção foi realizada durante o evento acadêmico “10ª Mostra da Produção Universitária / 13º Encontro de Pós Graduação” (MPU) na FURG: Em parceria com a advogada, ativista (membro fundadora do Grupo Pela Abolição do Especismo (GAE) - Rio Grande) e radialista Márcia Chaplin, oferecemos uma oficina culinária.

A oficina “Educação Ambiental na Cozinha” ensinou a fazer leites vegetais a partir de linhaça e amêndoas, por exemplo, e uma torta à base de frutas e sementes. Reflexões sobre a conexão entre Educação Ambiental e alimentação e as consequências da indústria leiteira para nossa vida (política, econômica, nossa saúde) e a vida dos animais e da natureza foram apresentadas.

Ultrapassando o mero fato de ensinar como se fazer bebidas e pratos veganos e informar suas propriedades nutricionais, o objetivo da oficina foi dialogar sobre como nossas refeições trazem consigo valores e, ao escolhê-las, decidimos se

queremos contribuir para o sofrimento animal e para a degradação ambiental que a produção de alimentos de origem animal acarreta, ou se queremos co-participar da construção de outras formas de estar no mundo.

Afinal, o alimentar-se não implica somente em ética, mas também no cuidado de si, de nossa ecologia interna, além de todas suas implicações econômicas e financeiras, culturais, ecológicas/ambientais e sociais. Sendo assim, percebe-se o quanto “a casa dos sonhos²⁵ precisa criar um ambiente no qual sejam forjadas as novas utopias culturais, fontes de ruptura da paralisia resultante da morte das utopias: econômicas, políticas e sociais” (RODRIGUES, 2011, p.7).

Contamos com a participação de dez pessoas, que ouviram atentamente as explicações e, mesmo com a extrapolação do tempo previsto, os participantes ficaram até o fim e aprovaram a degustação, elogiando a oficina e demonstrando interesse em reproduzir os alimentos em casa. Havia estudantes de História, Letras, Engenharia de Alimentos, mestrandos e doutorandos em Educação Ambiental, entre outros.

No início da oficina foi perguntado aos participantes se percebiam a relação entre alimentos e Educação Ambiental. Todos afirmaram que a alimentação se tratava de um importante tema de Educação Ambiental.

Esta atividade também me trouxe grande alegria e satisfação. É muito prazeroso poder ensinar e dialogar, momento em que me sinto verdadeira educadora ambiental.

²⁵ Que somos nós mesmos.



O vídeo

As micro-intervenções urbanas foram registradas, compiladas e editadas em imagens (tanto em forma de fotografia quanto de filmagem), tornando-se, assim, um recurso áudio-visual para ser utilizado como material didático para uma Educação Ambiental não-especista.

Este tipo de mídia é de fácil circulação e acesso, possibilitando que mais pessoas possam refletir sobre o tema, ou reproduzir as atividades em suas cidades, fomentando a atenção para a condição a que os animais são submetidos, mediante recursos lúdicos, estéticos. O filme elaborado foi intitulado “Educação e Especismo” e se caracteriza como “arte – documentário - intervenção”.

O assunto que concerne à análise das relações sociedade-natureza e o especismo é bastante amplo. Durante a preparação do *storyboard* surgiram temas como “introdução ao especismo e sua relação com o sexismo e com o racismo” (cuja intenção era introduzir e explicar o tema “especismo” e retratar sua relação com outras formas de preconceito, discriminação) e, “as consequências e vítimas do especismo” (retrataria o sofrimento pelo qual os animais não humanos passam em decorrência do especismo), “senciência e etologia” (mostrando a vida emocional e a

inteligência dos animais, colocando por terra a obtusidade especista), “o papel da educação” (enfocando como a educação perpetua a visão especista, exploratória e hierárquica de mundo e como através de outras formas educacionais esses preceitos podem ser desconstruídos) e “como pode ser” (que visava mostrar possibilidades práticas de vivermos com a opção de não explorar os animais).

Entretanto, ficaria um vídeo imenso e com a maioria das imagens “terceirizadas”, coletadas da rede mundial de computadores. Logo, optei por fazer um vídeo mais autoral possível e condensar as questões adjacentes à “temática animal” em uma produção áudio-visual de no máximo quinze minutos. O resultado foi o seguinte:

O vídeo inicia-se com uma charge da Mafalda, de autoria do escritor Quino. A tirinha selecionada retratava o pensamento instrumental que uma criança (Miguelito) confere às abelhas, valorizando-as e conservando-as apenas porque elas trabalham “para nós”. A charge foi desmembrada e intercalada com frases minhas, insinuando ironicamente que os seres humanos são muito inteligentes, e são facilmente condicionados.

Em seguida, foram acrescentados trechos de um livro infanto-juvenil²⁶ fotografado em uma livraria que permitiu as fotografias. O livro, de maneira lúdica, ensina desde cedo as crianças a serem especistas. Creio que isso não seja inocente e ausente de grandes interesses econômicos. Afinal, tendem a acusar a educação anti-especista de doutrinadora. Imagino que isso se dê por medo, uma vez que atitudes instituintes²⁷ ameaçam ordens vigentes.

As fotografias tiradas do conteúdo do referente livro foram usadas para demarcar o papel importante que a educação tem na formação de valores coletivos e individuais.

Pássaros em gaiolas e peixes em aquários foram filmados. A entrevista que consegui durante uma exposição de canários sobrepôs as imagens, com a finalidade de provocar as pessoas a pensarem sobre a incoerência de se dizerem amantes da natureza e dos animais e os usarem para satisfação pessoal, sem a menor

²⁶ ARREDONDO, Francisco; SUSAETA, Equipe. “A Fazenda e a Vida no Campo”. Trad.: Carolina Caires Coelho. Barueri, SP: Girassol; Madri, ESP: Susaeta Ediciones, 2009.

²⁷ É o processo mobilizado por forças produtivo-desejante-revolucionárias que tende a fundar instituições ou a transformá-las, como parte do devir das potências e materialidades sociais. No transcurso do funcionamento do processo de institucionalização, o instituinte inventa instituídos e logo os metamorfoseia ou cancela, de acordo com as exigências do devir social. Para operar concretamente, o processo de institucionalização deve ser acompanhado de outros organizantes que se materializam em organizações. Os dinamismos instituintes e organizantes são orientados pelas Utopias Ativas. (cf. Barembliitt, 2002)

consideração por aquele outro ser, condenado, por isso, a viver toda sua vida enjaulado e privado de usufruir sua natureza específica conforme seus interesses. Um amor sem alteridade. Um “gostar” egoísta, que objetifica o outro, usando-o como artefato decorativo vivo, que depende da pessoa para suas necessidades vitais básicas, salientando com isso uma relação de poder.

Posteriormente procurou-se fazer analogia entre o pensamento que coisifica os animais com o ato de mercantilizar a natureza, bem como explorar ou desprezar outros seres humanos.

A sessão seguinte apresentou as micro-intervenções realizadas, como um chamado ao despertar em pequenas ações que podem ser feitas por qualquer um com cunho educativo. Como uma forma de transformar os comportamentos apresentados anteriormente no vídeo. Frases instigando a pensar em novas possibilidades de educação foram inseridas.

Com um dominó a palavra “especismo” foi formada. As peças foram, em seguida, derrubadas. Articulou-se a filmagem dessas cenas com outra palavra também feita em dominó: RESPEITO. Assim, conclui-se o filme deixando essa mensagem: Que não deveríamos ser indiferentes, e que somos convidados a substituir o especismo e toda forma de dominação pelo respeito.

O projeto inicial desejou que o vídeo fosse inclusivo para a comunidade surda. Essa preocupação se manteve ao optar por um filme com mais imagens e frases. Entretanto, a escolha das músicas foram bastante articuladas com as fotografias e com as filmagens, constituindo-se como um elemento importante do vídeo. As letras muitas vezes traduziam as mensagens que busquei transmitir, embora algumas fossem em inglês e nessas partes o público desconhecedor da língua também não pôde apreender a mensagem auditiva. Portanto, a comunidade surda ficou, infelizmente, prejudicada no quesito das mensagens musicais e durante o trecho da entrevista, a qual não foi legendada.

A trilha sonora empregada no vídeo foi constituída das seguintes músicas: Bicharada (da peça Os Saltimbancos, criada por Bardotti Enriquez e Chico Buarque); Free Me (do Goldfinger); Novas Histórias (de Highwayblues); Palladiun (do Clube do Balanço); Os Peixes (de Os The Dharma Lóvers); Seres “extranhos” (idem); Rua da Passagem/ trânsito (Lenine) e Why should I care? (do The Who).

O vídeo completo teve a duração de treze minutos e procurou ser dinâmico, para que não cansasse a audiência. O vídeo teve, ademais, a intenção de demonstrar a conexão da exploração animal com as Ecologias Ambiental, Social e Mental, além de desejar criar espaços para que se dialogue e problematize a respeito da situação dos animais em ambientes de Educação Ambiental e educativos em geral.

Este recurso áudio-visual foi apresentado à turma da disciplina “As três Ecologias II”, em 2011, ministrada pelo prof. Dr. Alfredo Gentini, composta por alunos especiais, mestrandos e doutorandos do curso de Educação Ambiental da FURG. A reação das pessoas coincidiu com o objetivo da obra, pois fomentou diálogos e reflexões sobre a condição dos animais.

Os recursos estéticos foram o meio e o resultado da ação, visto o desconhecimento de métodos de análise das reações das pessoas quando se confronta comportamentos instituídos em uma cultura antropocêntrica bem no meio da rua.

Considerações Finais

Em salas de aula, quando ensinamos um conteúdo e avaliamos a apreensão dos mesmos mediante provas, não podemos ter a garantia que aquele conteúdo foi realmente introjetado e transformou algo na vida do/a aprendiz. Porque não é o/a educador/a que ensina, ele/a só oferece a oportunidade do aprendizado.

A partir desta perspectiva, podemos dizer que o poder pedagógico das micro-intervenções pode e deveria ser visto também por esse ângulo. Foram oferecidas oportunidades de construção e desconstrução de aprendizados que talvez tenham sido acessados instantaneamente, modificando, de fato, atitudes, sentimentos e comportamentos, ou poderão ter ficado guardados, dormindo, até que sejam acessados em um momento mais oportuno para o processo da pessoa que teve contato com as micro-intervenções. Bem como podem não surtir efeito nenhum nesse ou naquele indivíduo, pois há pessoas que são facilmente tocadas, outras não são afetadas por nenhuma estratégia e ainda, cada um se afeta com estratégias diferentes, o que valida as tentativas em diversos formatos.

Porém, a modificação ocorreu. Pois o espaço foi transformado. A rota da pessoa foi transformada, mesmo que por alguns segundos. Mas segundos podem mudar o mundo, podem salvar ou destruir vidas. Um simples desvio de rota, mesmo que milímetros, pode modificar um destino! O meu, pelo menos, foi completamente atingido! Sinto-me constituída como educadora ambiental, como artista, como culinária e amante de arranjos florais.

O fato de as pessoas pararem, intervirem nas instalações, prestigiarem oficinas, alterarem seus passos, experimentado novos sabores e novas informações é extremamente gratificante e renova esperanças.

Uma mudança no cotidiano daqueles pessoas ocorreu. O inesperado durante aqueles dias e naqueles lugares ocorreu e possivelmente as pessoas comentaram sobre isso em suas casas ou trabalhos com outras pessoas e novos fios dessa rede se estabeleceram.

O trabalho interventivo e áudio-visual “Educação e Especismo” foi realizado com a intenção de desenvolver instalações artísticas e oficinas enquanto tentativas de se concretizar propostas que busquem (micro) mudanças das relações tidas como normais e/ou aceitáveis em relação aos animais das outras espécies e produzir um material didático de Educação Ambiental não-especista.

Caracterizou-se por usar a metodologia de criação de dispositivos como possibilidades de micro-intervenções capazes de reformular o espaço, gerando novas possibilidades de pensamento.

Objetivou-se desenvolver uma Educação Ambiental não-formal imbuída no campo da investigação estética sob uma perspectiva de inclusão da consideração moral pelos animais, procurando assim sensibilizar as pessoas para a “questão animal”.

O vídeo pode vir a ser utilizado como tema gerador. Foi produzido com o fim de refletir sobre o especismo e a escravidão animal e sua conexão com a educação

subliminar, e provocar inquietações em relação a ela, buscando, destarte, dar continuidade a estudos que relacionam saúde, ética, ambiente e educação, e abrir caminhos para que seja possível desenvolver uma Educação Ambiental não-formal com perspectiva da inclusão da consideração moral pelos animais.

Procurou-se mostrar que a instrumentalização²⁸ dos animais não-humanos perpassa por quase todas nossas atividades e não raras vezes, essas práticas estão igualmente associadas à exploração humana e ambiental.

Cabe lembrar que quanto aos produtos e serviços que consumimos e que achamos que não podemos viver sem eles, mesmo que seja uma barbatana de tubarão ou a orelha de um morcego, não são vendidos porque as pessoas querem ou precisam. Pelo contrário, elas só comprem porque está sendo vendido e propagandeado. Como diz BAREMBLITT (2002, p.16):

Não existe demanda espontânea e natural, nem universal, nem eterna, mas, pelo contrário, ela é produzida pela oferta. Não existem demandas “espontâneas”, pois (...) a noção das necessidades é produzida, assim como a demanda é modulada.

Por isso, se deixarmos de consumir os produtos não necessários à nossa vida e que são imbuídos de sofrimento animal, degradação ambiental e injustiça social, os empresários, por falta de lucro, terão que reposicionar sua atuação comercial e possivelmente abandonariam a prática de explorar animais para vender seus produtos.

Com a preocupada constatação de que as discussões em torno da proteção e da Educação Ambiental não têm contemplado essas questões e se esquecem de que os animais não- humanos individualmente também são parte do ambiente, faz-se importante tratar do fenômeno de redução dos outros animais a simples instrumentos, a mercantilização e sujeição dos seus corpos, pois isto também é tratar da coisificação da natureza e investigar que nosso assujeitamento tem raízes comuns com esse aspecto. Assim, se faz necessário começar a pautar a questão animal em nossas atividades educativas, estéticas e éticas. Pois, como ensina RODRIGUES (2011, p.4)

é muito fácil observar a poluição que se vê desde o exterior. (...). Porém, mesmo que o mundo todo fosse limpo exteriormente num dia, voltaria a ser totalmente preenchido e contaminado de lixo

²⁸ Redução do ser vivo a um mero objeto: um meio para fins de terceiros.

ambiental no dia seguinte. Isto porque é desconsiderado que grande parte da poluição é interior (grifo meu). Sendo invisível, parece não existir em sua virulência catastrófica. Sendo assim, os pesquisadores da Educação Ambiental acabam presos na lógica dos discursos, que levam à paralisia das ações, ao ressentimento e ao fracasso, já que não implicam necessariamente numa prática ecológica efetiva para mudar o interno/externo em suas intrincadas conexões.

E completa: “Ao pretendermos transformar o mundo precisamos aprender a transmutar o mundo que há dentro de dentro de nós” (RODRIGUES, 2011, p.6). Este trabalho pretende ter contribuído nesse sentido.

A apresentação do vídeo para os colegas da disciplina “As Três Ecologias” foi positiva e pode ser vista também como uma micro-intervenção, pois muitos ainda não conhecedores das discussões, teorias e práticas sobre libertação animal e especismo puderam ser apresentados a essa perspectiva e contribuir com suas opiniões.

Com a realização desse trabalho de pesquisa, minhas concepções sobre militância mudaram bastante e hoje posso dizer que sou uma “ativista”, o que é muito mais divertido que qualquer outro ativismo, bem como se ampliou em mim a noção das múltiplas possibilidades metodológicas e de abordagens em uma pesquisa. E espero ter podido realizar a função básica de um educador, que para ALVES (2004) é “ensinar a ver”. Confessa ele:

Eu gostaria de sugerir que se criasse um novo tipo de professor, um professor que nada teria a ensinar, mas que se dedicaria a apontar os assombros que crescem nos desvãos da banalidade cotidiana.

Se o movimento ecologista revirou a sociedade enquanto braço da contracultura, apontando para mudanças radicais e necessárias em nosso estilo de vida, o movimento pela Libertação Animal, surge, agora, como uma revitalização desse movimento, em um contexto não antropocêntrico, de revisão de valores e do próprio conceito de ecologia e de ambiente.

A presente pesquisa tem apontado para a importância deste movimento no contexto da Educação Ambiental, que se torna vazia e retórica se não houver compromisso dos próprios educadores de observar atentamente e com criticidade seus hábitos, inclusive alimentares e seu cotidiano, que na maioria das vezes é especista, apesar de proferirem a necessidade do “respeito a todas as formas de vida”.

Os defensores dos direitos animais/libertação animal vêm ensinar, pelo exemplo, a prática de uma Ética não antropo centrada e como se auto-educar para a liberdade e para a ruptura com os paradigmas aí estabelecidos, que provocam dor, morte e degradação.

Poderíamos concluir, então, ao longo do trabalho apresentado, que não contribuindo com a indústria e a comercialização de animais para consumo, bem como atividades que lucram com a exploração animal, e educando os outros para o mesmo, temos grande chance de estarmos prestando um bom serviço em direção à preservação ambiental e estarmos respeitando tanto os animais quanto a “natureza”.

Ansiamos por ter encontrado, ao findar da pesquisa, meios para despertar uma nova sensibilidade, possível de construir mundos inimagináveis e vivenciar utopias concretizáveis.

Referências Bibliográficas

ALVES, Rubem. *A complicada arte de ver. Texto extraído da seção "Sinapse", jornal "Folha de S.Paulo", versão on line, publicado em 26/10/2004.*

ARREDONDO, Francisco; SUSAETA, Equipe. "A Fazenda e a Vida no Campo". Trad.: Carolina Caires Coelho. Barueri, SP: Girassol; Madri, ESP: Susaeta Ediciones, 2009.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Da utilidade dos animais. In: De notícias e não notícias faz-se a crônica. Rio de Janeiro, José Olympio, 1975.

ANIMAIS, União Internacional Protetora dos . A UIPA. Disponível em http://www.uipa.org.br/portal/modules/mastop_publish/?tac=A_UIPA. Acesso: 24 de setembro de 2011.

BARBOZA, J. *A Mitleidsethik e os animais ou Schopenhauer como precursor da ética animal*. Ethic@: Revista Internacional de Filosofia da Moral. Florianópolis, v.7, n. 2, p. 253-265, Dez. 2008.

BAREMBLITT, Gregorio. *Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática*. 5ª Ed. Belo Horizonte: Instituto Félix Guattari, 2002.

BARROS, Manoel de. *Retrato do Artista Quando Coisa*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1998

BEHR, Nicolas. *Menino Diamantino*. Brasília: LGE, 2003.

BEY, Hakim. *Guerra da Informação e outros textos*. Trad.: Coletivo Protopia S. A. Porto Alegre: Deriva, 2008

BLUWOL, Dennis Zagha. *Ética Libertária Interdependente - veganismo, ecologia, saúde, política e liberdade*. In: Silvana Andrade. Visão Abolicionista: Ética e Direitos Animais. São Paulo: Libra Três, 2010.

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

BOOKCHIN, Murray. *La Ecología de La Libertad - El Surgimiento y La disolución de La jerarquia*. Trad: Marcelo Gabriel Burello. 2ª Ed. Móstoles: Nossa y Jara Editores, 1991.

BORGES, Fátima. *Relação entre crueldade com seres humanos e com animais*. Disponível em: <http://mortas.wordpress.com/2011/11/06/psicopatia-e-a-crueldade-com-animais/>. Acesso: 10 de novembro de 2011.

BRÜGGER, Paula C. *Amigo Animal- reflexões interdisciplinares sobre educação e meio ambiente. Animais, ética, dieta, saúde, paradigmas*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004a.

_____. *Educação ou adestramento ambiental?* 3ªed. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004b.

_____. Visões estreitas na educação ambiental. In: Revista Ciência Hoje, v.24, n.141, p. 62-65. Ed.Instituto Ciência Hoje. São Paulo: Agosto, 1998.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. *O sujeito ecológico: a formação de novas identidades culturais e a escola*. In: Mello, Soraia Silva; Trajber, Rachel. (Org.). Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental. 1 ed. Brasília (DF): MEC/MMA/UNESCO, 2007, v. 216, p. 135-142.

CUNHA, Luciano Carlos. *Conceitos para que seja possível se pensar a ética animal*. Florianópolis: 2007. Disponível em:

< http://www.sentiens.net/pensata/PA_ENS_eticaglobal_luciano_05.html. >

_____. *Por que defender a abolição total da exploração dos animais?* Disponível em:

<http://www.sentiens.net/top/PA_ACD_lucianocunha_0006_top.html> Publicado em: 13 de maio de 2007.

_____. *Veganismo, meio ambiente e sustentabilidade*. Entrevista concedida por e-mail ao repórter Aelton Antunes, do jornal Diário da Cidade de Balneário Camboriú/SC, em 07 de Junho de 2008. Disponível em:

<http://www.pensataanimal.net/index.php?option=com_content&view=article&id=204:luciano-carlos-cunha&catid=85>.

DELEUZE, Gilles. *Qu'est-ce qu'un dispositif? IN Michel Foucault philosophe*. Rencontre internationale. Paris 9, 10, 11 janvier 1988. Paris, Seuil. 1989. Tradução de Ruy de Souza Dias (com agradecimentos a Fernando Cazarini) e Helio Rebello (revisão técnica), finalizada em março de 2001.

DEUS, Teresa F. *Cérebro Do Psicopata - Cérebros Doentes*. Disponível em: <<http://mapadocrime.com.sapo.pt/cerebro%20psicopata.html>>. Acesso: 10 de novembro de 2011.

DIAS, Rosimeri de Oliveira. *Estetizar/Eticizar*. In: FONSECA, Tania Mara Galli (org.) et al. In: *Pesquisar na diferença: Um abecedário*. Porto Alegre: Sulina, 2012. P.97-99.

FARIA, Izolda Mendes de. *Jainismo- Você sabe o que é?* Disponível em: <<http://www.3milenio.inf.br/011/artigo11a.htm>>. Acesso: 15 de dezembro de 2011.

FERNANDEZ, Fernando. *O poema imperfeito - Crônicas de Biologia, Conservação da Natureza e seus Heróis*. 2ª Ed. Curitiba: Ed. Universidade Federal do Paraná, 2005.

FERRARI, Bárbara Giacomini. *Experimentação animal: aspectos históricos, éticos, Legais e o direito à objeção de consciência*. Monografia apresentada à banca examinadora da Faculdade de Direito da Instituição Toledo de Ensino, como exigência parcial para a obtenção do grau de bacharel em direito. Bauru, 2004.

GODEFROY, Christian H. *O segredo dos Hunzas*. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAABMggAH/segredo-dos-hunzas>>. Acesso: 12 de outubro de 2011.

GOLDIM, Jose Roberto; RAYMUNDO, Marcia Mocellin. *Pesquisa em Saúde e os Direitos dos Animais*. 2 ed. Porto Alegre: HCPA, 1997.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. *Os (des)caminhos do meio ambiente*. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 1990.

GREEK, C. Ray; GREEK, Jean Swingle. *Sacred cows and golden geese: The human cost of experiments on animals*. New York: Continuum, 2000.

GREIF, Sérgio. *Sustentabilidade econômica e ecológica mediante a opção pelo vegetarianismo*. Cadernos de Debate. Vol.9, Campinas, p. 55-68, 2002.

GUATTARI, Félix. *As Três Ecologias*. Trad.: Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas, SP: Papirus, 1990.

IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Agropecuária do. *Estatística de Produção Agropecuária*, dezembro 2011. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/agropecuaria/producaoagropecuaria/abate-leite-couro-ovos_201103_publ_completa.pdf>. Acesso: 10 de dezembro de 2011.

HANH, Tchich Nhat. *Velho Caminho, Nuvens Brancas - Seguindo as Pegadas do Buda*. Trad.: Enio Burgos. Porto Alegre, Bodigaya Ltda., 2007.

KUNDERA, Milan. *A insustentável leveza do ser*. Rio de Janeiro: Rio Gráfica, 1983.

HUXLEY, Aldous. *Admirável Mundo Novo*. Rio de Janeiro : Editora Globo., 1932.

LAPPÉ, Frances Moore. Trad: Sílvio Branco Sarzana. *Dieta para um pequeno planeta*. São Paulo: Global, 1985.

LAZZAROTTO, Giselei Domingas Romanzini; CARVALHO, Julia Dutra de. *Afetar*. In: FONSECA, Tania Mara Galli (org.) et al. *Pesquisar na diferença: Um abecedário*. Porto Alegre: Sulina, 2012. P. 25- 27 .

LEVAI, Laerte Fernando. *Direito dos animais*. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2004.

_____. Fanny Bernard uma voz antiviviseccionista no séc. XIX . Disponível em: <<http://www.observatorioeco.com.br/fanny-bernard-uma-voz-antiviviseccionista-no-seculo-xix/>>. Acesso: 18 de setembro de 2011.

LEWONTIM, Richard C. *Biologia como Ideologia*. Ribeirão Preto: Ed. FUNPEC, 1998.

LOPES, Graziela P; DIEHL, Rafael. *Intervir*. In: FONSECA, Tania Mara Galli (org.) et al. In: *Pesquisar na diferença: Um abecedário*. Porto Alegre: Sulina, 2012. P.137-139.

MATURANA, Humberto. *Cognição, Ciência e Vida Cotidiana*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

MAX, Fabrício. *Organização do Estado Democrático: como operam os três poderes e a sociedade*. Palestra ministrada dia 02 de maio de 2008, durante o I Encontro Nacional de Direitos Animais

MÉNARD, René. *Mitologia Greco-Romana*. 5a ed.: São Paulo: Opus Editora, 1997, p.272

MÜLLER (2011), Bruno. *O sentido do vegetarianismo – do vegetarianismo holístico aos direitos animais*. Disponível em: <http://www.anda.jor.br/2011/02/11/o-sentido-do-vegetarianismo/>. Acesso: 11 de Setembro de 2011.

NACONECY, Carlos Michelin. *Ética e animais: um guia de argumentação filosófica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

NATIONS, Food and Agriculture Organization of the United. The state of food and agriculture: livestock in the balance. Roma, Itália: FAO, 2009. Relatório disponível em: <http://www.fao.org/docrep/012/i0680e.pdf>. Acesso: Maio, 2011.

NOVAES, Washington. *A década do impasse*. São Paulo: Estação Liberdade/Instituto Socioambiental, 2002.

ORWELL, George. *A revolução dos Bichos*. Trad.: Heitor A. Ferreira. 2ª Ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Globo, 2001.

PRADA, Irvênia Luiza de Santis. *A alma dos animais*. Campos do Jordão: Editora Mantiqueira, 1997.

REGAN, Tom. *Jaulas Vazias*. Porto Alegre: Lugano, 2006.

REIGOTA, Marcos. *O que é educação ambiental?* 2ª Ed. São Paulo: Editora Brasilienses, 2009.

REIS, Priscila Camargo. *A experimentação animal na Universidade Federal de Goiás: elementos para uma abordagem crítica*. Monografia apresentada à Coordenação do Curso de ciências Biológicas, da Universidade Federal de Goiás, para a obtenção do grau de Bacharel em Ciências Biológicas. 2008.

REIS, Priscila Camargo; TRÉZ, Thales Astrogildo. *A experimentação animal na Universidade Federal de Goiás: elementos para uma abordagem crítica*. Contrapontos. Vol. 9 nº 2, Itajaí, pp. 77 – 89, 2009.

RHEDA, Regina. *Humana Festa*. Rio de Janeiro: Record, 2008

RIFKIN, J. *Beyond Beef: The rise and fall of the cattle culture*. New York: Dutton, 1992.

RODRIGUES, Victor Hugo Guimarães. *Filosofia Onírica De Gaston Bachelard em Mundos Desencantados e Tempos Sombrios*. Ambiente e Educação. Vol.: 13, pp.67-82, 2008.

_____. *Gaston Bachelard e o maravilhamento da ciência: entre a produção do conhecimento científico e a “práxis” pedagógica*. Ambiente e Educação. Vol.: 14, pp.85-114, 2005.

_____. *Ecologia Onírica e Psicologia Transpessoal - Convergências*. Trabalho de Conclusão de Curso de Psicologia Transpessoal, apresentado à Unipaz-Sul e FISUL/RS como requisito para obtenção do título de especialista, 2011

SALOMON, Marta. Folha de S. Paulo, 22 de abril de 2009.

SAMTEN, Padma; Vitor Caruso Jr. *O Lama e o Economista - Diálogos sobre Budismo, Economia e Ecologia*. São Carlos: RiMa, 2004

SCHMITT, Olegário. *Os animais no Circo*. In: No pé da letra. Ed. Blocos, 1999
Disponível em: <http://www.apasfa.org/futuro/tiao.shtml>.

SHIVA, Vandana. *Monoculturas da mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia*. Trad.: Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Gaia, 2003.

SILVA, Alexander Meireles da Silva. *Utopia para quem? O desenvolvimento da literatura de utopia feminina*. Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades. Vol.VI, n.XXI, pp. 1-14, 2007.

SILVA, Tomáz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 3ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SINGER, Peter. *Ética Prática*. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SINGER, Peter. *Libertação Animal*. Ed.rev. Porto Alegre: Lugano, 2004.

SINGER, Peter; MASON, Jim. *A Ética da Alimentação: Como nossos hábitos alimentares influenciam o meio ambiente e o nosso bem-estar*. Rio de Janeiro: Campus, 2007.

SUL, Jornal Cruzeiro do. *Pecuária emite metade do carbono do País*. Meio ambiente. Sorocaba, p.1, 10 de dezembro de 2009. Disponível em: <http://www.cruzeirodosul.inf.br/img/texto-.gif>

TZU, Lao. *Tao Te King*. São Paulo: Pensamento, 1978.

TRABALHO, Organização Internacional do. *Relatório sobre trabalho escravo no Brasil*. 2006.

WACHOWSKI, A.; WACHOWSKI, L. *Matrix*, 1999. Estados Unidos da América e Austrália: Warner Bros, cor, 136 min.

WATERS, Lindsay Waters. *Inimigos da Esperança*. São Paulo: Ed. Unesp, 2006.

Referências eletrônicas

<http://info.abril.com.br/noticias/ciencia/consumo-de-carne-vermelha-aumenta-risco-de-morte-20032012-21.shl>

<http://madudf.blogspot.com/search?q=carol+adams>

<http://www.apasfa.org/futuro/tiao.shtml>

http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/agropecuaria/producaoagropecuaria/abate-leite-couro-ovos_201103_publ_completa.pdf

http://www.pea.org.br/curiosidades/curiosidades_estudo_01.htm

http://www.theosophical.ca/404_cta.shtml

http://www.uppa.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=80&Itemid=28

<http://www.viajus.com.br/viajus.php?pagina=artigos&id=1223&idAreaSel=1&seeArt=yes>